maleita
LÚCIO CARDOSO
CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA

Lúcio Cardoso

Maleita

Romance

Rio de Janeiro

A

Augusto Frederico Schmidt

1

Agosto, 1893.

As rédeas bambas batiam no corpo do animal e, ao trote manso, o caboclo despencava-se todo, insensível. O olhar parado, não via coisa alguma. Os lábios apertados, contraídos, denunciavam a luta; uma onda amarela espalhava-se rapidamente pelas suas faces, enquanto um tremor sacudia o queixo negro de barba. Súbito, tombou para frente e entregou-se, arquejando de febre, sacudido como se o atacasse o mal de São Guido.

O tremor subia e pela camisa aberta via-se o corpo escuro, molhado de suor. Antes que viesse ao solo, o arrieiro precipitou-se, amparando-o.

Detivemos os animais e apeamos, inquietos por mais aquele contratempo, que vinha nos deter quase ao fim da jornada.

— Que é?

Mas o homem não podia responder. As mãos recurvas raspavam a terra negra. Os cabelos ralos, empastados. E aquele tremor que subia assim, inchando-lhe os olhos, desvairados e fixos. Quando mais forte a febre ia se tornando, ouvimos o

choque dos dentes, surgindo amarelos e firmes na boca entreaberta. Os companheiros procuravam envolvê-lo na baeta que vinha enrolada à garupa do animal. O cozinheiro, conhecedor do mal e dos antídotos, lamentava-se:

— Se a gente topasse fedegoso...

— Quá fedegoso! — respondeu alguém. — Uma purga de urina e fumo tava bom...

Apalermados, olhávamos o homem que a maleita devorava.

Isolados e indefesos, não sabíamos o que fazer.

Elisa tocou-me o braço:

— Ainda estamos longe?

Retornei à realidade. Quase media minhas palavras, num esforço de mentir:

— Nada... Dentro em pouco estaremos lá.

Percebia a noite caindo. Não me escapava a tonalidade escura que as árvores iam adquirindo e nem o sopro que amenizava o calor do dia.

Diante do homem que tremia sempre, minha inquietação aumentava. Precisávamos seguir viagem a todo custo. Chamei o arrieiro e pedi que ele ficasse com o doente. Passado o acesso, seguiriam pela mesma trilha. Concordou.

Enquanto nos afastávamos, voltei-me ainda uma vez para ver o caboclo caído. O cozinheiro sorriu:

— Sezão, nhôzinho...

E dizia aquilo, na tranqüilidade dos que conhecem de há muito um mal sem remédio.

Findávamos o oitavo dia de viagem. Como que o cansaço nos entorpecera. Já não sentíamos as picadas dos mosquitos nem as dificuldades que surgiam a cada momento.

Há muito que por ali deviam ter passado os últimos tropeiros.

O cerrado, antes aparado pelos facões afiados, agora invadia sorrateiramente a estrada, dominando o espaço vazio. Nas curvas cerradas, ainda surgiam troncos abatidos pelas últimas tempestades.

Quase sempre a casca podre fora roída pelas formigas, em fila numerosa pelo solo.

Os guizos das mulas tilintavam. Mais longe, soava, cadenciado e triste, o cincerro da madrinha.

Preocupado, eu ia investigando a hora. Lembrava-me de Elisa, o seu pavor pelas fogueiras estalando à beira dos acampamentos, afugentando o grito angustioso dos queixadas e o urro espaçado das onças. Garantira estarmos em Pirapora ao cair do dia. Confiava em meus cálculos e jurava que o lugarejo não devia se encontrar muito longe. E como a noite viesse chegando, atordoei-me.

Desconheci a trilha. Tive pressentimento de que me desviara. Talvez nos achássemos muito longe do São Francisco... Talvez...

Os guizos tilintavam sempre.

O caminho desaparecia em curvas bruscas.

Ao trote calmo, as rédeas caíam e meu pensamento voava.

Aquela aventura despertava-me estranhas sensações. Nem saberia explicar a razão daquele receio, pressentindo alguma coisa oculta e ameaçadora no recesso do mato. Assim de longe, as touceiras sobressaindo do cerrado igual, eram como figuras extraordinárias, que se agachassem para nos saltar em cima.

Provavelmente cansaço ou influência da solidão. Mas aquele cheiro úmido de mato, aqueles recortes ásperos de galhos nus, davam uma penosa impressão.

Atrás, quebrados de sonolência e de fome, vinham o cozinheiro e o bagageiro. Ficara vago o lugar do arrieiro. A tropa se estreitara e o ruído dos guizos era menor.

Os caboclos cabeceavam, os largos chapéus rebuçados tombados para trás.

Os embornais vazios batiam-lhes nas pernas e restos de farinha e rapadura escorregavam pelos corpos dos machos. As moscas voejavam em torno e aquele zumbido, seguido da música insuportável das muriçocas, acalentava o sono dos homens exaustos.

E mais para trás ainda, fechando a tropa, bestas carregadas de cangalhas, canastras e embornais vazios, trotavam mansamente, os olhos passivos e úmidos.

Calma absoluta. Desânimo crescendo sempre...

Rumávamos para um lugarejo desconhecido naquela época. Era verdade que alguém dava notícias de Pirapora. Os aventureiros e os comboieiros perdidos falavam nas cafuas e na maleita que devastava. Porém, os Menezes, comerciantes em grosso da cidade de Curvelo, escutaram coisas melhores. Alguém, de tato profundo e vistas largas, notou a extraordinária possibilidade de um porto comercial no lugarejo que margeava o Rio São Francisco. Eu chegava então a Curvelo, ardendo para penetrar o sertão. Mandaram-me chamar e propuseram-me um contrato. Representaria em Pirapora, com todas as regalias, a companhia Cedro e Cachoeira de Fiação e Tecidos. Teria obrigação de organizar o comércio e incentivar a vida no povoado nascente.

Mesmo sabendo das coisas que falavam a respeito de Pirapora, não hesitei em aceitar. Poucos dias depois me casava. E junto à mulher, empreendia a aventura.

Agora eu via o rastro das antas e dos queixadas... Um dia, tudo seria diferente...

Compreendia que o pensamento de Elisa voava sobre a estrada e se detinha em Pirapora. Arrastava de Curvelo o temor de quem não conhece o mundo. Insulada na cidade pobre e triste, aprenderia a amar a tranqüilidade daquele atraso. Nela, os dias corriam numa serenidade sem limites. A gente era simples. A vida igual.

Subitamente tudo se afundara e o verde intenso do mato crescia impiedoso no presente.

A tarde subia da terra requeimada.

O cozinheiro pôs-se a cantar.

Os cincerros tilintavam sempre, marcando o passo cansado das bestas.

A trilha rompia bruscamente em curvas ou corria metros e metros na mesma direção. Às vezes víamos, de longe, o vulto de um animal qualquer, provavelmente a sombra rápida de uma anta, que espiava de longe e desaparecia logo no mato. Quando passávamos, um arbusto caído ou a terra escarvada denunciava o lugar onde se metera o bicho.

— Escuta — murmurou Elisa —, que será da gente neste lugar tão longe?

Nem me voltei para fitá-la. Sob a copa das árvores, a noite se aninhava, implacável.

Porém, alguns segundos depois, como a sentisse esperando-me, respondi:

— Sossegue. Que poderia acontecer? A vida é esta.

E quase respondendo ao que ela não perguntara:

— Pirapora não é nenhuma tapera... Lugar novo, você verá.

Entretanto, sentia algo vago toldar-me o espírito, como um pressentimento mau. Não conseguia me libertar da sensação de ameaça que vinha do mais escuro do mato, brotando das touceiras que emergiam as cabeças desordenadas.

De repente voltou-me à lembrança o homem tombado de maleita. E aquela inquietação era como dedos invisíveis, longos e flexíveis, que arranhassem de leve os meus sentidos, tão de leve como a carícia macia de um gato.

O cozinheiro calou-se; no ar ficou vivendo sua voz melancólica.

— Nós saímos assim... — tornou Elisa. — Nem sabemos de casa para pouso...

— Nada disso. Pensei em tudo. A casa já foi contratada. Talvez seja até uma choupana bonitinha — gracejei.

Mas a minha voz soou esquisita, apagada. As árvores ameaçavam com as garras secas. E os gritos do ururau eram mais sinistros, sombrios e cortantes.

Já vibrava no ar o chiar de um ou outro grilo e os gritos ásperos do sapo-cachorro, saudando a noite nos brejos perdidos.

Mais densa, a sombra invadia o mato.

O caminho foi se tornando mais largo, o cerrado foi baixando, os animais penetraram em trilha ampla.

Respiramos um ar diferente, em que havia vagos ressaibos da fumaça que sai dos fornos de barro dos povoados.

E o rio surgiu. Profundamente sereno, ardendo aos últimos lampejos da tarde. Banhado de uma cor indefinível, cinza-verde ou cinza-avermelhado. Parecia uma coisa viva, rolando na areia da praia, diferente da calma que guardava no centro, como a lâmina incendiada de uma faca.

Perto, traía a serenidade de uma invasão indisfarçável. Majestoso, imenso, cheio de pedras e pequenas ilhas, vicejando sobre a água como destroços de um campo invadido.

A brisa vinha nos refrescar as almas, varrendo-as da poeira acumulada na jornada.

Chegávamos. O cerrado baixara completamente e uma areia grossa, areia de rio, recortou o cenário que se aproximava. Notei os dedos de Elisa premindo as rédeas com mais força, num sinal de angústia.

A terra surgia, inóspita e miserável.

Uma cabana humilde, feita de folhas de palmeira buriti, foi o primeiro sinal de vida, o primeiro aceno do povoado.

O ruído claro dos guizos perturbou a tranqüilidade. Surgiu uma crioula gorda, vestida de saia branca e camiseta de cor, na entrada da imunda habitação.

— Ô de casa!

Ela colocou as mãos na cintura e riu:

— Uai gentes, pode chegá!

Convidava, num gesto largo de mão.

Num último esforço, ergui-me na sela:

— Sabe me dizer onde é a casa do fazendeiro Tiago do Brejinho?

— Mais pra baixo... É o rancho perto do capão.

E rindo com estrépito, bateu a porta de buriti trançado, depois de enxotar os bacorinhos que vinham se aproximando.

Os guizos tornaram a tilintar.

Os animais se arrastavam, puxando com dificuldade as sombras sobre a terra cor de sangue. A estrada, já suficientemente larga, abriu-se ainda mais, estendeu novos braços pelos cantos, deteve-se num claro que se abria pouco acima da água impassível.

Uma fileira de casas, talvez uma dúzia, talvez duas ou três, margeava o rio. Adiante, subia outra espécie de rua, onde apontavam as choupanas cobertas de buriti.

O lugarejo era assim como a metade angular de uma cruz, cruz tortuosa e miserável, sobre o vermelho-roxo da terra.

Trazia marcado, como selo racial, o ar bizarro dos quilombos em balbúrdia, hoje aqui, amanhã ao deus-dará, sempre com a fisionomia de transitoriedade dos fugitivos. E sob aquela aparência de negros, a influência mais ou menos viva das tabas indígenas, restos de um barbarismo cuja força a brutalidade da terra não deixara morrer.

Outra crioula surgiu, gingando, uma cabaça dágua na cabeça.

Vinha do lado da cachoeira e repentinamente colocada em nossa frente, sorria enleada, talvez espantada, provavelmente aflita.

— Uai gentes, por que não chegam?

E como apenas a fitássemos, tornou:

— Os bichinhos tá cansado, não tão vendo só como tão babando?

Toda sua figura falava da solidão e da tristeza do lugar, mostrando, em largo gesto, o povoado humilde e o rio sonolento, rolando com dificuldade.

— Não é nada. Sabe onde é a casa do fazendeiro Tiago do Brejinho?

— Que largou o rancho vazio? Óia, é aquela lá... Seu Anjo é quem sabe.

Mostrou o único casebre de telha, feito de adobes grosseiros.

— Obrigado.

Tangemos os animais e penetramos no coração do povoado.

Rolos de fumaça subiam de um forno de barro. Gatos rondavam em torno a dois tabuleiros de broas tostadas, que uma crioula puxava para fora. Na semi-obscuridade, o fogo

tornava-se de um vermelho intenso, esbraseando o espeto de ferro que a mulher segurava.

O ar trouxe o som fanhoso de uma sanfona, misturado ao pleque-pleque de sandálias em movimento.

O grito de um boiadeiro perdeu-se ao longe. O gado gemia, nalgum curral perdido. E sobretudo o rumor da cachoeira abafava, como um surdo rolar de objetos maciços nas pedras nuas do vale.

Eram as vozes do lugarejo, falando.

Cumprimentávamos os caboclos que surgiam no canto escuro das portas, pitando cachimbo ou erguendo o morrão das candeias.

Algumas mulheres vinham suadas, esgrouvinhadas do batuque frenético que haviam acabado de sacudir. Tínhamos o coração opresso, ante o pressentimento que se convertia na realidade lamentável do lugar.

Adiante, o Rio São Francisco absorvia lentamente a noite, prosseguindo imperturbável; as ilhotas eram agora manchas escuras na superfície da água. A música da sanfona morria para trás. As mariposas brotavam em nuvens e os ruídos do mato enchiam o silêncio.

Pirapora, ainda resto de quilombo, era uma realidade em nossas vidas.

Eu já sentia aquele veneno correr no meu sangue.

Diante do pano, "americano" grosseiro que fazia as divisões da casa, Elisa pôs-se a arrumar as coisas, sem vontade, vencida pelo cansaço.

Ainda não era noite completamente, mas dentro de casa estava tão escuro que ela chamou Bento, o cozinheiro, para acender a lamparina.

O suor me inundava, porém nenhum cansaço matava a curiosidade que me revolvia. Desejava entrar num contato mais íntimo com o povoado.

— Não demoro. Só enquanto você prepara a janta — disse para Elisa.

Bento saiu também, para comprar mantimentos.

Sozinha, Elisa abaixou-se para espertar o fogo que estalava sob a tripeça. Depois de pôr água para ferver, ficou quieta, olhos cerrados.

Vinha de fora o gorgolejar cansado das bestas que bebiam.

A um canto, piscava a luz tristonha da lamparina de folha, ressaltando em rápidos brilhos os grandes pregos das canastras.

Lembrou-se do homem caído; o rosto pálido voltou nítido à sua memória, os dentes grandes batendo, aquele tremor que subia sempre. Sezão...

Ergueu-se e foi colocando os objetos mais ou menos em ordem. Era tão grande o seu cansaço, que tudo se lhe escapava das mãos.

Afinal, não resistindo à dormência, atirou-se por cima de uma das canastras, suspirando.

O tempo passou. O fogo crepitava francamente e a voz do bagageiro, conversando com os animais esfalfados, soava longe, muito longe...

Elisa só percebia que ele dizia "meus bichinhos" e tudo se confundia num turbilhão que a aniquilava.

Bento entrou novamente, batendo as esporas com furor.

— Pronto, siá dona.

— Trouxe?

— Nhora não.

— Como? Não trouxe nada?

— Não tinha o quê. Não se come neste mundo. Escarafunchei tudo e não topei nada.

E desalentadamente:

— É mesmo uma porquera de lugar. Só a gente comendo do resto da matolotage.

O mulato expandia-se num gesto de desânimo, eloqüente:

— Corri tudo... Só topei batuque!

— Dança?

— Nhora sim. Tocam sanfona e batem chinela.

— Está bem.

Afundou-se em sombrias meditações. Era o começo. E seria sempre assim, aquela casa nua, com paredes de "americano" e a vida vazia, inútil, infindavelmente monótona. E o homem atacado de febre não a largava, com os grandes dentes num riso largo de escárnio.

Cravou o olhar no fogo que lavrava à toa e pensou em Curvelo, distante léguas e léguas, descansando ainda uma vez nas suas ruas tortuosas e feias.

Nem sabia se aquele passado tinha sido um sonho...

Quando tornei, percebi o desânimo.

— Como vai isto?

— Não sei... Bento não achou nada.

Tomei-lhe as mãos onde palpitavam leves veias azuis.

— Bento teria visto bem? Ora, há de se arranjar...

— Viu. Disse que aqui não se come.

— Impossível! Pois então como vivem? Deve haver qualquer coisa...

E como Elisa apenas erguesse os ombros, concluí:

— Olha, espera um momento. Eu mesmo vou ver.

Hesitei:

— Você não tem medo de ficar só?

Vinha de fora o rumor sombrio do rio.

Sorriu com esforço:

— Medo! Estou muito cansada para senti-lo...

Saí, de coração tranqüilo.

O lugarejo se envolvia numa bruma espessa que nascia do rio, como vapor de água fervendo. A voz da cachoeira dominava.

Caminhava por uma viela malconformada, investigando se encontrava algo com aparência de loja.

Uma ou outra risada vibrava; aquele som feria o ar como uma navalha. Dobrei o ângulo e me achei diante de um casebre, cuja porta aberta deixava ver a figura de um homem, costurando ao clarão indeciso da vela.

Para lá dirigi meus passos, gritando:

— Ô de casa!

O homem, amarelo, pequenino, lançou para fora um olhar indefinível. Pressenti que ele me esperava, e penetrei na casa confiante, para iniciar uma conversa que eu sentia imprescindível.

— Olá, entra...

Tirei o chapéu, penetrando na saleta de chão batido.

Em cima da mesa tosca, enfileiravam-se três ou quatro prateleiras vazias, cobertas de poeira e teias de aranha. Um pano de chita vermelha cobria o vulto recurvo de um baú. Na parede malcaiada sorria um Anjo da Guarda.

O alfaiate costurava um casaco de pescador e a agulha movia-se com lentidão entre seus dedos.

— Boa noite, amigo...

— Boa noite — respondeu, lançando sobre mim um agudo olhar de desconfiança.

— Então, não se come nesta terra?

Sorriu com malícia:

— Pelo que se vê, vossemecê chegou hoje. Se come sim, batatas e carne-de-sol. A gente daí prefere peixe com abóbora ou jacuba...

Procurei erguer os ombros, afetando indiferença:

— Mandei meu cozinheiro procurar e...

O alfaiate, pousando a costura sobre a mesa, molhou os dedos em saliva e espevitou a chama da vela.

— Não é um creoulo meão?

— Justamente.

— Veio aqui tomém. Mas que percura? Não tenho nada não. Aqui é o fim do mundo.

Suspirou fundamente e, deitando um olhar gaiato pelo canto dos olhos, disse:

— Nhor sim, o fim do mundo. Tudo é muito difícil, até a luz.

Mostrou a vela que lacrimejava grossos pingos de cera e concluiu:

— O que tá alumiando aqui é vela de carnaúba que vem da Bahia. Pois costuro pouco, muito pouco, em vista da dificuldade para encontrar outras. Só pego no trabaio nas quinta e segunda. Os gaiola não pára neste buraco e as tropa que vão pelo rio abaixo cobra um desporpósito pra servir a gente do povoado. Isto mesmo quando voltam...

— Mas nenhum vapor pára aqui?

— Nenhum. Me alembrei de reclamá, mas caí em mim que era bobage... Esses matungo se apegam com tudo. O governo dá ajuda pra Companhia de 300 pataracos. Firmaro mesmo um contrato que manda as embarcação topá três dias aqui.

Deixou escapar um muxoxo de desprezo:

— Mas pra quê? Só o diabo vinha morá nesse cafundó. Passam de longe e quando muito, pra não arrepará, apitam duas vezes. Tomém basta. Nós havemo de sabê que o bão passou junto e foi-se embora...

O alfaiate falava vagarosamente, quase arrastado, pesando bem as palavras, com evidente preocupação de falar certo. Quando terminou, fitou-me. Seu olhar parecia dizer: "O senhor não aprova isto? Viu como eu falo bem?"

— É do lugar?

— Nhor não. Vim de Diamantina.

— Mas então...

Olhei as prateleiras nuas, cobertas de poeira. O homenzinho amarelo seguiu-me neste exame.

Com jeito, melifluamente, arriscou terreno:

— É... tenho qualquer coisa aí... do meu. Posso vendê, mas pra remediá, entendeu?

E repetiu intencionalmente "do meu", como se aquelas palavras lhe garantissem o direito de cobrar pelo triplo.

— Aceito — apressei-me a dizer. — Preciso de qualquer coisa.

O homem ergueu-se, gemendo. Tinha uma perna paralítica, envolta em panos.

— Machucado?

— Reumatismo... Velhice... Arranjo das febre.

Foi ao outro compartimento. Escutei o ruído das latas que se abriam.

Pouco depois, voltou, dizendo:

— Tá aqui: feijão, carne-seca e farinha... Serve?

Como eu não respondesse nada, depositou tudo sobre a mesa.

— Paga mais. Se não fosse o transporte que me fez espichar uma porção de cobre!

Enrolei tudo num pano e chegando à porta gritei por Bento que me esperava.

— Leve pra Dona Elisa. Quando o jantar estiver pronto, venha me chamar.

E como o mulato fosse saindo, acrescentei:

— Se ela indagar, diga que estou conversando com...

— Anjo Gabriel da Anunciação, criado de vossemecê — murmurou o alfaiate.

Feliz, sorria com simplicidade, o que me fez lembrar a advertência da crioula à entrada do povoado e a estampa colada à parede suja da sala.

Pela porta entreaberta vi os vaga-lumes que piscavam na escuridão. Pareciam furinhos no ventre escuro da noite. A voz do rio entrava pelas frinchas e gemia num diapasão de água cansada.

Tornei a entabular conversa:

— Então, seu Anjo, o senhor mora aqui há muitos anos?

Antes de responder, o paralítico sentou-se com precaução e tornou a colocar a costura sobre as pernas. Espevitou mais uma vez o pavio da vela e balançou a cabeça.

— Verdade. Há muito tempo. Qualquer diacho meteu-se no meu corpo. Larguei o quieto por este lugar brabo.

Ergueu os ombros com mágoa:

— Antes, era melhor. Dava mais pra viver. Ainda não banzavam por aí os vapores e eu costurava pros tropeiros que eram muitos. Hoje, essa gente tá sovertendo. Parece que vão tomando conta do mato e os arrieiros pateteiam com o mato que vai sumindo... Só mano Ricardo continua firme.

— Ah! mora com um irmão?

Ele respondeu com orgulho:

— Tenho... E nesta terra, foi ele o primeiro tropeiro de empreitada. Ainda era um pichote quando saiu tangendo a primeira tropa. Falava-se muito em assombrações e mulas-sem-cabeça que escornavam os viajantes... Mas tudo isso passou... Nem hoje o mato é como antigamente, sugigando a gente com aquele desperpósito de árvores e espinheiro...

— Que é que esta gente faz aqui?

— Faz nada. Come e dança.

— Pois dançam também?

— Batucam noite e dia. Pra mim é mior, pois guardo ojeriza deles. Bebem muito e dia chega em que topo algum estripado na cerca.

Subitamente, voltou a brilhar, nos seus olhos inquietos, a mesma chama de desconfiança:

— Mas por que se perdeu vossemecê nesses mundo?

— Fui contratado.

— Veio de Curvelo, não foi assim?

— Foi. Tenho seis anos, com a Cedro e Cachoeira.

— Lá mesmo?

— É. Mandaram-me construir, fazer uma cidadezinha.

O alfaiate parecia penalizado. Meneou a cabeça com lentidão.

— Pois é pena, repito. Onde se viu jogar uma bichinha daquelas num buraco como esse?

E como eu, consternado, nada respondesse, apressou-se em dizer:

— Eu assuntei quando passaram... Falaro que a coitadinha ia tão cansada! É fraca, verdade?

Ergui-me, impaciente:

— Olha, meu caro, é a vida. Não podemos lutar contra o que Deus quer.

— Mas vossemecê pode bambeá praí...

— Já estamos aqui, agora é trabalhar.

Comecei a caminhar pela saleta acanhada. A vela clareava ou sombreava o rosto do alfaiate, conforme os movimentos que eu fazia. De fora, começou a soprar um vento quente, inclinando a chama flexível. Fechei a porta e ouvi, mais longe, mais soturno, o rumor angustioso do rio.

33

Sozinho dentro de casa, ocorreu-me uma idéia absurda. Partindo, quem sabe João Randulfo não pensaria que fora por medo dele?

Hoje interpreto esse sentimento de outro modo; naquele momento, o meu sofrimento concentrado era tão intenso que não me importava nem afligia a idéia da morte. Iria partir, apenas pela necessidade moral de não ficar.

Só possuía uma lamparina. Para desenvolvimento do meu plano, precisava de toda luz que pudesse encontrar. Lembrei-me de uma velha candeia que Elisa usava e que mais tarde fora para o quarto de Maria.

Espevitei o morrão e comecei a procurá-la. Arrastei as canastras encostadas, perras pela falta de uso, espantando baratas e aranhas peludas que fugiam ziguezagueando pela parede bolorenta. Abri os velhos embornais esquecidos, as gavetas das mesas, as malas cerradas. Surgiam antigas peças de roupas, algumas cobertas de pó, pés de sandálias, caixas vazias, tudo aquilo fazendo-me lembrar de Elisa, seu vulto curvado sobre os objetos, os longos cílios descidos, imóveis e recurvos.

— Casei-me e ela veio de livre vontade. Tenho que lutar. Minha vida será difícil, áspera... Amanhã mesmo começarei a fazer pesquisas...

— Deus lhe ajude — murmurou o homem, francamente incrédulo.

— Precisava de informes, só conheço o senhor... Não podia auxiliar-me?

Pousou a agulha e respondeu perplexo:

— Mas na verdade... conheço mal a gente daqui. O mano Ricardo é quem sabe de tudo, pois não há palmo de terra que tenha deixado de mexer.

E como fosse a minha vez de fitá-lo, desconfiado, exclamou:

— Não é por ojeriza não... À toa...

— Seu mano está aqui?

— Deve chegar amanhã pela tardinha.

Tomei o chapéu:

— Então...

Calmamente, abandonou a costura e se ergueu:

— Um amigo, é só mandá...

— Amanhã volto aqui. O senhor me auxiliará, está bem?

Sorriu com esperteza:

— Buscá mantimento?

— Provavelmente.

— Tá bem. Talvez arranjemo pra remediá. Vossemecê é de casa.

Sobre mim, a porta fechou-se, rangindo.

Na escuridão, caminhava lutando para não me afastar da estrada.

Vaga-lumes sorriam no escuro. O grito monótono dos grilos cortava o som apagado do rio. Vozes de sapos, de animais

Finalmente encontrei o que procurava. Estava guardado num caixote fora de uso, em meio a outros ferros-velhos. Completamente enferrujada e tão gasta, que largava um pó cor de ouro nos meus dedos. Deitei óleo sobre a imundície e cuidei que o morrão não pegasse, dentro da lama asquerosa que se formou. Mas em breve uma luz indecisa, mais fraca do que a da lamparina, piscou e clareou a casa. Então coloquei-a sobre a mesa e escancarei a porta. Era o meu plano, ridículo hoje, heróico naquela hora. Queria que todos vissem o meu desprezo pelas ameaças.

Agora ouvia todos os ruídos e distinguia as vozes da terra bárbara, chiar de grilos, uivar de animais na sombra, ranger de galhos, rolar da cachoeira, vozes ásperas de rãs e sapos, assovios passageiros de morcegos.

Asas agitadas varavam o escuro. O vale palpitava de misteriosa vida, adormecida com a luz, mas que ressurgia ao escurecer, com extraordinário vigor, fervendo e dominando com o avançar da noite.

Era a terra, a terra roxa e fria, estalando e suspirando no trabalho árduo e fértil da germinação.

Sentei-me e esperei.

Tinha a vinda de João Randulfo como certa.

Para mim ele não podia deixar de vir, nem que fosse para procurar me assassinar à traição.

O tempo foi passando. Então, semi-adormecido, senti uma extraordinária sensação.

Julguei distinguir vozes coerentes na algazarra dos animais. Percebi no correr do rio um sentido que certamente não existia. Compreendi o apelo soturno da cachoeira, como um gigante ferido, chorando. A minha terra, o meu povoado, tinha voz, falava, implorava.

estranhos, habitantes das lagoas invisíveis, irrompiam como um hino bárbaro na desolação da hora. Qualquer coisa, rápida como um relâmpago, bateu-me no rosto. Recuei alvoroçado e na sombra nada distingui.

Uma nuvem me envolveu, gritos agudos soaram bem nos meus ouvidos, senti roçando meu corpo, minha face, animais frios como gelo, desesperados numa fuga louca.

Eram morcegos que varriam o ar, desorientados, enchendo de assovios o lugarejo já por si cheio de ruídos. Depois tudo serenou e parecia que meu coração batia mais forte, quase com precipitação. De um casebre rebentou a música de uma sanfona, seguida de palmas e risos. Mas, coisa absurda, aqueles risos pareciam que também vinham dos brejos escuros, eram inarticulados, ferozes, medonhos.

Um ou outro berro de mulher corria...

Adiante, noutra casa iluminada a rolo de cera, ressoava a mesma música de sanfona, os mesmos risos, o mesmo ruído de sandálias.

Caminhava dominado pela fome.

Outras casas surgiam, silenciosas ou perturbadas pela música.

Saíam da noite, com as bocas escuras das portas escancaradas, engolindo os rumores que brotavam da terra.

Fervia o batuque.

Foi com alívio que cerrei a porta atrás de mim.

O buriti trançado afastava-me do rio, das sanfonas, da realidade.

O fogo alegre crepitava a um canto. O caldo, temperado pela mão de Elisa, fervia com um gorgolejar bom.

Abaixei-me, aspirando com delícia o suave perfume da carne.

Como que a cachoeira crescia mais e desabava mesmo junto a mim e eu me sentia molhado daquela água que queimava como fogo.

E o rio tornava-se uma serpente, vinha rastejando, enlaçava-me como cipó bravio, afogava-me nos seus anéis que ardiam. Depois se estendeu num lençol alvíssimo, amortalhando a planície e o barranco. Subitamente tudo se confundiu.

Trêmulo de frio, ouvi e vi o batuque, sacudido com furor. Um só rastilho estala e rodopia, quando a dança atordoa e relampagueia.

Aquilo vinha como uma folha abandonada, de longe, súbito tombava, girando em torno a negros de olhos ardentes, prosseguindo frenética em círculos, indo, vindo, correndo sempre, numa loucura de braços e pernas que se confundiam.

Nem era dança mais; volúpia que estala como um foguete no ar pesado e denso... Luxúria que nasce na música envenenada das sanfonas e cresce, quando os sons galopam e desenfreiam em rápidos trejeitos de quadris nervosos.

Aquilo trazia em si o sabor selvagem do mato e fremia na rudeza dos próprios instintos desconhecidos. Carne que se confunde com o mato, que se integra na água, que se estende com volúpia no sentido do sertão inculto, corpo, alma, sangue, carne, que sente ardendo em si o fogo da terra esturricada e o bafejo do rio fecundante...

Depois tudo foi desaparecendo. Eu não sabia se estava dormindo ou se estava velando. Apenas, estava presente. Torturava-me um frio desconhecido e glacial. Batia o queixo e sonhava com brasas.

Quanto tempo durou aquilo?

Acordei angustiado e molhado de suor.

— Então?

Voltou para mim os olhos fundos:

— Quase pronto.

E percebendo aquela palidez e aquele cansaço que a tornavam mais fina, perguntei:

— Está doente?

— Cansada...

Então tomei a colher de pau e, provando o caldo, comecei a mexê-lo vagarosamente...

Somente o morrão da candeia ardia ainda.

Randulfo não viera... A madrugada apontava.

E compreendi que a febre mecânica, a maleita impiedosa, trouxera para mim, naquela noite, o batuque impiedoso da doença.

2

A lamparina fumegava sobre a mesa improvisada. Na quietude do momento, a pena rangindo sobre o papel era o único ruído que se ouvia. E enfim tudo silenciava completamente, quando me detinha, fitando a gota de tinta que se arredondava no bico aparado. Notícias para Curvelo...

Lá fora a noite calma escondia a vida e só o respirar da aldeia, os gritos dos animais ressoavam.

Ainda me lembro do que escrevia naquele instante. Certos momentos da vida guardam toda a pureza do primeiro instante, quando lembrados anos mais tarde. Então, tinha percebido a terra do futuro, aquela que surgiria da areia grossa do rio e assentaria as suas bases onde então recendiam os maracujás bravos.

Bem sabia que a vida em breve transformaria aquele ermo, que a cidade nasceria lentamente sobre as taperas escuras. E as cafuas, abandonadas nas margens das estradas, desapareciam diluídas na poeira dos caminhos. Pirapora sumia como uma paisagem indecisa que o tempo deslustrasse; uma fumaça brotava do solo e outro Pirapora, remoçado, com os caminhos trilhados pelos carros dos boiadeiros, tremia no fundo indeciso da minha memória.

34

— Bento!

— Pronto, nhôzinho...

— Decidiu? Vou-me embora mesmo...

Ele ficou olhando para mim, aflito e indeciso.

— Não faz mal que você fique...

— Não... sim, perciso de falá com Maria.

Ergui os ombros. Fomos caminhando.

A casa das prostitutas era perto do botequim de Elias.

Bento bateu na porta. Fiquei um pouco afastado, esperando. Passados alguns momentos, surgiu Ema, a antiga viajante do gaiola.

— Maria tá?

Correu aflita para dentro.

— Maria! Maria!

Ouvi chinelas que se arrastavam. Depois grito abafado... Bento penetrou na casa...

Voltou atarantado.

— Nhôzinho...

Fitei-o e compreendi.

O deserto me contaminara e as palavras saíam fluentes, pois eu falava como coisa sua, sentindo-me átomo daquele todo que era o sertão.

As horas deslizavam.

Sob o sol da manhã, a aldeia readquiria outro aspecto, mais claro, mais alegre, mais comunicativo. Havia vida nas folhas das árvores, no rio, na terra fértil e na pureza do céu.

Engoli o café e saí, dirigindo-me à casa do alfaiate.

Os casebres já estavam abertos e as crioulas estendiam roupas no capim, fitando-me com curiosidade, os braços escuros torneados de espuma clara.

Gatos sonolentos se espichavam ao sol. E as galinhas ciscavam, espalhadas pela estrada. Profunda paz se derramando sobre as coisas.

Anjo Gabriel da Anunciação já estava trabalhando.

— Bom dia...

Guardou a linha que passava para um carretel grande. Novamente surpreendi um olhar astucioso e desconfiado, transformado num relâmpago.

— Queria que você fosse comigo até lá embaixo...

— Pois não.

Colocou os objetos na gaveta e, arrastando a perna paralítica, seguiu-me. Tossiu levemente e disse:

— Seria mior esperá mano Ricardo, mas desde que vossemecê qué mesmo assuntá a zona...

Percebi quebrada a frialdade dos primeiros momentos. Durante a noite, qualquer coisa se apagara no seu espírito, algo vago como uma dúvida, que não chegara, espécie de nebulosa, a tomar forma durante o dia.

Pôs-se a falar com volubilidade, sem preocupação:

— Sim... ela, mesmo assim...

Abaixou a cabeça.

— Que é que se há de fazê?

— Então... você?

Tangi o animal lentamente.

— Adeus...

— Nhôzinho!

Voltei-me. Era sincera a aflição do caboclo.

— Mecê tá assim... amarelo, doente?

— Tive um acesso esta noite... Sezão...

Então ele suspirou e disse:

— Pois não se esqueça, uma pinga de urina e fedegoso é bom...

Sorri. E na manhã que avançava, fui trotando lentamente, com o gosto amargo de maleita que o rio me deixara na boca.

— Vossemecê talvez goste do lugarzinho; não é lá muito civilizado... Tudo chegará a seu tempo. A gente não pode ficá maginando que isto seja sempre assim, o fim do mundo... Nem sempre será como no dia do Paraíso.

— Que quer dizer com isto, seu Anjo?

— Que nós, os alfaiate, ainda veremo miores dias em Pirapora. Os crioulos agora pescam nus e eu não posso zangar contra eles. Como passam o dia todo pescando...

— Completamente nus?

— Geralmente.

Seguiu-se uma pausa longa.

A manhã crescia e da mata vinha o esfuziar estridente das cigarras.

— Onde vamos, seu Anjo?

— Vamos vê o Randulfo. É um crioulo besta mas serve pra isto.

O rio marulhava e tinha cintilações violentas de cobre.

— Que espécie de homem é esse Randulfo?

— Randulfo? Metido a sebo. Receita tisanas e como amedronta os caboclos pensa que é coisa. Vossemecê verá...

Colocado em plano muito inferior ao povoado, estava construído o casebre do curandeiro. Tinha uma porta arrancada e o mato rasteiro ia invadindo vagarosamente o circuito em torno da casa, subindo pelos ingazeiros de folhas escuras e tomando conta do caminho rasgado até a porta. Os porcos focinhavam livremente nas fossas imundas, abertas em toda parte. Um tacho de fazer sabão, meio carcomido pelo tempo, estava aberto junto à cerca, e a colher abandonada servia de poleiro a um galo cego.

Randulfo surgiu, esfregando os olhos. Correspondia à medida que eu talhara para sua pessoa. Todo ele transpirava

manha e esperteza, como o mel farto que escorre pelo orifício dos favos. Não era moço. A carapinha começava a embranquecer junto às orelhas, caídas como as de um cachorro e as rugas sulcavam-lhe as faces enfeitadas por uma barba rala, enrolada em ponta sob o queixo.

Atrás dele, uma negra seminua resmungava. Os seios grandes balançavam, e tinha pisaduras, cicatrizes, mordidas, pelos ombros, pela cara. Quando percebeu que nos aproximávamos, correu para dentro, rindo muito alto. Anjo disse para mim:

— É muié dele...

Fomos chegando, afastando o carrapicho que teimava em nos segurar pelas calças. A voz do alfaiate tornou-se mais pachorrenta, como da primeira vez em que o vira:

— Bom dia Randulfo... como vai vossemecê?

O mulato calçava chinelos vermelhos, bordados grosseiramente.

Parecia satisfeito com o "luxo", pois movia os pés, fitando-os com insistência.

— Bom dia... Traz um hóspede, seu Anjo?

— Trago sim. É de Curvelo.

— Arrancha por aqui?

Adiantei-me:

— Talvez... depende.

— Hum!

Tirou um pedaço de fumo do bolso e pôs-se a mascar, enquanto me fitava.

— Vossemecê vai fazer casas?

— Realmente vou — respondi admirado.

Um sorriso clareou-lhe rapidamente o rosto:

— Olhe seu moço...

E apontou-me a trena e o metro que surgiam de um dos meus bolsos.

Rimos.

— Foi por isto mesmo que eu vim aqui. Queria saber umas coisas.

— Ora, logo a mim que vossemecês se alembraram de percurá?

Mascava com mais força, satisfeito por nos termos lembrado justamente dele.

Quis atacar logo a questão. A manhã estava muito quente e o mulato não nos convidava para entrar.

— Tenho de construir alguns prédios, mas este negócio de terreno é uma escolha difícil. As enchentes são perigosas e creio que esta zona é uma das que mais sofrem.

— Vossemecê tem razão. A água sobe arriba todo ano e deixa a gente desatinado.

Mas subitamente João Randulfo abandonou o tom de amável indiferença que conservava.

Tornou-se eloqüente, procurando demonstrar-me a superioridade do lugar onde construíra seu casebre. Percebia ele qualquer coisa que eu não conseguia ver no tumultuar das suas palavras.

— As suas casas ficarão mior beirando a minha. No meio daqueles caboclos perrengues, vossemecê não viverá seu quieto. Brigam à toa e puxando fala daqui, conversa dacolá, acaba um de barriga pro ar. Até magino que andam de trato com o sujo. Vossemecê pode carreá água pra aqui com menos trabalho e as tais casa andarão depressa. Lá não há jeito não.

Revirava os olhos, inundados de ternura, como numa banha grossa.

— Mas se houver uma grande enchente?

— Grande enchente? Por aqui arriba, meu compadre, a maior que já apontou a cabecinha no barranco foi a de 1883.

— Pode ser que venham outras maiores que a de 1883.

— Ora, não podemos viver assim aperreando o futuro. Antes da coisa a gente assunta bem o terreno e pronto... Deus não tem espia no mundo pra maginá desgraça. Até sei de um perau ali que pode servir de porto. Olha, não tou engabelando não, mas nestas coisas tenho golpe de vista, sim senhor. Sou barranqueiro...

— Isto é um assunto muito sério, seu Randulfo.

Fitou-me com os olhos arregalados:

— E não estou falando sério? Pela luz que nos alumia!

Acreditei. Mas não tardaria que me apercebesse valer pouca coisa para João Randulfo a luz do sol.

O alfaiate colocou-me em contato com a gente do lugar. Depois, como me queixasse da falta de ferramentas, alugou-me velhas enxadas e machados à razão de 50 réis diários.

— Era bem verdade — disse — não serem muitos novos...

Bateu uma palmadinha na barriga e concluiu:

— Olha, mano Ricardo chega hoje... O sr. pode mandá-lo a Curvelo, buscá o que percisar. Enquanto não volta, se arruma com isto mesmo... Ferro velho também tem a sua serventia...

Depois do almoço, quando voltei a procurá-lo, encontrei Ricardo Rafael da Anunciação, o irmão a quem aludira tantas vezes e condutor de uma tropa de aluguel. Feitas as encomendas, como a pressa fosse muita, ficou combinado que ele partiria naquela mesma tarde.

Curvelo era muito longe. Longos dias eu deveria esperar para iniciar definitivamente os meus trabalhos.

Enquanto isto, fiz um plano de aprender melhor os hábitos e conhecer mais a vida da aldeola.

Sob o calor intenso, os homens desciam para o descampado.

A areia, encarcerando o rio, tinha crispações extraordinárias, brilhos de metal polido. A água desmanchava-se em ondulações na areia e arrastava galhos partidos, envoltos de espuma... A primeira enxada reluziu ao sol e a primeira ferida rompeu o seio da terra.

Agora, cinco enxadas se moviam, os reflexos eram mais violentos, o rumor mais forte.

A terra revolvida surgia ensangüentada e cedia sem esforço. De vez em vez o grito agudo do ferro raspando pedra enchia o ar. Logo, do mato, o quenquém respondia, tal como se um ferreiro malhasse, em estranha forja perdida na claridade intensa do dia.

Os crioulos cavavam sempre, com os corpos também luminosos, na glória daquele esbanjamento de luz, de reverberações esparsas por toda a terra, como um rio de ouro correndo sobre o vale.

As enxadas se aprofundavam mais fofas, fáceis.

Dava ordens, sentindo o cheiro penetrante das árvores e da terra, subindo e bafejando-me o rosto. Repentinamente um friso branco cortou o vermelho. Curvei-me, examinando.

O suor escorria pelos corpos e pingava lentamente no solo. Areia... Areia, rangindo entre meus dedos. Sempre, sempre, areia e areia, descendo e descendo.

João Randulfo me enganara. Naquele lugar ainda era o leito do rio, pois a terra superficial desaparecia ao primeiro esforço. Outrora a água passara por ali, fecundando a vegetação que avultava impunemente. Movi a cabeça, cons-

ternado. O sol rebentava a terra. A areia, esturricada, ardia com relâmpagos de brasas. Mais longe, a praia inteira ardia, em setas que se perdiam no ar.

Da porta de sua casa, o mulato seguia meus movimentos e via os trabalhadores parados, luminosos. Ergui-me sem uma palavra, fiz um gesto aos crioulos, que abandonaram a tarefa começada.

Subimos novamente para a estrada. Ali o mato crescia livremente e os espinheiros apareciam dominadores — toda uma floresta de árvores antigas, perfumada pelo cheiro adocicado dos maracujás.

As enxadas se abateram sobre a folhagem e, destroçando as raízes, descobriram o solo negro e fértil.

João Randulfo, à tardinha, foi visitar o alfaiate e disse:

— Olha, seu Anjo, diga pra aquele home, que ele não faz as casas pegado a mim, mas que pode contá um inimigo...

E, ao cair da noite, aproveitando a fresca que descia, Ricardo Rafael partiu para Curvelo.

Guiava os tropeiros que tangiam os machos, chocalhando cincerros pela estrada poeirenta. As bruacas, de lado, balançavam ritmicamente. Da porta, Elisa seguia a tropa que partia. Via os homens amarelos, denunciando a maleita que devastava. Durante algum tempo, escutou o guizo dos animais. Depois tudo foi desaparecendo, machos e homens de aspecto doente, como se o mato fosse uma boca aberta que os engolisse.

3

"... e, conforme esperávamos, é este o ponto propício para fazermos os armazéns. Tudo é muito grande e os caminhos são muito largos, cumprindo somente que estudemos o meio de diminuir a distância. Precisamos que os vapores, já por si tão escassos, se detenham aqui para avivar o comércio, trazer mantimentos e levar correspondência. Espero também as sementes..."

Antônio Menezes sorriu. Dobrou a carta que um tropeiro lhe trouxera e passeou pela sala, as mãos atrás das costas, distanciado. Naquele mesmo dia pediu à Câmara de Curvelo providências para que os vapores da Companhia de Navegação Baiana, obrigados por contrato, se detivessem em Pirapora.

Também ele reconhecia, mesmo de longe, o valor do comércio naquela zona fluvial. Como ponto de convergência, o lugarejo tocava com todo o Norte, pelas águas do São Francisco.

E agora, passando os dedos pelo queixo áspero sorria como um conquistador.

Uma tarde, eu e Elisa conversávamos com o alfaiate, que se tornara o nosso melhor amigo, quando distinguimos ao longe poeira que subia batida pelos pés de animais.

— Veja — exclamei —, talvez possa ser Ricardo.

A conversa morreu naquele ponto. Nossos olhares convergiam para o pó que escurecia a estrada.

Elisa sentiu o coração palpitar com maior violência. Comprimiu a garganta seca com as mãos, sentindo uma onda de esperança invadi-la. Se fosse o tropeiro, teria notícias da sua gente, da sua casa, de Curvelo.

Esperávamos, silenciosos.

Principiamos a ouvir os cincerros e em breve podíamos distinguir o vulto do irmão do alfaiate, à frente da tropa.

Ergui-me, sem dominar a impaciência que me subia. Tinha as faces ardendo e afinal saí de corrida, ouvindo o riso claro de Elisa e o pigarro satisfeito de Anjo Gabriel.

Ainda sua voz me perseguia, repleta de orgulho:

— Espiem, é ele mesmo, o Ricardo... É valente, caboclo, não há que negá. Desde que virou gente que tem essa cisma de mato... Não tou proseando não...

No tinir dos cincerros, eu escutava vozes que me falavam dos dias vindouros, dias que se delineavam ainda na bruma dos meses. Correndo, via as cabeças arrepiadas das crioulas, e as chancras esparramadas que voavam sobre o solo. Gritos partiam de todos os lados e eu corria sempre. Lentamente, os animais penetravam no povoado. Arfando de cansaço, segurei as rédeas do tropeiro, enquanto em torno de mim o vozerio recrudescia e as cafuas se abriam, surgindo por encanto, cabeleiras em pé, pernas nuas e olhares pasmados.

Já todos sabiam que eu viera fazer outra cidade, melhorar tudo, obrigar os vapores a parar no barranco.

Ricardo falava-me, do alto da sela, satisfeito.

Atrás os burros arrastavam cangalhas, sacos de mantimentos, malas, canastras, instrumentos de trabalho.

Era uma estranha procissão aquela, com os animais vergados ao peso de tanta carga, tentando derrubar carrapichos e carrapatos grudados aos corpos, com o rabo sujo amarrado em nó.

E a voz do tropeiro ia falando novidades:

— Perto de Pitirica caiu um barranco e matou um menino que brincava. Seu Inacinho da vendola está de mau-olhado e Nhá Lula teve parto desinfeliz.

E suavemente, o esquecimento se apoderou de mim.

Sob a luz da lamparina que exalava um cheiro enjoativo de óleo de mamona, eu traçava planos.

De fora vinham os sons de uma sanfona tocada sitos junto de mim.

Pancadas discretas estalaram de fora.

Levantei-me e abri a porta. A sanfona perdeu-se dentro da noite. Randulfo entrou, com o rosto velado pela sombra do chapéu rebuçado. Permanecemos mudos, algum tempo. Foi ele que rompeu nervosamente o silêncio.

— Vim... vim lhe pedir um oséquio...

— Fale.

O mulato fitou-me com angústia. Alguma coisa parecia prestes a saltar-lhe dos lábios e entretanto esforçava-se para ocultá-la, temendo qualquer coisa.

Tive um gesto de impaciência. Precipitou-se, como quem se livra de um peso:

— Vim lhe pedir... para construir os tais depósitos junto de mim.

Rompendo a mordaça que o retinha, pôs-se a falar rapidamente, tão junto a mim que eu sentia o bafo morno do seu hálito inundar-me o rosto:

— Vi a chegada de Ricardo... Por que teima em alevantar as casas longe de mim? Não há mior lugar, é cisma. Há quantos anos moro ali! Por oséquio, por vossemecê mesmo, construa lá!

— Por quê?

Então achegou-se mais e tão junto, que vi suas pupilas crescerem junto às minhas, enormes, cor de cinza:

— Perciso, juro. Vossemecê pode contá com minha amizade.

Encarei-o de frente, procurando ler outras intenções. Tive raiva naquele momento, do homenzinho que esperava com angústia a minha resposta. Pressentia-o suspenso dos meus lábios.

— Não preciso da sua amizade... O senhor pensou que eu era pateta e quis enganar-me.

Os olhos de Randulfo tornaram-se luminosos como os de um gato. E os lábios descoravam até o branco.

— Recusa?

— Recuso.

— Talvez se desgoste adispois.

— Não seja besta.

— Será tarde, meu véio.

— É melhor que se vá. Por que ainda veio aqui?

Gaguejou:

— Tou só avisando... Vossemecê me paga! Descadeiro sua vida!

Recuou lentamente. Agora suas extraordinárias pupilas eram verdes e ante minha calma todo ele tremia, afastando-se:

— Assunta bem no que tou dizendo... Sou macaco sabido, muita gente tem se margado por causa de menos... vai ver!

Bateu a porta. Encontrei-me novamente só. A sanfona surgia claramente no silêncio.

Abri a gaveta, pensativo, acariciei a garrucha. Meus olhos, porém, fixavam uma carta aberta sobre a mesa, onde pressentia minha futura defesa.

Era de Antônio Menezes e dizia:

> "... escrevi depois, conseguindo a parada, por três dias, dos vapores da Cia. Baiana. Creio que o "Saldanha Marinho" já aí se deterá no próximo..."

Fechei a carta e continuei meus planos.

A cachoeira como um grito se avolumando...

Manhã.

Detive o mulato.

Ia metido numas calças de zuarte e carregava uma rede de pescar.

— Olá, amigo, pelo que vejo vai pescar?

— Nhor sim.

Fitava-me desconfiado, constrangido.

— Escuta: preciso de trabalhadores. Quer ganhar dinheiro?

— Nhor não.

Surpreendi-me:

— Pescar é menos rendoso. Vou lhe oferecer um bom serviço, quer ver?

Coçou a carapinha:

— Vossemecê sabe... não é por isso...

Parecia cada vez mais confuso.

— Então?

— Mode seu Randulfo... Ele disse pra gente não i...

Era verdade. O mulato vingava-se.

— Mas é por causa daquele ladrão? Você tem medo dele?

— Nhor não. Mas não é bom caçar ojeriza com ele... Os doente...

Traía um invencível receio. Randulfo era para eles sagrado.

— Só por isso?

Afastou-se um pouco, prudentemente. A expressão do olhar mudou. Denunciava agora dúvida, maliciosa piedade.

— Some, diabo! — gritei furioso. — Ainda há muita gente por aqui.

Mas havia muito pouca. Foi ainda o alfaiate quem me disse:

— Olha, tou lhe contando isso porque sou amigo... Mas tou arriscando a pele. Pode ser que um dia apareça emborcado aí na estrada...

E como eu ardesse de impaciência, disse muito baixo, olhando para os lados:

— O Randulfo disse pro pessoal que não o ajudasse, pois vossemecê tinha ordes de Curvelo pra queimá as cafua toda e roubá os mulatos. Disse mais que se visse caboclo trabaiando, trabuco véio ia funcioná...

— Seu Anjo — gritei —, ajunte essa gente, eles não podem dar crédito a esse intrujão.

O alfaiate permanecia imóvel.

— Chame, traga tudo!

— Mas como? Não vale a pena pôr sentido nessas coisa... Eles não acreditariam...

— Acreditarão.

— Mesmo que acreditassem, pra não se moverem, fingiam que davam razão ao Randulfo... Conheço esses cabra. Diabo de preguiçosos...

Abati-me. Realmente, não valia a pena lutar.

— Cuidado — prosseguia o alfaiate... — Vossemecê tem muié, não pode ficá espetado na ponta do facão de qualquer vira-tripa...

A lembrança de Elisa serenou-me.

— Talvez você tenha razão. Mas é preciso trabalhar.

E concluí, percebendo que essa última razão vencia por completo:

— Não tenho coragem de voltar a Curvelo assim... Que diriam, vendo minha volta, sugigado por um crioulo qualquer?

— Não se avexe. Há muitos meios.

— Quais?

— É mior mandar buscá gente de fora.

— Alugados?

— Nhor sim.

Pensei um pouco.

— Tenho de esperar mais... Agora que a ferramenta está aí, falta gente... É o diabo...

Fomos descendo para o rio. Ali mesmo combinamos nova partida de Ricardo, desta vez para a Bahia, de onde traria operários. Os homens desta zona eram conhecidos como trabalhadores e mesmo que não tivessem outras qualidades, para mim já seria uma grande coisa, ter gente que me fosse dedicada de corpo e alma.

Ao cair de uma tarde os "imigrantes" apontaram no princípio do caminho. Formavam uma longa fila que vinha pela margem do rio, como serpente que rastejasse junto à água.

Muitos chegavam esfarrapados, descalços, o rosto afilado pela fome. Outros se vestiam melhor, com sacos pendurados nas costas. E ainda outros arrastavam mulheres e filhos, e até cachorros e papagaios.

Apesar de tudo, a certeza do trabalho e a necessidade de alegrarem a longa caminhada iluminavam as faces de suave alegria. Pressentia-se, no grupo roto, os sinais de familiaridade que traz a convivência longa, um aspecto comum de gente

da mesma família, vibrando às mesmas alegrias e sofrendo pelas mesmas necessidades.

As pernas nuas dos caboclos vinham lanhadas dos espinhos dos caminhos, das pontas agudas dos xiquexiques, os estômagos inchados de alimento forçado de raízes e folhas desconhecidas.

Os que tinham deixado família longe depunham na terra que pisavam agora as suas maiores esperanças. Sonhavam mandar buscar um dia as "velhas" e as "comadres" que haviam ficado, os "trastes", a parentada toda, unida pela miséria e pela adversidade.

Era como uma corrente dágua que chega e que se comunica com o fio antigo por um filete exíguo... Os rostos sujos, as mãos de dedos magros, as pernas marcadas de urzes, os rostos inchados de maleita, povoavam a estrada que conduzia a um futuro melhor.

Em breve a algazarra soou no povoado.

O choro das crianças misturava-se ao latido dos cachorros e aos gritos dos papagaios. Avançaram com os trapos tremulando à brisa, o passo tardo, inundados da paz que descia sobre o lugarejo.

Nas cercas, as flores grandes das abóboras, ou as espigas louras do milho, balançavam saudando. Os caboclos do lugar, reunidos num só bloco, fitavam estupefatos a invasão.

Como? Aquela gente toda, barulhenta, diferente, vinha ocupar o povoado?

Sentiam-se esmagados pela vivacidade dos imigrantes, mais alegres, mais cheios de vida.

Mudos, seguiam o desfilar dos forasteiros, mediam as mulheres com o olhar, desviando a vista das miradas dos homens.

Estavam vencidos.

Diante da gente que chegava, senti-me tomado por extraordinária emoção. A sombra aumentava os contornos e a multidão parecia maior, mais agitada, mais poderosa.

Falei do motivo por que os mandara buscar tão longe, com a terra cheia de caboclos saudáveis e fortes. Mas a atenção com que me escutavam falava bem da alegria que sentiam, no limiar da nova vida.

A noite chegava. Os trapos balançavam menos, noite marcava as faces de traços fundos. Os olhos cintilavam com mais intensidade, as árvores cresciam dentro do círculo de sombra.

Dei toda minha sinceridade aos vultos apagados que me ouviam.

Pedi que se dispusessem do melhor modo possível. Fossem arranjando assim mesmo. Dia viria em que possuiriam tudo que a terra lhes negava agora.

Como outro rio, as vozes rolaram, confundindo-se com o rumor da água que corria perto, crivada de pequeninos rastos luminosos que fugiam e voltavam sem cessar, conforme o ondular das vagas.

Em sua choupana, mal clareado pelo rolo de cera, João Randulfo sorria, esperando a sua vez.

4

Quando a noite baixou completamente, as fogueiras crepitaram sob o céu e as árvores tornaram-se rubras, inquietas dentro da sombra.

As fagulhas subiam em turbilhão e se abatiam sobre o rio.

As madeiras estalavam e os caldeirões de ferro chiavam, enquanto um vozear incessante enchia o descampado, a estrada e a praia.

Velhas vozes contavam velhas histórias:

— Lembra-se? O marido caiu furado de bala e a sogra morreu de veneno. A coitada ficou só neste mundo de Deus e não teve alma que a quisesse ajudar nas aperturas. Andou penando por aí e acabou dando pra beber. Depois a boca do mundo andou cheia de histórias... Mas água tanto bate até que fura. A desinfeliz foi acabar na cadeia, depois de um processo por cima das costas que ainda acabou com o velho Totonho, que morava no Ribeirão. Mecê não se alembra dele? Aquele que rezava muito e os meninos chamavam de seu padre porque distribuía medalhinhas da Virgem.

E a enfiada continuava sempre, arrastadamente. Ninguém se cansava de rememorar fatos caducos e havia mesmo um secreto encanto nisto, agora que pisavam terra diferente e os

elos de uma outra vida haviam se partido na longa peregrinação pelos caminhos difíceis.

As mulheres amamentavam os filhos ali mesmo, puxando para fora os peitos descaídos.

Os sertanejos desembrulhavam os sacos e espalhavam os objetos pelo chão, sentindo necessidade de alguma coisa que ainda falasse do velho lar desmanchado.

E encontraram nos trastes um cheiro conhecido, da casa com o quintalejo, da cisterna enegrecida e mesmo das grandes serranias que cercavam o vale.

Alguns armavam as redes de tucum entre dois troncos de árvores, com o cachimbo fumegante nos dentes negros. Os mais idosos, de cócoras junto ao fogo, provavam o caldo e contavam histórias do gado e da seca de tal, que fora muito mais forte que a dagora.

As fogueiras clareavam as faces e ao mesmo tempo as tornavam indecisas como máscaras de contornos destroçados pelo tempo.

Um ou outro caboclo do lugar imiscuía-se satisfeito de ouvir outras vozes e saber de outros fatos.

A aliança parecia feita. Muitos tomavam do mesmo caldo e até iam em casa "buscar temperos" que os imigrantes desconheciam.

Descobriam conhecidos inverossímeis entre as pessoas e riam muito, citando fatos de que ninguém se lembrava. As roupas penduradas nos galhos pareciam bandeiras soltas e esfarrapadas.

Apesar do vozerio, percebia-se uma calma pesada caindo sobre o acampamento.

Dormiam.

Os últimos restos de fogueiras palpitavam no chão, no sorriso das brasas que ainda chiavam... Caldeirões vazios, latas

abertas, papéis amarrotados, garrafas vazias, gente misturada, corpos nus, animais enrodilhados, panos esquecidos...

A cachoeira caía com menos rumor.

Repentinamente um berro varou o coração da noite.

Dois ou três tiros secos repercutiram e um rumor estranho cresceu da margem do rio. Elisa sacudiu-me:

— Ouviu? Há qualquer coisa lá fora!

Sentei-me estonteado, esfregando os olhos, procurando os chinelos com o pé.

— Que foi?

— Tiros... Ouvi... Deve ser do lado do rio...

Outro berro cortou o silêncio e gritos soaram lá fora:

— Socorro! Socorro! Soc...

Transportei-me de um salto à realidade. Enrolei-me num capote pesado e perguntei a Elisa:

— Esperas?

No escuro, seus olhos cintilavam febris.

— Espero.

E não havia nada naquela voz que denotasse o mínimo receio.

A vela mal chegava para clarear o centro do quarto e a noite lá fora era densa e sinistra.

Abri a porta, aconchegando-me sob o capote, pois do rio soprava um vento frio.

Novamente o silêncio envolvera as coisas e após os pedidos de socorro, parecia que a calma era mais suave, envolvendo a terra como bruma.

Cautelosamente circunvaguei o olhar, procurando desvendar o que ocultava a sombra que me rodeava.

Lembrei-me de que não trouxera armas. Quis retroceder, mas a tranqüilidade era tão grande que julguei inútil a precaução.

Neste instante, a lua surgiu, clareando a aldeia.

De um canto avançou um vulto curvo, dobrado sobre o ventre.

Recuei. Seria uma cilada? Ocorreu-me rapidamente o nome de Randulfo.

O vulto deu ainda dois ou três passos, emitiu um princípio de palavra, um "soc" sufocado, que o obrigou a levar as mãos à garganta.

Depois ergueu a cabeça e tombou silenciosamente como surgira.

O corpo estava inteiro sob a luz da lua.

Jamais poderei me esquecer daquele vulto lívido, caído dentro da noite. O rosto longínquo como o de um cadáver, sozinho sobre a terra, cercado por um ambiente diferente, sinistro, quase sobrenatural.

Outros vultos vieram surgindo. Abaixaram-se. Traziam velas e lamparinas cujas chamas protegiam do vento com as mãos em concha.

Agiam em tão grande silêncio que pareciam fantasmas. Mas não tardou que eu percebesse soluços. Soluços quebrados, comoventes, como gotas confusas de água, rolando maciamente sobre musgo.

Aproximei-me vagarosamente. Logo que penetrei na área iluminada pela lua, uma mulher correu para mim, segurando-me com força:

— Acuda, acuda, mataram meu irmão!

Tinha os olhos salientes e torcia as mãos nervosamente, os cabelos revoltos, o aspecto desordenado.

— Como? — perguntei com voz embargada.

Então golpeou-me no peito, furiosamente, porque eu não compreendia a urgência do momento:

— Como? mecê não vê? Ali! Mataram o pobre, mataram!

O homem ferido continuava de bruços, cercado pelos companheiros desorientados.

Fui andando, seguido pela mulher que praguejava, que praguejava sempre, sem uma lágrima consoladora que a abatesse sobre a terra úmida.

O ferido arquejava penosamente e um riacho de sangue crescia-lhe lentamente em torno do ventre.

— Tiro?

Um dos homens moveu a cabeça enquanto eu reconhecia a inutilidade da minha pergunta.

— Como foi?

— Gente da terra — exclamou outro, sem disfarçar o desprezo que sentia.

— Então... houve alguma discórdia?

A mulher gemeu:

— Foi um crioulo. Não vi bem quem era... Foi tudo na tocaia, sem motivo...

Ajoelhei-me também e ergui a cabeça do ferido.

Nas feições contraídas pela agonia, reconheci um dos trabalhadores que chegara cedo. Comoveu-me o drama simples do "alugado", que morria assim, longe da sua terra, assassinado na batalha pela vida.

Dois ou três tiros no estômago derrubavam para sempre aquela esperança, que horas antes sonhava com um futuro melhor.

— Ajudem-me a levá-lo... Segurem pelos pés...

A mulher puxou-me violentamente:

— Morre?

Encolhi os ombros:

— Sei lá... Talvez não... por que havia de morrer?

Mentia, quando o som que brotava do peito do infeliz já era um som diferente, cavo, denunciador. A sombra da morte infiltrava-se astuciosamente naquela boca negra, aberta, que engolia a noite.

Erguemos o corpo e caminhamos para casa.

O homem baleado tinha os olhos semi-abertos; percebia-se que suas pupilas estavam fixas no céu estrelado, sem brilho e sem expressão. Assim como cansados de fitarem as coisas da vida.

Elisa, com a candeia erguida, iluminou a entrada.

Arrastamos uma esteira e colocamos sobre ela o corpo inanimado.

— Veja água — disse.

Continuava arquejando vagarosamente, com as faces lívidas onde porejava um suor grosso como óleo. O ventre perfurado por duas balas; rasguei-lhe a roupa, deixando à vista dois buracos negros, de onde escorriam filetes tênues de sangue.

A irmã levou as mãos ao rosto e deixou escapar um grito abafado. O pranto rebelde inundou sua face e ela tombou sobre a canastra, varada de soluços.

Sem palavra, Elisa aproximou-se e passou a mão pelos seus cabelos.

— Como te chamas?

— Maria...

— Pois Maria, você virá morar comigo... Ficará para sempre, compreende?

Ela nem pôde fazer outra coisa senão soluçar mais forte. Elisa continuava a acariciá-la. Do meu canto, amparando o moribundo, eu investigava os seus olhos grandes, suaves, que pareciam maiores e mais ternos, falando com a moça que chorava:

— Não chore... para quê? É a vida...

No seu modo de falar, havia o tom de uma renúncia qualquer, de um sofrimento calado que eu não chegava a compreender. Mas nunca eu a ouvira falar com tanta suavidade e jamais compreendera a vida tão despida de interesse como naquele momento.

Quando a água chegou, tremendo dentro da cuia, me pus a lavar as feridas. Recurso do sertão.

O homem gemia mais fundamente: as olheiras roxas em torno dos olhos semicerrados alargavam-se pela face. Espuma borbulhava nos cantos de sua boca. Bateram à porta. Elisa abriu-a. Percebi lá fora faces atônitas que se moviam.

Era ainda gente forasteira, sentindo-se ameaçada na terra estranha.

E vinha um rumor apagado de vozes, choros de mulheres, exprimindo a angústia que se abatera sobre eles.

Fecharam a porta novamente.

E dentro do quarto, o estertor do agonizante misturava-se ao choro da irmã. Aos poucos, fui compreendendo a luta que sustentava. Pareceu lembrar-se de algo, nebuloso e vago; moveu os braços no ar como se procurasse segurar qualquer coisa. Talvez alguma lembrança perdida da infância que o assaltava no momento supremo, obrigando-o a confundir a realidade. Malgrado meu, não podia desfitar os olhos do homem que partia. Que não desejaria ele dizer naquele momento? Promessas, votos, confissões de arrependimento... Sentia a tragédia palpitando nos meus braços e os esforços do homem que procurava inutilmente segurar a vida. Era a carne ainda, a carne gritando da beira do abismo, o instinto animal olhando ainda com loucura a longa estrada que ficava...

Depois, tudo foi acabando, como música em surdina que terminasse.

O choro foi se calando, os estertores desaparecendo, o homem se reclinou docemente no meu braço, como se dormisse. Uma calma profunda desceu sobre o aposento. Ouvíamos o chiar dos grilos lá fora e o cheiro do morrão penetrava com intensidade em nossas narinas. Muito mais longe, ouvíamos o rolar da cachoeira e assim ficamos, sem coragem de sairmos dessa posição, olhos parados nalgum ponto, premidos sob o peso do sobrenatural.

A morte penetrara na sala.

5

Manhã de vento. O vaporzinho vinha de longe lutando contra o rio. Defronte do lugarejo, pôs-se a apitar. Aquele silvo longo, doloroso, soava como um apelo, onde só o grito da ventania desabava de vez em quando. Depois a proa rodou vagarosamente para o lado de Pirapora, ferindo a água que se abria em duas asas de espuma. Do barranco, eu seguia vibrando de emoção, todos os movimentos do gaiola.

Nesse momento os homens trabalhavam nas construções. As vigas se amontoavam e os adobes recentes rachavam ao sol impiedoso.

— Espia! — gritou alguém. Logo, todos os instrumentos se detiveram. As mãos rolaram inertes, o barro secou nas traves abandonadas. Saíram correndo. Também ao longe, pescadores que estendiam redes se detiveram de repente. Com as mãos nos olhos, as roupas esmolambadas batidas pelo vento, ficaram espiando o vaporzinho que chegava.

Boquiabertos, os crioulos abriam as cafuas. Gente começou a sair de todos os cantos. Parecia um formigueiro subitamente em atividade. Mulheres que dormiam nas esteiras vinham aos gritos, sacudindo na corrida os largos peitos flácidos.

Meninos largavam os brinquedos e chegavam, sujos de terra, agarrados às saias das crioulas. Os trabalhadores se moviam sem descanso. O barranco já estava repleto. E ainda de lugares mais distantes vinha gente, correndo sempre, batendo os braços.

As cafuas vazias eram sacudidas pelo vento; o capim, batido, se inclinava docemente e parecia correr também, saltar as cercas arruinadas que aqui e ali surgiam dividindo quintais.

Serenamente, o gaiola vencia o rio que fugia, aberto em largos frisos que se alastravam mesmo à flor dágua. As máquinas gemiam cansadas. Gente comprimida no convés, subindo e descendo ao sabor dos movimentos do gaiola, dava adeus com as mãos ou agitava as trouxas de chita encarnada. Todo um mundo de homens malvestidos, carregando sacos nas costas e fumo no canto da boca. Mulheres de roupas vistosas. Gente de todas as classes. Inundou-me uma alegria doída. Vinham para o meu lugarejo, dispostos a lutar comigo. E a certeza daquela solidariedade fazia-me vibrar de entusiasmo. Com os olhos nublados seguia o vapor que se aproximava lentamente do barranco, mais alto daquele lado. Agitavam lenços e os caboclos respondiam gritando. Um menino chorava alto, desgarradamente. E aquele choro, vindo do rio, perturbava a claridade da manhã como um lamento longínquo e triste de animal abandonado. Da terra se lembraram de agitar qualquer coisa. E logo trouxeram folhas largas de taioba e de abóbora, enquanto o burburinho das conversas se tornava mais intenso. Fumo negro subia em rolos grossos, pesados, da chaminé do vapor. Aquilo vinha como um largo respirar de cansaço, de estafamento da viagem. Despejavam para o rio uma tina de água. Na confusão, não se ouvia o ruído do líquido tombando. Mas a água pura escorria num largo jorro de luz; de lá o homem suspendia a tina e enxugava o chão molhado com um pano escuro. O ar impregnou-se de um cheiro estranho,

a graxa e sebo. Ora tudo desaparecia e dominava um perfume de carne, de cozinha, de carvão ardendo. Víamos as tábuas gastas das lavagens. Papagaios se empoleiravam nas portas. Alguém abria apressadamente uma trouxa. A chita vermelha dava um tom alegre ao grupo amontoado.

Pouco a pouco, morreu o ruído das máquinas. O vaporzinho chegava devagar, parecendo que se aproximava ao impulso do vento. Já agora, o silêncio era perfeito. Ouvíamos as copas das árvores tremendo, o barulho das cercas quebradas rangendo...

Estenderam de bordo a prancha. Outra vez o burburinho tornou-se intenso. Desceram homens e mulheres, atarantados, conversando muito, arrastando cães e papagaios, trouxas no alto da cabeça. Alguns leves esboços de choro. Os cachorros que chegavam misturavam-se aos da terra — corriam assanhados entre as pernas dos homens e orelhas no alto, puxavam as saias das mulheres, assustados com os movimentos dos pés esparramados. Mais forte, chegou até nós o cheiro de carne e de graxa, cheiro de bordo, de viagens exaustivas.

O fumo da chaminé continuava subindo, espesso e negro, em largas ondas compassadas. As vozes de bordo retiniam, gritando para os que estavam em terra.

Dez, vinte, trinta passageiros. Contavam a sua história, porque tinham sabido do lugarejo, quais eram as suas esperanças. Vinham em busca de trabalho, esquecendo os lugares gastos, a seca dizimando populações inteiras, vidas paralisadas ao sopro de morte que vinha de longínquas cidades interiores. Falavam do trabalho como coisa abençoada. Eu escutava as vozes arrastadas, roucas, falando tudo no mesmo tom, sem uma emoção mais forte que as fizesse vibrar. Mostravam os braços magros, endurecidos no largo período de inutilidade. Outros, não diziam nada, sentindo talvez que tudo era pequeno, diante do que esperavam. Esses olhavam longamente a terra, bebiam

pensativos a fartura que corria pelos areais, nas grandes flores de abóbora e nos ramos escuros das melancias. Mais longe, o milho balançava-se suavemente e as esponjas amarelas enchiam de perfume os caminhos tortuosos e fundos.

O vapor descarregava sacos de mantimentos, bagagens, malas e caixotes, animais e ferramentas. Vinha tudo de mistura, arrastado pela prancha, amontoados em desordem no barranco. Os casebres dos imigrantes foram invadidos pelos forasteiros. Muitos alugavam, visando lucros. Outros, satisfeitos da novidade, cediam por obséquio, dividindo com os viajantes a jacuba e a esteira.

Junto ao barranco o movimento diminuía. Porém os cachorros farejavam ainda, lambendo restos de farinha e caboclos faziam encomendas ao comandante. Também fiz as minhas. Contava agora com o gaiola em frente ao lugarejo, de quinze em quinze dias.

Ao cair da tarde, o apito soou novamente. Recolheram a prancha e o gaiola adernado endireitou-se. A proa rodou novamente para o meio do rio. A água verde tremia junto às pedras. Adiante, em uma ilhota isolada, o mato recolhia lentamente a sombra. O vôo moroso das garças cortava a tarde mansa. E o fumo negro, em ondas espessas, caminhou e desapareceu nas águas que a noite absorvia.

Cresceram as fogueiras pelo anoitecer.

As barracas foram levantadas apressadamente. As rodas em torno das sanfonas eram maiores. Velhas modinhas surgiam por acaso e as cantigas do sertão eram cantadas com o ardor que só a saudade sabe dar...

Gemiam nas portas dos casebres os instrumentos rouquenhos; e os caboclos de pés descalços mostravam as suas habilidades num ou noutro repinicado bem batido.

Os grupos, junto às velhas canoas abandonadas, criavam jogos e mágicas. E nem mesmo o mau cheiro da água podre das chuvas, amontoadas no casco morto, os afugentava desse vício inocente.

Mais lentas, as garças passavam e os gritos ásperos da ema traziam de súbito a lembrança inútil do mato.

As construções cresciam. Cresciam esteios em todos os cantos. A madeira batida pelos martelos cantava todo o dia. Rangia o ferro. A terra revolvida se amontoava em montes escuros junto aos esqueletos. Vinham do mato estacas novas para as cercas. Nas largas tinas misturava-se a cal. As brochas ensaiavam o trabalho da pintura. Braços se movimentavam constantemente.

Todo o dia, passavam os caboclos pescando. Traziam para vender aos trabalhadores. E quando a luta cessava um momento, era para se preparar o fogo onde fazer a comida. As latas, negras de fumo, estalavam. A gordura do peixe corria, cheirando. As galinhas ciscavam por perto e os galos cantavam, sempre distantes, quando novamente a faina recomeçava. Então guardavam os espetos e o barulho do martelo voltava a vibrar. As tinas cheias de água vinham do rio. Cresciam cercas aqui e ali. O arame novo brilhava como lâmina. O trânsito dos carros de bois, pesados de adobes, marcava fundo o barro dos caminhos. Misturado aos trabalhadores, sentia partindo de mim mesmo, aquela força que erguia as casas e movimentava o lugarejo, como sangue correndo para o povoado triste.

As casas se cobriam rapidamente. As cafuas dos caboclos pareciam mais miseráveis e sujas. E os braços descansavam, abaixando e subindo naquela luta constante. O barro, em crostas

escuras, secava pelos caminhos, quando terminavam as construções.

O batuque se feria na praia, ao anoitecer. Com o calor, o rio era um paliativo desejado. As risadas vibravam na sombra, longas e incessantes. E ao pé dos vultos dos prédios que cresciam, pequenas fogueiras assavam broas para os trabalhadores. Farto, inundava o ar o perfume enjoativo das esponjas. Os grilos enchiam de inquietação o mato escuro.

Rolava o tempo.

Raro era o dia em que um cavalo, vindo do sul ou do norte, não trouxesse mais uma pessoa para o lugarejo. Tinham sabido da notícia a muitas léguas de distância e vinham ver com os próprios olhos.

Mercadores ambulantes surgiam como por encanto, arrastando caixas cheias de bugigangas, fitas, sedas e grampos com pedras brilhantes.

Também se aproximavam barcos com mercadorias, negociando com os habitantes, a troco de moedas ou mesmo produtos do lugar, que iam vender mais adiante.

Assim, todos os dias, as madeiras das velhas embarcações rinchavam, sacudidas junto ao barranco, pelo manso rolar das vagas.

Os comerciantes expunham os objetos em caixotes sobre a areia, como feira de cidade adiantada.

Objetos de vidro, anéis de metal, broches, fitas de seda, grampos, copos de lata com açúcar, fôrmas de doce, barbatanas para espartilhos, meias, bolinhos, carajé.

Um turco, chegado de Diamantina, estabeleceu uma vendola de cachaça.

O comércio cresceu e em breve ele mesmo atacava a construção de um barracão para estabelecer o negócio, que passou a chamar-se o "botequim do Elias".

Baianas cheias de colares, de um negro luzidio, faziam pãezinhos de mandioca e broinhas de milho, ou assavam em fornos de barro, para venda durante a noite.

Apareceu o primeiro baralho e não demorou muito que surgissem dados.

O buzo e o 21 vieram tomar lugar importante.

Os conflitos tornaram-se freqüentes; os homens apareciam esfaqueados ou baleados pelos caminhos, sem que ninguém conseguisse achar o assassino. A tocaia era um meio seguro de matar impunemente.

Bem que eu sabia ser obra dos mulatos, mas nada podia fazer.

Ao amanhecer, estavam sempre dois ou três barcos atracados no barranco, despejando mercadoria e material.

A vida tornou-se rápida, o progresso do lugarejo evidenciava-se da noite para o dia.

Nos casos de sangue, o recurso mais próximo estava a quarenta léguas de distância. Foi nestes momentos que Elisa se revelou com toda força da sua dedicação.

Auxiliava-me a lavar com água, sal e vinagre, tripas sujas de areia, restos sangrentos que brotavam de ventres rasgados, costurando tudo com agulha de fardo e linha de algodão.

O remédio era incrivelmente bárbaro. Porém, poucos morriam.

A maioria ficava viva para narrar o horror daquela operação, feita à luz trêmula dos candeeiros, pelas mãos grosseiras de um homem e pelos dedos trêmulos de uma mulher.

A maleita interrompia o ritmo da vida. Alguém tremia sob o sol, os pés atolados na lama, indiferentemente à faina que corria.

Falavam em mortes; porém tudo aquilo era tão vago...

Os homens suportavam o ataque do rio. Por vezes ele cobrava a moeda de uma vida. Aquela desgraça já era habitual.

E apesar de tudo, Pirapora começava a ter vida própria, seus primeiros dias de existência real, perturbada pelos apitos dos vapores que chegavam, o barulho das armações e a matraca dos mercadores no barranco.

6

Naquela época fazia a chamada dos trabalhadores por meio de uma velha corneta. O som quebrava o silêncio da manhã e eu dava as instruções ao pessoal reunido, atento e silencioso.

Os operários me compreendiam perfeitamente, trabalhando com atividade. Ninguém mostrava a mínima contrariedade, executando com cuidado as indicações que fornecia.

Mas um dia, faltou entre eles, o carpinteiro Ezequiel.

Ébrio inveterado, Ezequiel tirava a noites para discutir na tenda do seu Canuto, crioulo pernóstico que também vendia cachaça aos homens, pelo dobro do preço por que negociava com os barqueiros.

Estranhei aquela ausência e perguntei o motivo a um negro, inseparável companheiro de Ezequiel nas bebedeiras.

— Tá preso — respondeu-me.

— Tá preso como?

— Nhor sim. Perto do capão, lá no mato.

E disse o lugar, onde se encontrava detido o carpinteiro.

Resolvi saber que era aquilo. Por muito que eu avançasse nas minhas idéias, nunca poderia supor até onde chegava o código selvagem das leis do sertão.

Num casebre de palha de coco-buriti, fui encontrar o crioulo metido num tronco feito de duas tábuas de jatobá.

Estava visivelmente cansado, com as pálpebras semicerradas e uma intensa palidez nas faces.

— O que é isto, rapaz, que está você fazendo aqui?

Fez um desesperado esforço para sorrir:

— Tou preso...

O espanto crescia em mim, que ignorava absolutamente a existência daquele tronco.

— Mas quem o colocou aí, podia me dizer?

— Foi só Canuto. Devia cinco mi réis a ele e como onte vossemecê tivesse drumindo, me escornou aqui a noite intirinha.

— Só por isso?

— Nhor sim, só por isso.

Hesitei que deliberação tomar. Estava revoltado contra a estupidez do mulato, mas seu Canuto era um dos naturais e mais valia operar com tato, do que precipitar um conflito de maiores conseqüências.

Resolvi mandar chamar o astuto negociante de cachaça.

O homem chegou, com um brilho prévio de desconfiança no canto dos olhos cinzentos.

— Seu Canuto, por que prendeu meu carpinteiro?

Ele sorriu, mostrando os dentes gastos de fumo. Era um riso de senhor que nada teme, a quem todos devem alguma coisa.

— Porque sim. Esse cabra mardito me deve cinco mi réis — condescendeu em dizer.

— O senhor é autoridade? — perguntei.

— Não.

— Como pode então mandar prender um homem, sem mais nem menos, só porque ele não lhe pagou uns miseráveis cinco mil-réis?

O crioulo deixou-se levar pela raiva. Seu rosto escuro tornou-se cor de cinza e gaguejou:

— Olha, mecê fica sabendo de uma coisa. O Randulfo já havia me contado... Mecê veio atrapaiá a gente e entupiu a cidade de nortista chegado... Nós não arreceamo a sua força, tá ouvindo?

— Idiota.

— Pois é. Inté fiz com os moradô antigo um ajuntado prá alevantá esse tronco. Só a gente é que pode prendê malandro aqui.

— Seu Canuto — bradei —, mande soltar meu carpinteiro, já!

Ele parecia disposto a lutar.

— Nhor não. Só adispois que ele pagá o que deve.

— Pagarei por ele.

— E mais a carcerage.

Momento de silêncio.

— Carceragem? Quanto custa?

— Quatro mi réis.

A ira contida explodiu dentro de mim:

— Mas o senhor não pode fazer isto. Ninguém prende por dívidas e ainda o senhor quer cobrar a quem acaba de injuriar desse modo?

O crioulo há muito esperava essa ocasião para dizer aquilo que pensava:

— Nada. Mecê não pode mandá na terra alheia. Botou gente de fora aqui, mas esse cujo só desagarra daí quando pagá o que deve. E pagá tudo...

Então aceitei a luta. Tive a compreensão de que, num meio onde só valia o mais forte, também só a força poderia vencer.

— Bem, a lei é essa. Pode ser que eu seja o mais forte. Vou ser defensor deste homem e soltá-lo, compreende, seu Canuto?

O crioulo, pela primeira vez na discussão teve o coração ferido por uma ponta de receio. Mas não recuou:

— Mecê não vai fazê isso.

— Faço, por que não?

— Mecê arrepende...

— Vamos ver.

Nas construções, já muito adiantadas, os homens trabalhavam, enquanto o ruído dos martelos e pedras quebradas enchia a solidão do dia.

— Bento! Bento! — gritei.

Era um crioulo forte que me servia com fidelidade e zelo.

— Arranje por aí mais três homens dispostos, armados de machado e venha comigo.

E poucos minutos depois, seguido dos quatro gigantes, retornei à cabana de palha.

Canuto estava de pé, vigiando o tronco, armado até os dentes. Tinha os olhos luminosos como os de uma fera e percebia-se que não hesitaria um segundo em atirar sobre o prisioneiro.

— Não se acheguem, eu mato!

Paramos.

— Quero que esse titica fique preso aqui... Ninguém tem nada com isso.

Resolvi empregar a tática.

— Calma, seu Canuto, vamos apenas conversar.

Ele tinha os olhos cravados em mim; seguia-me os mínimos movimentos, com a vivacidade de um felino.

— Conversá? Prêmero meu pagamento.

— Pois vamos pagá-lo... Viemos para isso.

Deu uma risada.

— Mecê é muito sabido, porém ainda não topei home prá mim. Engambelou a gente toda daqui mas agora tem que havê comigo...

— Seu Canuto, o dinheiro está aqui. Somente eu vou aproximar...

O crioulo hesitou. Então, me adiantei cautelosamente.

Quando estava bem perto do carcereiro, gritei com voz possante: Bento! Sem saber o que fazia, temendo uma cilada, Canuto volveu o olhar assustado para o grupo de capangas, enquanto que eu, rapidamente, passava-lhe uma rasteira.

Os homens se atiraram sobre ele e amarraram-no, depois de uma luta incrível, em que Canuto se defendeu como um leão. Subjugado, amarrado, pôs-se a vomitar todas as injúrias possíveis. O ódio tornava-lhe a face verde enquanto os apodos vis brotavam incessantes da sua boca ensangüentada.

Retiramos Ezequiel do tronco, meio desfalecido de cansaço.

— Agora, coloque lá os pés deste mulato — ordenei.

Canuto espumava, gemendo e ameaçando.

— Disgraçado, vai vê como te mato adispois... vai vê filho da mãe!

— Deixa disso.

— Eu te mato, traste ruim, vai vê!

Subitamente pôs-se a chorar de raiva. O pranto rolava sem interrupção, fervendo-lhe nos olhos esbraseados.

— Descansa aí três dias, sem comer — disse eu por despedida.

— Cachorro! Ladrão! Tipo ruim!

— É a lei.

Dez homens, bem armados, ficaram vigiando o tronco, pois bem podia ser que a caboclada tentasse soltá-lo na calada da noite.

Escoaram-se três dias.

Ao entardecer do último, um dos homens que eu deixara lá surgiu no meu casebre:

— Olá...

— O home tá chamando mecê.

— Já?

— Nhor sim.

— Diga que já vou.

Logo que o emissário partiu, coloquei o chapéu na cabeça e fui ver o que desejava o prisioneiro. Apesar de tudo, tinha pena dele.

— Pronto seu Canuto.

Estava profundamente transformado. A magreza fizera desaparecer da sua face aquele ar intolerável de arrogância. Os olhos haviam perdido o brilho e conservavam-se inchados de um pranto inútil. Todo ele respirava cansaço e abatimento.

— Tô morrendo de fome... mecê tá me acabando...

— Quererá me matar ainda?

— Foi uma bestera...

Estudava-o. Seria uma simulação? O homem estava muito abatido para isso. Talvez falasse a verdade. Estas almas que se incendeiam por um nada também se arrefecem facilmente.

— Se eu soltá-lo, portar-se-á bem?

— Juro! Mecê venceu... Vou até me aperpará pra saí...

— Sair de onde?

— Daqui... Fugi...

— Fugir? Para quê?

Ele baixou os olhos:

— Adispois do acontecido...

Compreendi o orgulho do caboclo. Um de nós era demais ali. A terra devia pertencer ao vencedor. Muito mais tarde, eu iria conhecer por mim essa verdade amarga.

— Pois bem, vou deixá-lo sair.

Soltaram-no.

Depois de haver se alimentado, partiu de Pirapora para nunca mais voltar. A humilhação daqueles três dias horríveis bastara.

O tronco ficou abandonado no casebre de palha, com as correias pendendo à toa. Voltaria um dia...

7

Exmas. Sra. Dna. Eliza eu lhe escrevo estas poucas linhas mal escrita sendo que eu tenho tomado nota de vossa prutegida eu fiquei gostando muito dela. Si ela quizer asseitar um cazamento com migo nos podemos cazá apezar de eu ser cazado mas podemos cazá com o padre ele caza quem qué na Barra do Paracatú em combinação de todos da familia Si foi asseito o pedido.

Saudações a todos.

Bento Pinto de Souza.

*

Exmo. Sr. Amigo Joaquim
eu hontem não fallei nada é porque estava muito cheio de gente eu escrevo este mal trasado bilhete para o Senhor i a dona Eliza para consultá com a moça Si asseita o pedido o não a dessizão por minha parti eu ficava muito satisfeito porque é moça do trabalho é grosseira não é infeitada.

é do meu gosto

Resposta hoje sem farta.

Do capataz amigo

Bento Pinto de Souza

A minha velha de Curvello não tá incomodando diz que pozo casá muntas vezes. O padre tambem do amigo vosso capataz.

O mesmo

Olhei para Elisa e rimos.

— O Bento quer mesmo se casar com ela. Disse que pegou isso desde a morte do irmão.

— Mas ele não pode! — exclamei. — Deixou mulher e filhos em Curvelo...

— Fala que já a consultou...

E Elisa tornou-se grave. O problema parecia preocupá-la.

— O que é pior não é isto. Maria crê nesse casamento e não sabe que Bento é casado.

— Se soubesse?

— Desistiria, certamente.

— Seria melhor avisar...

Dias depois, vendo o capataz cabisbaixo e triste, perguntei-lhe pela noiva.

— Cabou tudo.

— Por quê?

— Disse que não havéra de casá com home casado, que eu enganei ela.

— Ora, console-se Bento, mulheres não faltam. Ele moveu a cabeça:

— Como aquela não, nhôzinho...

Fez um gesto convicto e suspirou:

— Coitada da bichinha, o que ela derramou de choro!

— Muito?

— Nhor sim. Vai-se embora da casa do patrão...

— Da minha casa? Por quê? — perguntei atônito.

— Vai arranchá com uma conhecida da terra. Não qué me vê mais.

E a voz do caboclo estava trêmula. Senti a dor, que o pungia.

— Deixa estar — murmurei procurando disfarçar minha emoção.

Três dias depois, apesar dos rogos de Elisa, Maria, a irmã do imigrado, mudava-se para casa de uma amiga.

E de lá escrevia para nós.

8

Era fértil a terra do lugarejo. Tudo nascendo espontaneamente, à vontade da natureza, como um grande quintal de plantação descuidada.

Na vasta extensão da praia, os montículos de areia encobriam melancias de polpa cor de sangue.

Como as melancias que inchavam ao sol, além, nos quintais batidos, no mato, em toda parte, o mandiocal viçoso, de folhas ásperas e escuras, fornecendo o alimento ou a morte. Era comum morrerem crianças por terem comido mandioca brava. Ficavam roxas e já era quase uma lenda, aquela morte estúpida, que escurecia a vítima e a retorcia em convulsões.

Ainda havia a abóbora, invadindo todo o espaço possível, trepando nas cercas arruinadas, abraçando as pedras, brigando com as melancias por um palmo de areia da praia.

Melancia, abóbora, mandioca...

Na extensão da margem, as folhas se amontoavam como um rebanho de carneiros verdes. Folhas largas e duras, ressaltando o amarelo-ouro das flores grosseiras da abóbora, estranguladas pela folhagem áspera que se arredondava, guardando a umidade fecunda do orvalho. Os frutos, semi-enter-

rados na areia, surgiam aqui e ali, no meio do verde móvel e rumoroso.

As mulheres vinham apanhá-las nos jacás de taboca trançada, ou partiam ali mesmo a polpa pontilhada de caroços negros.

Costumavam improvisar fogões de pedras ao ar livre e cozinhar abóbora com peixe, o que não dava muito trabalho...

O peixe...

O rio era evidentemente o fator principal da vida no lugarejo.

Trazia de longe os barcos semicarcomidos, navegando lentos por causa da água que sacolejava no bojo apodrecido, a cabeça de cachorro na proa, balançando ao vaivém da maré. E trazia ainda os troncos de árvores e as jangadas mal construídas, rodopiando na massa escura como um brinquedo perdido.

Eu via o rio e a paisagem acordava dentro de mim outros pensamentos.

Via o rio, a servir o homem, o homem a viver daquela água, necessitando dela para tudo em sua existência primordial.

Por ele vinha a imigração nortista.

As barcaças cruzavam-no confiadamente, os pescadores atiravam as redes, fornecia água para todas as necessidades, desde o alimento até a construção das casas.

A cidade precisava do rio.

Ela era como uma flor crescida à margem, que tinha as raízes plantadas no fundo limoso do seu leito.

Os homens, desciam para pescar completamente nus.

Nenhum pudor diante das mulheres, ou das crianças, que muitas vezes imitavam o exemplo e desciam para bater a roupa, apenas com os cabelos enrolados no alto da cabeça.

Eram, como os peixes e os animais, criaturas que não precisavam de outras vestes senão aquela que Deus lhes dera.

Quando pescavam de rede, entravam na canoa e iam procurar as grotas e os lugares propícios.

Junto à cachoeira que se estendia na extensão de todo o rio era o ponto predileto para os "dourados".

Os peixes saltavam faiscantes e eu gostava de vê-los saírem, confundidos com os corpos escuros dos homens, prateados pela água.

Os "surubis" pescavam-se mais adiante, quase num remanso, onde crescia erva miúda e intensa. Geralmente eram enormes. Possuíam uma gordura espessa. As mulheres os cozinhavam na própria banha.

A pesca de tarrafa era feita na margem do rio.

O pescador esperava pacientemente que o tremer da água denunciasse se o cardume era de curimatás ou matrinchãs.

Então a rede se estendia rapidamente em círculo sobre a água e trazia, para a luz do sol, peixes miúdos que saltavam inutilmente dentro das malhas.

Espalhavam tudo pela areia e ali mesmo faziam a divisão ou vendiam para quem desejasse.

Depois disto iam dormir.

Por último, ainda havia o "batin".

Espécie de instrumento bárbaro, que lembrava o arco e a flecha dos indígenas.

A corda terminava numa flecha com ponta em arpão de ferro. Atirado sobre o peixe, zunia e penetrava na água, fisgando-o com incrível rapidez. Um meio prático que poupava as malhas da rede.

Fora estes três meios, o anzol era pouco procurado. Somente para a espera noturna do surubi ou dourado de quilos.

Como os primitivos, eles se distinguiam na pesca. Enquanto as crioulas lavavam roupas nas margens, os seios caídos roçando a flor da água, os homens ensebavam as cordas para que a distensão fosse mais rápida.

As crianças nuas faziam buracos na areia ou dormiam à sombra das árvores, misturadas com as galinhas e porcos. Os mais velhos armavam arapucas para pássaros e caçavam lagartixas às pedradas. Todos tinham os ventres inchados e amarelos, quase cor de cera da terra. As moscas, saídas dos monturos de fezes da estrada, pousavam naquelas barrigas.

Não existiam latrinas. Muitas vezes topava com costas nuas que luziam agachadas. O mato era imundo e certos lugares fediam a muitos metros de distância.

Numa noite de lua os barcos estavam preparados para a saída. O tempo quente favorecia os homens nus.

Os mastros oscilavam docemente e as cabeças de cachorro, armadas para espantar caboclo dágua, pareciam mais feias e grotescas.

Alguém predizia que o diabo do rio andava solto naquela noite e pedia que recitassem os esconjuros para afugentá-lo.

Quando me aproximei, o silêncio caiu, o serviço parou, as mãos tombaram inúteis.

— Vocês andam nus — falei. — Parece que não conhecem Deus nem temem sua vontade. Ele proíbe que as criaturas andem nuas; na capital, em Curvelo, todos os homens se vestem...

Sentia sobre mim os olhares chocarreiros dos crioulos. Eles me escutavam mas bem que eu percebia quanto davam pelo meu discurso.

— Vossemecê sabe que é mior para a pesca... Adispois vestimo todos.

Durante algum tempo falei sobre os homens civilizados e a vontade de Deus. Com preguiça, ouvindo o marulho do rio e o calor latejar no meu sangue.

Quando acabei, afirmaram que não poderiam pescar vestidos. Mesmo, caboclo dágua se virasse o barco, eles morreriam afogados, pois não saberiam nadar.

Então, percebi que a suavidade era inútil.

Teria de lutar com energia para vencê-los.

Depois deste aviso, prosseguiram nos mesmos hábitos, sem o mínimo escrúpulo. Os homens passavam diante de mim, vergados ao peso dos surubis. As mulheres procuravam melancias no areal.

Nenhuma vergonha, nenhuma demonstração de cinismo.

Simplesmente, como os animais vivem entre si, selvagens e puros.

A promiscuidade, a orgia noturna, após os batuques, como que era lavada nas águas claras do São Francisco, ao primeiro atirar de tarrafas pela madrugada.

O rio lavando os pecados dos homens...

9

As casas, feitas de palha de buriti, possuíam metade das paredes barreadas por causa do inverno. Mesmo assim a água filtrava-se e o solo de terra batida tornava-se pegajoso, intolerável. As chancras pesadas grudavam-se na lama, os dedos rachados de frieiras enterravam-se na massa infeta. As achas, amontoadas no canto, ficavam cobertas de bolor, e o musgo brotava das fendas. A palha do teto amarelecia e, antes que apodrecesse completamente, os homens encomendavam aos carreiros novas partidas de folhas verdes.

A vela, espetada no portal, pingava gotas que escorriam lentamente sobre os ombros nus, transitando ou dormindo sobre peles de capivara. No espaço acanhado, amontoavam-se cabaças, peles de antas e de arinhanhas, cornos de bois, bexigas cheias que tinham o privilégio de espantar o "sujo". Bancos grosseiros de madeiras verdes, redes envelhecidas pelo uso, anzóis e redes de um lado para outro do teto, cuias quebradas, outras com plantas medicinais. A umidade e o mofo emprestavam uma tonalidade cinza aos objetos pendurados.

Então, o batuque transportava-se para o terreiro, sob a luz da lua.

O chão era previamente batido e varrido. Ficava aquela areia limpa, onde as galinhas não podiam pisar. Enxotavam os porcos para longe e, com os ramos apertados por cipós, afastavam as pedras e os cavacos de lenha.

Armava-se a fogueira, com troncos e galhos secos, alguns que chiavam e pingavam água todo o tempo. Por cima, colocavam os caldeirões e as latas para melado, com rapadura e água.

O fogo começava. A primeira língua lambia as achas, crescia, tomava conta de tudo. Em breve rolos espessos de fumaça enchiam o terreiro.

Os crioulos iam chegando. Faziam o círculo, sentados com as pernas cruzadas, deixando o espaço livre para a dança.

As sanfonas rouquenhas gemiam as primeiras notas e o burburinho da conversa ia morrendo.

Parecia mesmo que a música adquiria mais sonoridade, vibrando no silêncio que descia, enquanto os olhos luziam mais forte e os pés inquietos acompanhavam o compasso do batuque fogoso.

As mulatas, em camisa, sentiam os quadris agitados por um tremor.

Os homens batiam palmas e as vozes soavam claras:

> Batuque na cozinha
> sinhá não qué
> tição caiu
> queimou meu pé

As vozes, no princípio tímidas, engrossavam. Percebia-se um esforço animando, convidando. As palmas estalavam mais fortes, cadenciadas, vibrantes.

Em torno, as árvores impassíveis. Um ou outro morcego batia as membranas na escuridão. Espantavam-no com um "choooo" displicente, e a cantiga continuava no diapasão dolente, quase mórbido.

Como que um sopro agitava a crioulada:

Batuque no beco
tá fervendo
cuido que pago
estou devendo

A coisa tornava-se mais forte ainda. Já agora os olhos rodopiavam em fogo, as sanfonas apressavam o compasso, homens e mulheres batiam palmas, sentindo um estranho calor percorrer suas veias, uma carícia mansa, que vinha do ar ou da música. As sandálias saltitavam no chão, os quadris se moviam com ternos requebros. A luxúria rebentava nos olhares até agora calmos. Alguma coisa terrível ardia nas pupilas vermelhas como brasas. Tornavam-se ardentes, as palmas tinham ritmos de folhas balançando, de água movendo, de asas desferindo vôo. Alguma coisa menos que selvagem e mais que humana. Os corpos vergavam com maior languidez, os gestos eram esquivos, cheios de promessas vagas e envenenadas. As mãos já não pousavam sobre os corpos, formando ângulos com os braços. Rodopiavam no ar como pássaros tontos ou seguiam o compasso da dança, em ondulações que nasciam do corpo como redemoinhar de vagas.

Batuque no beco
tá fervendo

A roda girava constante, os olhares repletos de volúpia cruzavam-se como espadas. Havia um tom de mistério e de morte pairando sobre a dança que seguia como um rito

bárbaro. Os homens roçavam-se nas mulheres e o mesmo arrepio chicoteava a todos.

O delírio dominava.

cuido que pago
estou devendo

As mãos brutais dos machos corriam pelas carnes das negras, seguravam seios túmidos, tremiam ao contato febril das carnes oleosas.

Um odor de peixe, odor de rio, de maré enxuta cujo limo exposto apodrece, misturava-se ao cheiro acre do suor, escorrendo em grandes pingas pelos braços, troncos, pernas.

A primeira cachaça rodava.

A dança, até aquele momento sem toda sua vibração, tomava outro interesse.

Os movimentos mais rápidos eram mais nervosos, acompanhando sem hesitação a toada monótona, lamentosa, invariável já:

Batuque no beco
tá fervendo
batuque no beco
tá fervendo

A fogueira estalava e o melado fervia espalhando um perfume mais suave.

As chinelas saltavam, algumas se perdiam na confusão.

Segunda cachaça rodava.

Batuque no beco
batuque no beco
batuque no beco

A caneca de folha rolava no chão, abandonada pelos braços inertes.

Batuque no beco

As palmas continuavam frouxas, os reboleios tornavam-se mecânicos, o suor pingava compassadamente. Agora, o cheiro azedo do suor dominava o odor de peixe. Entrevia-se o estafamento, próximo da orgia, da consumação dos desejos ateados. Risos ásperos sacudiam homens e mulheres. As sanfonas já não tinham o ardor do princípio, esmoreciam ou soavam mais fortes, sem vontade.

Terceira, quarta, inumeráveis outras cachaças rodavam. Nos caldeirões suspensos, o melado grosso secava inútil.

Subitamente as palmas readquiriam o vigor anterior. Um sopro novo revigorava as forças amortecidas. Reacendia-se o delírio, mais impetuoso, mais brutal.

As brasas esmaecidas eram sopradas por um rosto diabólico que se abaixava, o derradeiro fogo voltava a lavrar com fulgor desesperado.

Eia! Eia! Eia!

Batuque no beco
tá fervendo
tá fervendo
tá fervendo

Os corpos cambaleantes atiravam-se na luta com furor, os seios descaídos intumesciam, homens e mulheres giravam, giravam, até se confundirem numa só massa abjeta e alucinada.

A noite corria serena. As árvores, impassíveis. Adivinhava-se a presença do rio. O batuque prosseguia com loucura. Uma só massa a girar em torno ao fogo que morria, um só corpo embriagado uivando com arremessos desordenados.

Repentinamente ouvia-se um grito. Dois homens lutavam armados de facas. Os antagonistas, quebrantados pelo álcool, moviam-se com dificuldade sobre a terra, arfando.

Gritos abafados, pragas, risos... A roda condenada que prossegue na rotina em torno às brasas.

Como duas bestas, os mulatos se estraçalham mutuamente, até que um gesto mais rápido decide a questão. Uma mão apanha a faca de partir peixe que rolara na luta e a mergulha na garganta do outro.

A lâmina se parte com estalido seco.

O defunto é atirado para o mato. A dança prossegue...

Eram assim todos os batuques.

Comumente, quando alguém apanhava a cuia do chão, sujava os dedos de sangue e terra. E bebiam o melado ou a cachaça, misturados ao barro asqueroso...

Batuque no beco
está fervendo
cuido que pago
estou devendo...

A fogueira completamente apagada. As cinzas frias espalhadas no chão. A manhã que se aproxima vagarosamente, as folhas que despertam no escuro, o rio que debrua a penumbra.

As crioulas ainda batem palmas, semicurvadas no solo, as carapinhas cobertas de cinza, o rosto e as mãos...

Outras dormem, emborcadas, seminuas.

MALEITA

Poucas, em último rasgo de vontade, ainda giram no escuro, acompanhadas por uma ou outra sanfona agonizante...

está fervendo...
          está fervendo...

O assassino dorme, roto e ensangüentado.
O morto avulta na claridade.

10

Novamente pensei em escrever para Curvelo. Os assassinatos se multiplicavam e ninguém sabia quem eram os criminosos. Os mais bárbaros e lancinantes modos de arrancar a vida a um homem... Nunca vi tanta perversidade e tanto sangue frio reunidos. Picavam os membros dos inimigos, cegavam-nos, amassavam-lhes os dedos. Era, mesmo, voz corrente a ameaça: "vou lhe arrancar os olhos e lamber os buracos".

Isto denunciava o sangue abominável daquele gentio, acostumado, como as feras, somente à lei da natureza.

A noite tornava-se uma ameaça e as estradas tortuosas evitadas com cuidado. Não eram raros os roubos. Um ou outro fazendeiro dos arredores aparecia afogado na cacimba de sua fazenda, vendedores de gado surgiam esfaqueados sem motivo aparente. Os que conduziam carros de bois eram chumbados com freqüência e os animais furtados. Diante dos crimes que se avolumavam, não hesitei mais. Minha carta terminava assim:

> "... e não é possível que continue esta ordem de coisas. Os homens pescam nus, bem como as mulheres e as crianças, que chegam a transitar nesse estado. Em tenra idade já se aprende o batuque em meio às orgias. São tão comuns os

> conflitos, que raras as manhãs em que nuvens de urubus não denunciem o esconderijo de um cadáver. Às vezes estão podres de dias e semidevorados pelas onças, já agora, não se preocupam em esconder os mortos. Ficam por aí mesmo, atirados na estrada".

Esperei durante um mês. A minha ansiedade era extraordinária. Temia que matassem o meu tropeiro e lhe roubassem a missiva. Bem que eu podia agir desde logo. Mas, como que me faltava certa força moral.

Afinal veio a resposta.

Nomeavam-me subdelegado do distrito de Pirapora, antigo S. Gonçalo.

E não foi só isto.

Os Guimarães, proprietários da fábrica que me contratara, escreveram:

> "... fica, em vista do movimento de Pirapora e por ordem do governo, transferida a sede do distrito para aí".

Quem é que se lembra disto hoje?

De posse da minha nomeação, senti-me outro. Era qualquer coisa mais do que um reles aventureiro. Tinha direito para manter a lei, conduzir a vida, que começava, por outro caminho.

Os meus atos já não seriam meras intrujices. Seriam a vontade do subdelegado.

Meus primeiros passos dentro da nova posição causaram profundo estupor.

Proibi que os homens andassem nus pelas praias, junto com mulheres e crianças. Teriam de pescar de calças, como dançavam.

Outra coisa: as pessoas que desejassem se divertir podiam realizar batuques com licença requerida. Assim mesmo com responsabilidade do que ocorresse.

Acrescentei que esta licença só seria concedida em face de motivo justificado.

Entre os prédios que acabáramos de construir, figurava o armazém. Era um casarão grande, de forma quadrada e servia para guardar os fardos que vinham de Curvelo. O armazém fora instalado na sala da frente, cujas portas davam para a estrada. Ao fundo ficava o pouso dos tropeiros e outros cômodos vazios. Foi nesse largo prédio caiado de branco que reservei um quarto para prisão dos recalcitrantes.

Sabia bem que homens como aqueles não se civilizavam com palavras. Além disso, depois da minha nomeação para subdelegado, as dificuldades tornar-se-iam maiores.

Os crioulos sempre me haviam considerado um intruso. Julgavam que eu me apossara da terra e a entregara aos nortistas que desciam pelo rio.

João Randulfo estava por trás de tudo isso. Não se esquecera da ameaça e agia em surdina. Pressentia nos caboclos arredios o veneno das suas palavras. Mais cedo ou mais tarde aquilo havia de explodir.

Pouco depois se davam as primeiras manifestações contra as novas leis.

Os pescadores de surubis continuavam nus. Punham a rede ao ombro e iam ostensivamente parar defronte das construções. Ficavam rindo e ouvindo as prosas dos carreiros vagabundos.

As mulheres, percebendo que os homens demonstravam não temer o subdelegado, tiraram as saias de listas que haviam comprado aos barqueiros e iam nuas lavar os panos na torrente.

Mandei buscar outros companheiros que me auxiliassem.

Armados de chicotes ou de varas com que tangiam os burros, seguraram o primeiro crioulo.

— Por que não se vestiu?

— Porque não quis.

O chicote sibilou no ar e rasgou as costas do mulato. Os berros de dor encheram a aldeia. O friso vermelho encheu-se de sangue como veia que adquirisse vida. Os olhos selvagens encheram-se de lágrimas que escorriam pelas faces.

Podia parecer brutalidade minha. Mas aqueles homens eram como animais e só obedeciam depois de usados os meios próprios para animais. Nada que influísse pela doçura.

Os companheiros quiseram intervir. Naquele instante senti-me cego.

Diante dos crioulos, que praguejavam, mandei que, sem distinguir sexo, chicoteassem a torto e a direito. Hoje, indago se não teria sido um excesso. Creio que não. Sentia minha raiva passando e a minha pena pelos crioulos crescendo.

Rápidos, chicotes e varas esfuziavam e cantavam sobre a carne dos rebeldes. A gritaria foi imensa. Durante um instante tudo se confundiu num coro doloroso. O fino sibilar das correias, as pancadas longas sobre as costas nuas, os gritos angustiosos dos feridos.

Muitos se atiravam ao rio para fugir, outros subiam o barranco aos saltos, gritando por socorro.

Diante daquele espetáculo Randulfo correu à tenda do alfaiate:

— Espia, seu Anjo, o que o demônio tá cometendo!

Os gemidos atroavam e as crianças choravam de medo. Os cães ladravam. Todo o povoado se convertera numa prece trêmula e angustiada. Depois tudo silenciou... Ninguém ousara dizer nada.

Naquela noite as sanfonas mantiveram-se silenciosas.

As cafuas fechadas não davam o mínimo sinal de vida. Passei pelas vielas, espiando se havia algum vislumbre de batuque. O silêncio era tão grande que Pirapora parecia uma cidade de mortos.

Senti uma pena infinita dos caboclos. Compreendia o que lhes custava se desfazerem daquela liberdade absoluta. E compreendia tão bem, que julgava a luta apenas começada. Entretanto, sofria como eles. Não poucas vezes tive vontade de largar tudo.

No outro dia vieram me dizer que homens nus se ocultavam detrás das pedras. Saí para ver. Divisei rostos assustados que me fitavam com angústia. Tinham saído por bravata, mas agora sentiam medo.

Agachados, não ousavam mostrar senão as cabeças inquietas.

Mandei segurar os que pudessem. Depois desta nova surra o comércio das calças de riscado tornou-se mais ativo.

Agora, guardavam uma atitude de expectativa.

Enrolavam as calças até o meio da perna e faziam suspensórios de tiras e cordas destrançadas.

Mas não estavam absolutamente convencidos de semelhante necessidade.

Admirava-me da passividade que aparentavam. A qualquer hora esperava uma surpresa.

E uma noite, como se o ódio recalcado rompesse as vazas que o retinham, o batuque fez-se ouvir no povoado.

Vieram me dizer. Foi Bento, trêmulo, prevendo um novo conflito.

Dançavam, por provocação, em plena estrada. Haviam feito uma fogueira enorme, de galhos secos e achas ainda verdes.

Todas as sanfonas do lugar estavam ali, fanhosas, rouquenhas, agitadas, embriagadoras.

As palmas fortes ecoavam sem descanso e a dança fervia, acompanhada pela voz dolente dos crioulos.

Mandei Bento chamar os outros trabalhadores. Percebi a provocação que encerrava aquela orgia mantida na estrada.

Reunidos, marchamos cautelosamente.

Felão já veio?
não veio não
por que é que não veio?
não sei não...

Não compreendi de momento porque cantavam aquilo. Pareceu-me estranha a toada, diferente das outras que estava acostumado a ouvir. Bento tocou-me e disse:

— O patrão apercebe? Felão é vossemecê...

Felão, espécie de figura de lenda, perverso e sanguinário...

Recordava um facínora, Félix, que por ser muito grande ficara chamando Felão.

Os homens entoavam em coro:

Felão já veio?

As mulheres respondiam girando:

Não veio não...

E todos:

Por que é que não veio?

Num último grito desesperado e triunfante:

Não sei não...

A cachaça já começara a rodar e os mulatos sentiam os primeiros efeitos do álcool, sem perceberem a ameaça que pairava sobre eles. A música adquiria um tom característico, agudo e delirante.

Caí bruscamente no meio do batuque. Quando nos viram, as palmas paralisaram, as vozes emudeceram, o silêncio foi tão grande que ouvimos o fogo crepitar, estalando as achas secas.

Ecoou um tiro surdo. Um dos meus homens levou a mão ao peito, rodou sobre os calcanhares e caiu. Recebera a bala que lhe não era destinada. O alvo, que era eu, escapara à armadilha.

Talvez só esperassem aquele sinal para a debandada. Talvez se sentissem atemorizados com a morte do operário. O certo é que se ergueram de ímpeto, loucos para se safarem.

O sangue do homem morto molhara meus pés; aquilo subira em mim como uma língua de fogo. Rodei sobre eles e os capangas que me seguiam não hesitaram mais. A luta que então se travou foi cruel e encarniçada. As mulheres, reconhecendo que necessitavam coordenar as forças, mordiam e unhavam como feras. Acabavam caindo, pisadas pelos que lutavam. Gemiam e imploravam socorro.

Os homens combatiam com a boca cheia de pragas e, na refrega, percebia-se um ou outro punhal que feria a escuridão com o brilho incisivo da lâmina. No centro da luta, a fogueira ardia imperturbavelmente, iluminando a face dos que tombavam.

De vez em quando alguém pisava no fogo com as botas pesadas e as brasas saltavam sobre os feridos, que urravam de dor.

Vultos foram se esgueirando no escuro e desaparecendo.

Afinal, rotos, ensangüentados, os capangas venceram: dezenove prisioneiros. Dez mulheres e oito homens, um ferido.

Outros, possivelmente lanhados e machucados, haviam fugido. No chão ficara somente o operário morto, com a mão sobre o peito furado. Uma brasa queimava a sua calça, que fumegava lentamente.

Tinha os lábios apertados e marcada no rosto uma esquisita expressão de angústia e sofrimento. Nenhuma lembrança de morte. Fisionomia de quem sofre ainda, de quem luta e de quem espera. Olhar de terra, chamejando ao brilho do lume que ardia...

Foram os primeiros detidos da nova prisão. Chegaram em fila, cabisbaixos, mudos.

O resto da noite decorreu em calma. Na manhã seguinte um crioulo troncudo chamou o carcereiro.

— Não se come, cachorro?

— Se come. A patroa tá fazendo.

Veio peixe e abóbora.

— Sua vaca, eu não como jerimum!

— Cala a boca, vossemecê é preso!

— Safado, ladrão!

— Cala a boca, demônio, senão vou chamar o patrão.

— Filho da mãe.

Vomitou quanto nome sujo sabia. As mulheres do outro lado riam. Desfiavam as saias para fazerem trançado. Rotas, pareciam bruxas, com os cabelos desgrenhados e os corpos marcados.

Como os dias fossem passando, cansaram-se daquela vida. Sentiram a nostalgia do rio.

As mulheres, principalmente, choravam e tentavam corromper o guarda:

— Me solta, meu filho, que eu durmo com você...

Algumas, mais afoitas, erguiam os vestidos:

— Espia só que beleza.... É pra tu se me soltar...

O homem continuava puro e fiel.

Os crioulos, sem fumo para mascar, passeavam de um lado para outro:

— Quando eu sair deste buraco, vossemecê me paga, trem ruim...

— Vá prender sua mãe, seu capeta... Num porfiei com vossemecê...

Mas os palavrões se esgotavam e os dias passavam cada vez mais lentos.

Acabaram descobrindo um grande meio.

Chamaram o guarda:

— Meu bem, arresponda ao chefe que tamos pedindo mercê... Vamos trabaiá e cuidar de arranjá vida nova.

As mulheres sorriam:

— Se avexe, coração...

O guarda veio me dizer. Naquele mesmo dia a cadeia ficou vazia.

Correu a notícia de que na prisão se alimentava bem.

Cerceados na liberdade, os homens cuja índole era essencialmente preguiçosa, resolveram conseguir comida garantida por uns dias.

E o batuque, reclamado pelo sangue, voltou a vibrar na curva dos caminhos e nos terreiros previamente batidos.

Notei logo às primeiras escaramuças, que a resistência era fraca e as pancadas recebidas sem queixa. Não tardou que Bento me procurasse.

— Patrão, eles querem é dormir. Depois pedem perdão e caem no mundo.

Mudei o regime. O alimento agora era broa e água.

Foi um estardalhaço. Os nomes feios recomeçaram e o carcereiro ouvia tudo, sem nada dizer.

Bento colocara vasilhame para a necessidade dos presos. Mas acabaram, por vingança, sujando ali mesmo no chão. Espalhavam a porcaria e chamavam o guarda:

— Pra vossemecê comer.

— Pra sua mãe, cão.

Em breve o quarto tornou-se um inferno. Empestava a muitos metros de distância. O armazém e o pouso dos tropeiros tornou-se inabitável.

Foi quando me ocorreu uma idéia...

O tronco, esquecido no fundo do casebre de palha, veio ocupar lugar saliente na praça pública. Os recalcitrantes sofriam alguns dias ali, antes de serem atirados ao quarto, cujo mau cheiro nem eles próprios suportavam mais.

Bastava um dia sob o sol e o olhar mordaz dos trabalhadores para conseguir o que pancada e prisão não conseguiam.

Torturados pelo calor, aguilhoados pela sede, os homens se rendiam, sentindo que eram mais fracos.

Saíam cambaleantes, os membros inchados pela pressão da madeira, os lábios gretados de sede, cobertos de vergonha.

Como por encanto, os batuques diários morreram, os caboclos abandonaram as revoltas inúteis.

Tinham medo do tronco.

Bastava.

Quanto tempo durara esta luta?

Fiquei mais velho, mais áspero. Os dias de agitação pesaram sobre mim.

Percebia que já não era o mesmo e em vão me esforçava para readquirir a tranqüilidade passada.

Novos prédios se ergueram no lugarejo. O trabalho era constante e o barulho da madeira serrada me perseguia o dia todo.

Os vapores e barcos de mercadores entravam e saíam sempre, o comércio se intensificava com o Norte do país.

Dois tormentosos anos rolaram nesse combate sem tréguas. Senti minha vida gasta pelo sertão. Tive a longínqua previsão de que ele me venceria um dia. Essa força bruta agia lentamente, mas o seu veneno era mortal.

E apesar de tudo eu armara meu braço, implantara uma vida nova naquele deserto.

Deserto?

Os vapores entravam, apitando de longe... O cincerro das mulas chocalhava nas estradas, mais largas agora, onde também rinchavam os carros de bois de outros povoados...

O rio rolava sem descanso.

Eu, entretanto, ia sentindo a sensação da solidão crescer em torno de mim. Já não bastava, para o vazio das horas imensas, a parolagem vazia e amarga dos homens comidos de maleita.

Sentia agora o deserto.

11

A vela tremia em suas mãos.

Quando entrei, Elisa caminhava para o oratório e vi que ela dispunha o castiçal junto aos santos.

Lá fora a chuva tombava com fragor e o vento zunia, engrossando o rumor apagado do rio.

— Como, você ainda não dormiu?

Voltou-se assustada:

— Ah! Ainda não. Estava rezando.

— Não teve medo?

— Fiquei assustada com as pancadas que o vento dava na porta.

Sentei-me e ela ficou defronte, iluminada pela chama que oscilava docemente.

— Não tive vontade de rezar. Começava um Padre Nosso e me esquecia do que estava fazendo.

— Está doente?

— Não. Fiquei impressionada com o vento. Ouve? A gente tem impressão de que são as árvores.

— As árvores como?

— Não sei. Parece que estão brigando.

De fato, o zunido vinha de longe, correndo, desabava sobre nós e sumia rapidamente, como um grito.

— Recomecei a rezar várias vezes, mas acabei desistindo.

Fiz um movimento de ombros:

— Não encontrei hoje a serenidade de costume. Ia dizendo Padre Nosso... e esquecia, ouvindo a chuva bater na terra, como agora... está ouvindo? este barulho apagado...

E a chuva batia mesmo, monótona, sufocante.

A vela punha grandes sombras trêmulas nas paredes nuas. Invadiu-nos a sensação de solidão. O deserto falava. Com a voz que vinha da terra, martirizada pelo vendaval e pelos riachos que rolavam fugindo para o rio.

— Como estará minha gente? Há tanto tempo que não tenho notícias...

Calou-se. Eu não ousava quebrar o silêncio. Percebia o que estava se passando na sua alma. O amargor da reclusão brotava agora e os olhos parados olhavam para outro lugar, para o passado talvez.

Foi ela novamente quem retomou a palavra:

— Vou ficando velha neste abandono... As mulheres daqui são selvagens... Lembra-se de Maria? Nunca mais deu notícias...

Pensei em Bento e na sua proposta de casamento.

Elisa prosseguiu:

— Vi o povoado crescer, o movimento aumentar, entrar e sair gente... Mas tenho pavor destes homens que chegam do fim do mundo e destes mascates grosseiros que falam de tudo, às gargalhadas.

Moveu a cabeça com tristeza:

— Meu único refúgio era o oratório...

E voltou o rosto, sombreado, onde só os olhos viviam, ardentes e inquietos, molhados de lágrimas que não surgiam.

— Que será de mim... assim esquisita... Amedrontada?

Fitei o santo, clareado pela vela. Ouvindo a voz fria que me falava, sentia e compreendia nitidamente a solidão, real, palpável, como um objetivo visível e pernicioso.

Subitamente, a inquietação e o pressentimento atordoaram-me.

— Elisa! Você disse esquisita...

— Sim... como tenho medo!

Corri, procurando estreitá-la ao meu peito. Compreendi porque sua voz fugia, porque só os olhos viviam, grandes, enormes, inconscientemente pedindo socorro.

Aquele brilho — oh! — aquele brilho era o mesmo do homem que tombara vencido de sezão. Eu o pressentia ali, escarninho, o demônio da maleita, na guerra surda contra a vida.

— Elisa!

Procurou afastar-me. Porém o movimento morreu e quase senti o hálito da febre queimar-me.

Tentou caminhar. Vacilou e ergueu os braços, enquanto os olhos cresciam, cresciam apavorados como pavios de vela ardendo na escuridão das órbitas.

— Oh! os caminhos... a febre...

— Elisa! — gritei, transtornado, quando o vento mais forte sacudia portas e janelas.

Tremia toda, indefesa, vencida. Carreguei-a para a cama, sem saber o que fizesse, passando as mãos pela sua testa ardente, procurando um meio de afastar o suplício.

Agora, enrolada nas cobertas, Elisa vagava os olhos pelo aposento nu e acanhado. Ouvia a chuva mais forte, tombando sobre a boca insaciável da terra.

— Frio... morrerei — murmurou.

— Morrer! Não, não há de morrer — exclamei aflito, segurando-lhe inutilmente as mãos febris.

Então, pousou em mim os olhos vermelhos.

— Morrerei... sim. Mas que é que tem? Todo mundo morre!...

Calou-se. Depois fez um esforço e concluiu o pensamento:

— Se estivesse junto aos meus...

E a idéia da boca fria da terra, engolindo a água escura, pegajosa.

O pressentimento dominou-me também.

O deserto...

Casebres, construções, lutas, vapores, festas, mortes, mascates, tudo absorvido pelo deserto. A cidadezinha inútil, esmagada pelas forças adversas da natureza...

Tudo pequeno, ante a serenidade das montanhas e do rio. Tudo tragado pela insaciedade da terra.

Odiei o rio, sentindo que ele me roubava tudo, para oferecer, em troca, os dentes amarelos da maleita...

12

Novos dias, novos meses.

As folhas das melancias reverdeciam na areia das praias, e nas cercas do caminho, as reses esfoladas, sangrentas, secavam ao sol. De longe, uma nuvem de urubus cobiçava a presa em vôos inquietos sobre as mantas estendidas.

O milho brotava com vigor nos quintais cultivados. E as favas de feijões rebentavam, suspensas das taquaras espetadas no solo.

As telhas novas brilhavam ao sol, enquanto a fumaça dos fornos de barro subia rasgada pela brisa.

Os monjolos cantavam.

Foi por este tempo que passou em Pirapora o Sr. Giovanni Luigi Ferrari. A sua única canastra tinha marcado na tampa: G. L. F.

Tipo singular. Vestia à antiga moda dos pintores. O queixo liso e vermelho descansava sobre um enorme e sujo laço de seda preta. Um gorro de veludo batido amparava-lhe a cabeleira revolta. Gordo e pequeno. Quando falava, as veias do pescoço se lhe inchavam, o rosto, de vermelho, ficava roxo, todo ele parecia prestes a rebentar numa risada que o mataria infalivelmente.

Mas o Sr. G. L. F., ou melhor, Giovanni Luigi Ferrari, não rebentava nunca nessa risada fatal. Com o rosto contraído, silvando, falava em vários tons e imitava várias vozes.

Consistia nisto o seu maior talento e era a sua grande arte.

Imitava tudo. O turco regateador, a criada espevitada, a velha impertinente e rezingona, o botequineiro chulo e palavroso. Soprano ou barítono. Sabia também cantar em napolitano velhas mandolinatas sentimentais.

Era, enfim, um homem-prodígio, único, inimitável. Com o nariz de pimentão, o gorro sebento e as veias intumescidas, levava para as tristes aldeolas do interior a alegria das oito falas diferentes que sabia imitar.

Em suas calçolas ridículas, descansava o pó de longas estradas. Conhecia as trilhas de todos os tropeiros que cortavam o norte de Minas e o sul da Bahia, orgulhando-se de ser recebido em todas as povoações. A razão daquilo era o seu segredo. Segredo que o tornava um ídolo de todo o sertão.

Só quem conheceu o interior de há quarenta anos passados pode avaliar o valor do Sr. G. L. F. E o valor do tesouro tão avaramente escondido na canastra onde gritavam as três iniciais.

Eram fantoches. Oito estupendos e legítimos fantoches, com vestes de cor, bizarros, inacreditáveis. Fantoches saltando, falando, representando...

Veio procurar-me.

Queria uma sala no armazém, para armar o palco. Mostrou-me o repertório, que era mais ou menos este:

A vingança do Rei
Amor desenganado
Bolastrino aventureiro
O criado sabido
O Rei dos bandidos
Flor de Nápoles

Concordei. Falou muito tempo, agradecido, numa mistura de italiano e português. Lembro-me nitidamente da sua referência a Pirapora, lugar sem alma, pouso perdido, que encontrava agora agitado, diferente...

Uma barra marrom, duas colunas, um balcão riscado ao fundo. Presas às colunas, duas lamparinas. O cheiro do óleo empestava o ar.

Sala repleta. Pés descalços, rolos de fumo no canto das orelhas. Olhos bem arregalados.

O pano sobe. Os cordéis se agitam em cima... Uma voz grita:

"O CRIADO SABIDO"

Drama em três atos

Os fantoches se movem em cena.

1.º ato — Rosinha, filha de Martin Subia, amava perdidamente o cavalheiro Don Carlos. Entretanto, o pai não permitia o casamento, porque a desejava para Bolastrino Qrequeté, aventureiro que passava por ser o diabo em pessoa. Choros, pragas, maldições, denúncias.

2.º ato — Briguela, o criado sabido, alcovita Rosinha com Don Carlos. Suspiros, novos choros, juras, astúcias... Aparece Bolastrino novamente.

3.º ato — Bolastrino exige que se apresse o casamento. Rosinha definha de amor. Gritos, lutas. Rosinha, auxiliada por Briguela, foge com o cavalheiro dos seus sonhos. Bolastrino tomba desmaiado e Martin Subia arranca os cabelos, "per la madonna!"

Rosinha era feia e magra. Os cabelos pretos, duas tranças de linha grossa, ficavam espetados como rabos de cavalo. Lábios vermelhos, recurvos, chorando mesmo nas horas de amor.

Bolastrino Qrequeté é que era um esquisito personagem. Vestia desbotado cetim vermelho, tinha as sobrancelhas para o alto e cara de diabo. Aspecto terrível, que assustava a platéia.

Daquele dia em diante, as mães beliscavam os meninos, "fica quieto Bolastrino!"

A grande novidade, a alegria de todo mundo, foi Briguela, o criado esperto.

Para ele, Giovanni Luigi era todo ternura. A melhor das suas vozes, a mais ridícula, bem como os ditos mais engraçados.

Eram assim as comédias de antigamente, todas sob o mesmo fundo de prepotência paterna, um drama de amor interrompido, uma fuga pela escada, com o objeto dos seus sonhos. Giovanni Luigi não tinha outra espécie de histórias no seu repertório. Mesmo porque, era ele quem as fazia, não dando o seu pobre cérebro de mascate alegre para outra coisa que não fosse repisar o mesmo fio sobre novas e pequenas modificações.

Todos os bonecos falavam uma esquisita algaravia. Para os caboclos, aquela mistura de italiano e português resultou qualquer coisa horrível e grotesca. Quando, então, era Bolastrino quem falava, um arrepio chegava a fazê-los mais curvos.

Martin, terrivelmente histérico, conseguia derramar um pouco de hilaridade, sobre as sombras que seu colega arrastava.

Muitas vezes as risadas estouravam integrais. E as chancras nuas se estorciam no chão, os dentes negros surgiam em fileira, as cabeças esgrouvinhadas se moviam com intensidade.

Quando Rosinha fugia, a coisa chegava ao auge. Risos francos, risos disfarçados, cotoveladas, beliscões e até caras de choro.

A sala se convertia numa risada única que tremia as portas. Os cordéis se agitavam mais nervosos. Cusparadas escorriam pela parede.

Daquele dia em diante, italiano e bonecos passaram a ser conhecidos por — briguelas.

E por "briguelas" ainda hoje são rememorados no sertão.

Depois do sucesso inicial, solicitei de Giovanni Luigi uma permanência maior no lugarejo.

Não podia. Talvez que um dia...

Os caboclos saudavam-no das choças e ele agitava o gorro surrado.

As crianças corriam atrás e pediam para ver o Briguela, perguntavam por Bolastrino e batiam na caixa.

O italiano sorria feliz.

Na estrada que conduzia a outras cidades, o milho ondulava dos lados, com as longas folhas batidas pela brisa.

Um dia...

13

O negro marchava dentro da noite. A sombra do seu corpo marchava na frente e alongava-se nas árvores que ia topando.

Uma noite de lua tão clara como o entardecer. Apenas, em vez do tom vermelho, uma lividez sinistra, pondo faiscações metálicas nas folhas imprecisas e nos corpos esguios dos cipós.

Os cascos da besta machucavam as plantas dos caminhos ou arrancavam faíscas azuladas das pedras. Os grilos chiavam sem descanso.

Ia levando a minha correspondência para Curvelo.

Rememorando agora este fato, procuro, no mais fundo de meu espírito, tudo que possa elucidar essa estranha narrativa.

Creio que não fazia outra coisa naquele momento senão sonhar.

Com o envelope lacrado entre a camisa e o peito, mascava um pedaço de fumo e cuspia a esmo, o olhar perdido no vago.

Já não era moço; a carapinha começava a embranquecer e carapinha de negro quando começa assim é porque os janeiros já estão pesando largos.

As pupilas acinzentadas eram sem vivacidade, frias, vagas. O corpo magro começava a se curvar para frente.

Tinha um grande desejo: fazer parte da Guarda Nacional.

Para o sertanejo daquele tempo, não poderia ser conferida a mortal maior glória possível.

O preto, de há muito, acalentava essa idéia. Fora escravo e agora esperava a patente que deveria cair do céu, para vingar-se dos antigos algozes.

Caminhando, devia se lembrar da senzala, dos instrumentos de suplício, dos corpos nus, lacerados pelas correntes. Com os tornozelos indelevelmente marcados pelo tronco, sentia, ainda, como no próprio instante, a revolta pela humilhação sofrida. Os deuses insultados, as crenças desdenhadas, falavam de revanche à sua pobre cabeça ignorante.

A Guarda Nacional vinha dar-lhe um alento. Conversava naquilo com os irmãos.

No fogão de barro, o fogo lavrava. Agachados em torno, pitando ou mascando fumo, os negros cuspiam e se lamentavam. Os pés rachados pisavam a terra nua. Vestígios da África natal, rumores de tambores surdos, revoltas fermentadas durante anos amargos como séculos, pedaços irreconhecíveis de linguagem nativa, tudo palpitava e revivia naqueles instantes de fraternidade. O sangue negro, desdenhado e martirizado, cantava naquela hora a profecia de um povo para quem não chegara ainda o dia da liberdade...

Entretanto, Manuel Capitão, como era conhecido, dizia, dizia sempre:

— Dia virá, minha gente, dia virá... Cara de sapo muda todo ano...

Com suas ruazinhas tortuosas, seus becos escuros e esburacados, seus muros cobertos de flores, sua vida de legítima pobreza, Curvelo era, então, como ainda hoje, uma das mais importantes cidades do sertão mineiro.

Tão importante, que era visitada pelo circo de cavalinhos.

Esse capítulo foi um dos mais importantes da vida de Manuel Capitão.

Quando chegou na cidade, vindo de Pirapora, um cavalo corria em plena rua. Cavalo que não seria nada extraordinário se não levasse, escanchado de costas na sua garupa, um originalíssimo personagem.

Era um palhaço com largas roupas pintalgadas de bolinhas vermelhas, as faces riscadas por grandes sinais e um laço de fita na careca cor-de-rosa.

Atrás do cavalo, uma nuvem de garotos e moleques:

— Hoje tem espetáculo? — gritava o palhaço.

— Tem, sim sinhô — respondia a molecada.

E pelas ruas todas, cavalo, palhaço e meninada iam despertando extraordinário alvoroço. Cavalo trotando mansamente, palhaço e moleques repetindo incansavelmente o estribilho monótono.

As janelas se abriam e longas cabeleiras espiavam, os pentes segurando as tranças rebeldes. Os negociantes esfregavam as mãos. Os negros riam, felizes. Manuel Capitão suspirou fundo. Pensava como seria bom morar naquele lugar, divertido e cheio de gente.

Depois de ler a carta, Guimarães pôs-se a examinar o curioso tipo do negro.

— Você é mesmo de lá? — perguntou.

— Nhô sim.

— E como vão as coisas? Melhores?

Ergueu os ombros com indiferença:

— Bandão de gente... Mió, mió não tava não...

— E o trabalho?

— Ah! Trabaio sim. Aquilo tava virando uma capitá... Casa e mais casa!

— Então, pelo que você me conta, aquilo por lá já é uma grande cidade...

— Um mundão!

— Como a corte?

— Nhô sim.

— Mas lá tem mar...

Tocara o ponto sensível do negro.

— Ué! Pois antonce o Rio São Francisco não é maió que o má?

Neste momento, o palhaço rompia a rua sossegada com seu barulhento cortejo:

— Hoje tem espetáculo?

— Tem sim sinhô!

— E quem é que não vai?

— Vou sim sinhô!

Não podendo sopitar a curiosidade, Manuel Capitão correu para a rua.

Quando o cavalo se distanciou, moveu a carapinha:

— Como havera de sê bão vivê aqui...

— Mesmo sem o rio?

Coçou a carapinha:

— Acho que nhô sim... Dispois da Guarda Nacioná seria a mió coisa dessa vida.

Guimarães rompeu numa gargalhada:

— Pois você quer ser da Guarda Nacional?

Ele não respondeu nada; mas suas pupilas inexpressivas exprimiam tudo que era possível. Guimarães pensou que uma brincadeira não lhe podia fazer mal.

— Pois olha, eu tenho poderes para fazê-lo coronel.

— Jura, nhôzinho? — perguntou com os olhos banhados de uma alegria doida.

— Sou da Guarda também...

— Mecê não tem uniforme...

— Porque não uso... Está guardado.

O negro agarrou-lhe as mãos:

— Nhôzinho, faça isso pra seu véio!

Guimarães mandou vir tinta e fabricou uma carta de nomeação.

— Agora, quem é que pode com você, Capitão?

Manuel Capitão economizara toda a sua vida. Moeda por moeda, ajuntara peculiozinho irrisório. Custara muitas privações e muito suor. Dormia com o dinheiro sob a cabeça, temendo ladrões. Amaciara o cobre, como diziam eles.

Muitas vezes lhe dei dinheiro. Diziam pra mim:

— Não faça isto, ele tem muito amaciado...

Senhor da sua "carta" de nomeação, resolveu alegremente dispor do humilde tesouro.

Comprou um fardamento sem galões (assim ficava mais barato...) um par de botas, um chapéu-de-sol e gravata.

O uniforme era curto. Os sapatos apertados. Ficava com os movimentos tolhidos e obrigado a caminhar cautelosamente.

Dedos que a vida inteira viveram em liberdade, grossos de calos, rachados de frieiras, inchados de bichos, lutavam agora dentro daquela prisão de couro.

Pela primeira vez, tendo o corpo novamente escravo, Manuel Capitão sentia a alma completamente livre.

A sua entrada em Pirapora foi sensacional. Montado no burrico, levava o guarda-sol aberto e irradiava em largo circuito o orgulho que o dominava. Os camaradas vieram vê-lo. Gente sua, marchando na vida pela mesma estrada áspera.

Manuel Capitão passou altaneiro, procurando erguer bem a cabeça que teimava em curvar-se.

As botas baratas rachavam ao sol. Os dedos doíam tanto que ele ia com os olhos semicerrados.

Veio procurar-me:

— Levei sua correspondência, patrão. O home de lá me fez coroné. Sou gente agora.

— Gente como, Manuel?

— Gente nhôzinho. Tenho papel nomeando.

Estendeu-me a carta. Tolices...

— Isto não vale nada, Capitão.

— Não vale? Vale nhôzinho, é papel de comando.

Movia a cabeça:

— Olha, ninguém acreditará em você...

— Ninguém? Havemo de vê!

Partiu. Vi que era inútil qualquer tentativa para dissuadi-lo.

Contratou um carpinteiro para fazer umas prateleiras. Queria ser negociante. Não dava mais para aquela vida de tropeiro por empreitada. Falava que nascera para melhor.

— Para mió, sim, mecês hão de vê...

Começou a comprar diamantes. Os carbonatos eram abundantes, vindos de Diamantina, Lavras e todo o norte. Naquela

época começavam a descer aventureiros que realmente tiravam largos proveitos do solo.

Manuel Capitão comprava e vendia.

Quando um vapor apitava, entrando no povoado, corria para o barranco.

Sabia como enganar os fregueses.

Na lufa-lufa da chegada, insinuava-se na multidão com as mãos cheias de pedras.

Ninguém o tolerava mais. Arranjou inimigos.

Julgava-se acima dos companheiros, e, quando passava na tendinha do turco Elias, os velhos tropeiros, cabeças brancas de tantas jornadas, chalaceavam porque ele não vinha mais jogar o buzo e o 21.

— Negro enfeitado! — gritavam.

Manuel Capitão fingia não ver. Mas seu coração batia doendo com o deboche daqueles a quem desprezava.

A si mesmo prometia vingança. Como? Um capitão desrespeitado?

Sua pobre cabeça desregulada avaliava a enormidade da falta cometida.

— Gente somítica... Nem pode apreciá as importança dos outros...

E chegou o dia da revanche.

Vieram me avisar que Manuel andava deste e daquele modo.

Eu sabia como e até mesmo que enganava os fregueses no barranco.

Esperei que entrasse um vapor.

Fingi, então, que passeava distraído.

Homens amarelos, aspecto doentio, minados de impaludismo, esperavam também qualquer coisa. Mulheres deitadas

em esteiras espiavam na praia. Meninos mestiços, de dedo na boca, camisolas suspensas na barriga, espiavam o navio que chegava. Todos com ar aparvalhado, insone, vago.

O preto, infalível, rinchando as botas envergadas. Misturado na multidão, estudava as pessoas que o cercavam, com os olhos vidrados.

Vi seus dedos que apertavam qualquer coisa.

Vi aqueles olhos inquietos, dançando sobre as cabeças que se agitavam em torno. Os passageiros desceram. O freguês surgia. Estabeleceu-se rápida confusão. Então meu olhar caiu sobre a mão aberta em concha, segurando "olhos de mosquito" com que pretendia ludibriar o outro. Falava arrastado, procurando convencer. A "cericória" luzia entre seus dedos; podia enganar o viajante... A mim nunca, pois sabia bem a qualidade infame de cristais de areia que procurava impingir como preciosidade.

Aproximei-me mais e com um tapa fiz voar as pedras, que rebrilharam em todos os sentidos.

Manuel Capitão, estupefato, fitou-me com arrogância.

Estava cor de cinza. Balbuciou:

— O sinhô não pode fazê isto... me desmoraliza... devia deixá eu fazê o negoço...

Quando o vapor partiu, levando o freguês, ficou olhando, ainda, a "cericória" agora inútil, que brilhava na terra do barranco.

Naquela noite voltou ao botequim do Elias.

— Seu Elias, deita geribita aqui...

O candeeiro suspenso derramava uma luz esmaecida, tristonha, sobre a saleta miserável. A cuia tremia nas mãos do negro.

— Então, Capitão, vossemecê tá fazendo as pazes com a gente?

— Que o que, seu Elias, tou só bebendo prá não perrengá...

O turco foi espevitar o pavio do candieiro. O negro virava a cachaça.

— Bota mais.

— Brigou com alguém?

— Nada não, seu Elias... Bota, que a gente precisa de esquecê.

Bebeu copo atrás de copo... Tirou depois um trabuco da parede e mostrou-o ao botequineiro:

— Prá matá o feitô... Mecê me vende ela que eu pago dobrado.

— Tá direito.

O feitor era eu. Chamava-me assim por desprezo, criticando a minha intervenção nos assuntos do lugar.

Tarde da noite, pagou a cachaça e a espingarda e saiu trocando as pernas.

O frio que vinha do rio devia ter-lhe açulado os ímpetos porque pôs-se a dar tiros no escuro, furando o barro dos casebres e despertando a população adormecida.

As portas se abriam e as candeias surgiam trêmulas nas mãos nervosas.

Ninguém sabia o que fora.

Temeroso que Manuel Capitão praticasse algum desatino, o turco Elias veio dizer-me e avisar quais eram os seus intuitos.

Três homens saíram para detê-lo.

Protegido pela noite, o ex-tropeiro correra para a beira do rio e, afundando os pés já descalços na areia úmida, disparava de lá, sufocando com o estampido o ressoar do rio.

Cautelosamente os homens avançaram.

Os sentidos em alvoroço, na perspectiva daquela caçada noturna.

Tinham medo dos tiros doidos, que varavam a sombra em lugares dispersos.

A areia rangia sob seus pés e sentiam o vento do rio que carregava um cheiro forte de peixe fresco. As barcaças rangiam de encontro uma às outras e os mastros nus ponteavam a escuridão com as pontas brancas.

Um, dois tiros fenderam o rumor que se apagava. O primeiro dos homens ergueu os braços e tombou com a cabeça varada, os cabelos empapados de sangue, boiando na água limpa que os movimentos do rio empoçavam na areia.

De longe, vi a turba que se aproximava, carregando aquilo.

Os braços batiam no chão e o rosto todo sujo de sangue. As roupas também.

Só eu fiquei junto dele, espiando as mãos grosseiras, de dedos contraídos.

Os outros foram procurar Manuel Capitão.

Já com a noite avançada, o negro foi detido semi-embriagado, perto da casa de João Randulfo. Havia se escondido atrás dum ingazeiro e chorava como criança.

Tive pena dele. A sua alma falava naquelas lágrimas inúteis e eu vi como ele as bebia, convulso e aflito.

Mandei colocá-lo no tronco. Não podia ceder.

As mãos grosseiras, o rosto sujo de sangue, estavam diante de mim. Eram um apelo mudo, que ecoava mais forte em meu espírito do que uma voz gritando de angústia.

Então o desespero do negro chegou ao auge:

— Nhôzinho, tenha pena de mim... Não me deixe só, eu morro, nhôzinho!

Tinha pavor à calada da noite e falava de almas do outro mundo. Como se convencesse de que nada me faria voltar

atrás, pediu a Deus que o fulminasse, em grandes gritos que encheram o povoado.

Como o céu e os homens permanecessem indiferentes, implorou que ao menos deixassem junto dele uma lamparina.

A sombra, o mistério, a noite, apavoravam-no.

14

Elisa esperava-me. Vi no seu rosto, afilado pela doença, a ansiedade.

— Que foi?

— Um negro turbulento.

Descansou, então, a vela de carnaúba que trazia.

— Estou cansada deste barulho de sempre. Vai me fazendo mal aos nervos.

— Pois eu vou me acostumando.

Ficou olhando para mim e entretanto eu sabia que não estava me vendo. Seu longo vestido negro pareceu-me mais escuro ainda.

— Tenho pensado estes dias. Ao chegar a noite, a febre aumenta.

E parecia-me vê-la no dia da nossa chegada, curvada sobre o homem caído. Aquilo veio sobre mim num ímpeto. Ainda ouvi o ruído dos largos dentes batendo.

— É bom que você amanhã não se levante...

Elisa caminhou dois ou três passos e passou a mão pelo rosto:

— Qual, não é disto que eu preciso...

— Então, que é?

— Quero voltar a Curvelo...

Depois que ela se recolheu, tomei a vela.

— Precisa disso aqui?

— Não... por quê?

— O diabo do negro tem medo da morte.

No mesmo instante, recuei transido. Deixara escapar uma palavra que não devia ter soado. Por que "morte"? Percebi Elisa que se erguia na rede:

— A morte vem no escuro?

— Tolice...

As trevas foram ficando para trás.

Manuel Capitão gemia mansamente.

A vela, com a chama inclinada pela brisa, colocou-o no centro de um círculo luminoso e trêmulo.

Não sei por quê, ainda tive mais pena do infeliz.

Deste ponto em diante, as minhas conjeturas bóiam à tona dos fatos.

O céu estava escuro, sem estrelas e sem lua.

As árvores, como cabeleiras arrepiadas, dançavam no claro aberto pela vela.

Percebia-se o rumor do rio, a voz da cachoeira e o ranger das barcaças, ensebadas para a partida matinal. O som fanhoso dos sapos no brejo aumentava e desaparecia alternadamente.

O negro chorava.

As lágrimas corriam silenciosas pelas suas faces arranhadas. Tremia de frio e de medo. Recordava-se de almas do outro mundo, de espíritos maus, da senzala e caboclos sanguinários que torturam gente.

Os ídolos esquecidos, a religião, os ritos, as preces abandonadas...

A superstição de seus avós crescia no suplício daquela hora terrível.

Não se lembrava mais da sua vaidade, da louca vaidade que o arrastara até ali.

Desejava apenas o sol, o sol bom e amigo que ele sabia afogado numa sombra onde não penetravam olhares humanos.

Rumores quebravam a noite.

Estalidos de árvores, rápidas risadas, guinchos, vozes.

E o negro chorava, chorava, sentindo nos lábios grossos o sal ardente das lágrimas.

Começou a gemer devagarinho, baixo, depois mais alto, mais alto, mais alto...

Elisa perguntou-me com os olhos vermelhos:

— Por que ele gemeu tanto?

— Ele quem?

— O negro...

— Gemeu?

— Gritava muito alto. Depois gemia.

— Não é possível que você tenha escutado gemidos daqui...

— Pois ouvi.

Foram encontrá-lo com o corpo crivado de facadas.

As tripas pendiam do ventre aberto num lanho horroroso. Moscas esvoaçavam em torno.

Quem fora? Nunca o consegui saber. Algum caboclo sanguinário.

O desfile pela manhã foi intenso. Todo mundo queria ver o morto.

Todo mundo tinha sido íntimo do negro... Contavam casos:

— Não te alembras? É o mesminho que passou em casa e perguntou se Cadinha morava lá...

Ou então balançavam a cabeça:

— Eu sabia que o fim seria esse... Não era boa coisa.

Não havia parentes para o enterro. Bento é quem foi cuidar disso.

Começou por construir um jirau. Arranjou quem desse uma esteira velha e cobriu a madeira. Os companheiros, sabendo que enterro redundava em festa, apresentavam-se.

O corpo, lanhado, furadinho de ponta de faca, foi colocado no leito fúnebre e coberto com uma colcha vermelha.

— Segurem a maca, camaradas.

Um negro colocou as duas pontas dianteiras nos ombros e alguém fez o mesmo atrás.

O cortejo pôs-se a caminho.

Surgiu a sanfona. A dança começou pela frente, e em breve o defunto passava por todos os ombros.

Os negros queriam dançar e demoravam mais pelo caminho.

Numa das paradas, alguém resolveu avisar:

— Gentes, o defunto tá fedendo...

O mau cheiro denunciava a decomposição.

Então deixaram a sanfona e penetraram no cemitério.

Os monturos de terra indicavam onde estavam os mortos. Cruzes apodrecidas aqui e acolá, braços caídos, pregos enferrujados, nenhuma flor, mato subindo desesperadamente. Um buraco enorme de tatu.

Começaram a cavar a terra.

O mau cheiro tornava-se pior à medida que a noite se avizinhava.

— Credo, gentes, este negro tava podre em vida...

Todos os negros trabalhavam sem descanso.

Afinal, rasgado o buraco, atiraram dentro defunto, colcha, esteira e jirau. De qualquer jeito. A terra negra tombou surdamente sobre tudo...

O buraco do tatu ficava bem pertinho.

E a sanfona voltou a soar na estrada.

A poeira, batida pelos pés que dançavam, subia e sufocava.

15

Então, quando a noite chegava, pressentíamos a proximidade do demônio.

— Quantas horas? — perguntava Elisa.

Respondia eu que não sabia. Mas é que me tolhia um medo infantil de saber a hora, de ver chegado o momento. Uma vez perguntou-me:

— Se eu morresse num dos acessos?

Procurei sorrir. Mas daquele momento em diante nunca mais me abandonou a lembrança dessa possibilidade. No delírio da febre, Elisa lembrava que podia morrer.

Depois, cansados da luta, pensávamos: ainda não foi desta vez.

E esperávamos a vez seguinte.

Acompanhei a tropa, muitas léguas dentro do mato.

Elisa, vestida de amazona, cavalgava sentada de lado.

A doença afinara seus traços, debruara-lhe os olhos de um círculo vermelho.

Recomendei muito a Bento que cuidasse de tudo.

Vi os animais que desapareciam na tarde...

Depois, a trote manso, voltei para Pirapora.

A solidão em torno de mim tornara-se maior. O rio estava sombrio, implacavelmente sereno.

Nada mudara naquelas horas em que eu a levara algumas léguas adiante, no seu regresso a Curvelo.

16

Nem com o inverno diminuíra a imigração.

A água escorria sem parar e gente nova vinha chegando todos os dias...

O carro de boi ia rinchando e gemendo pela estrada lamacenta.

A chuva caía miudinha, impenetrável quase. A névoa escondia as árvores, as rodas do carro se enterravam na lama, o vento rumorejava nas folhas perdidas no cinzento que envolvia tudo.

Os dois homens iam encolhidos de frio e praguejavam.

A vara estalava, incitando os animais que se arrastavam com dificuldade no atoleiro que lhes subia até a barriga.

Aquilo tinha um cheiro insuportável, de coisa azeda amontoada.

— Que tempo miserave! — exclamou um, enrolado numa baeta vermelha, ensopada pela água que lhe caía do chapéu largo.

O outro, enterrado no capim que enchia o carro, mascava um pedaço de fumo.

— É... Não vale a gente porfiá... Vai se comendo a paçoca e vivendo...

O carro rinchava mais forte e as rodas pesadas cortavam a lama como se fossem facas.

Sulcos profundos marcavam a marcha do carro. Ora o vento zunia mais forte e o sentido da chuva mudava, batendo de rijo sobre o rosto queimado dos carreiros.

Ora tudo parecia serenar e a cantilena monótona prosseguia, enquanto os homens sentiam um entorpecimento vagaroso que ia lhes subindo pelas pernas, devido à dilatada imobilidade.

— É já que vamo soverter aqui... Tô maginando que não chegaremo em Pirapora...

— Amode que?

— E a lama?

A baeta encharcada colava-se ao corpo úmido. Indefinidamente a lama enchia o caminho e fedia com intensidade.

— Diacho!

— Fica bravo, matungo... Num pega a bambiá a rédea que não alevantamo hoje daqui...

— Parece que atolamo de verdade.

O carro rinchava, rinchava com angústia... e não saía do lugar.

A vara zunia e os dois bois, humildes, aflitos, lutavam para vencer a lama.

— Eia, Dourado! eia Marquês!

A madeira gemia.

— Diacho do inferno! Peste, disgraça!

— Que é que tem? — dizia o outro, imóvel no capim.

— Sua besta! Não vê que se precisa chegá? Eia Marquês, avante Dourado!

Com a boca cheia de injúrias, o carreiro arregaçou mais as calças e saltou, afundando as pernas no barro. Puxava os animais e bebia a água que lhe escorria pelo rosto. O chapéu, inteiramente desabado, não valia mais nada.

— Molenga, então você nem me ajuda?

De dentro do capim o outro bocejou com preguiça.

A névoa se adelgaçava vagarosamente sobre as coisas.

Cinco horas da tarde.

A chuva prossegue, triste, comprida.

O homem da baeta penetrou no povoado, com o carro e os animais cobertos de lama.

Dourado e Marquês tinham, nos olhos, uma expressão de infinita resignação.

Afundado no capim, o outro ainda mascava.

Novas paragens.

Camarote de 2.ª. A lamparina oscila de um lado para outro.

As duas mulheres estão encolhidas no chão e de vez em quando cospem para o lado.

Conversam, ouvindo a chuva.

— Você teve pena de largá Urubu? — perguntou a mais velha, que tinha o resto dos dentes negros de fumo e os olhos pisados, abertos na pele enrugada e escura.

A outra, baixa, menos velha, tinha um ar mais grosseiro ainda e duas grandes argolas nas orelhas.

— Pena? Qual pena! Até custei a cair em mim que aquilo lá não prestava pra nada.

A outra suspirou:

— Pois eu senti deixar meu cantinho... A gente tá costumada...

— Por que largou?

— Descobriram que eu não prestava...

— Doença? — perguntou a outra muito baixo.

— Doença, sim... Um merdinha andava me arrastando a asa... Pensei que ele tivesse mesmo enrabichado e...

— Ah.

A lamparina rangia, suspensa na argola de metal. Com a chuva, o gaiola dançava muito mais.

A voz da prostituta voltou a vibrar:

— Eu não queria... O pestinha pegou a andar sorumbático e, um dia, me ofereceu dois mi réis pra dormir com ele.

— Você aceitou?

— Pois não havera de aceitar? Sugiguei o trouxa ali e ganhei os dois mi réis.

— Souberam?

— Foi a mãe. Viu que o porquera dera pra amarelecer. Andou assuntando e afinal escadeirou o tripa até que ele acabou perrengando e contando tudo. Escornou o delegado e disse que as raparigas tavam perdendo os meninos, e tanto chorou e pediu o home que ele acabou me percurando...

— Nunca me passei pra esta gente...

— Porque você não é velha como eu.

— Então quando a gente vai caindo assim fica com o vício?

— Necessidade, fia...

— Não apercebo.

— Quando a velhice vem chegando tudo pra nós vai perdendo o gosto. Só topamo velho safado ou menino que tá começando...

A mais moça suspirou. Lá fora a chuva era mais forte.

— Pois eu não saí assim. Urubu ainda tinha mulato. E os embarcadiços gostavam de mim... Não é por dengue... mas sabia me fazê valê... Saí porque...

— Imbondo?

— Ai, imbondo sim. Roubaram as jóias dum sumitico que andava enrabichado por mim. Dispois... disseram, disseram... que fui eu...

A outra fitou-a bem de frente. Seus olhares se cruzaram. Então a mais velha se aproximou mais ainda e perguntou baixinho, quase num sopro:

— E... Não tinha sido você?

— Não foi não.

A mais moça baixou a cabeça. A outra riu, satisfeita.

— Não posso acreditá. Não sou nenhuma espia... Mas se foi... se foi mesmo você por que não mandou todo mundo pro nome da mãe?

— Mandei...

— Então... foi você?

— Foi.

— Conte a arenga.

O gaiola jogava mais. As argolas da meretriz balançavam reguladas aos solavancos.

— O home deixou o paletó no prego. Vinha pateta naquela noite e dormiu no chão como um porco. Tive nojo, nojo deveras daquele sujo... A vida toda suportando os imundos... Tava maluca naquela hora. Fui na trouxa dele e tirei os brilhante. Ele tinha comprado os carbonato naquela manhã. Me lembra que foi um caboclo desempenado, meão, que vendeu.

— E depois... depois... rendeu?

— Não. Dei pro meu home.

— Trouxa... Logo vi.

— Que é que você queria? A gente sempre faz dessa sujice por um cujo. Tinha de ser isto mesmo... O cabra ficou amoitado e me engambelando, fugiu...

— Fugiu?

— Com outra. Me denunciou.

— E depois?

A sua voz tornou-se novamente tão baixa que parecia um murmúrio.

Tremia como se fosse tocada pelo mesmo sopro que inclinava o pavio da lamparina.

— Fugi também... fugi burramente!

— Ah!

Um cheiro enjoativo de graxa e de azeite invadiu o camarotezinho miserável. Tudo oscilava. O silêncio caiu sobre as prostitutas.

— Tá ouvindo a chuva?

— Tou.

— Parece fim do mundo.

Os olhos parados no chão estragado. O pensamento voando sobre as recordações tormentosas.

— Pra onde vai agora?

— Pra Pirapora.

— É bom?

— Não presta. Pode ser que a coisa ainda renda...

— Cidade nova...

— Vou também. Cheirá... Tou farta de banzá no mundo.

— Você ainda volta pra Urubu?

Seus olhos fuzilaram:

— Volto... buscar meus bilhantes... se volto!

Os homens estavam tocando sanfona na beira do rio, quando o gaiola chegou, à noitinha.

O barranco encheu-se logo.

Surgiram as duas mulheres, aspecto envelhecido, o xale trançado por baixo do braço.

— Olha a belezinha...

Foi uma assuada geral. As mulheres, furiosas, deram as costas, ergueram as saias e mostraram os traseiros:

O riso rebentou em todas as bocas.

— Tá podre... Não presta mais...

A mais velha guinchou:

— Podre não, podre é a mãe, porqueras...

Os gritos recrudesceram. A mais nova pôs-se a chorar.

— Boba — disse a outra — vamos apeá.

Apalpões, lutas, urros, mordidas, unhadas, pontapés.

Foram se refugiar em casa do Elias turco.

Já madrugada, dançaram batuque à moda da Bahia para os carreiros e embarcadiços.

E ficaram de vez.

17

Como os carreiros e as meretrizes, outros imigrantes continuavam a descer o vale do São Francisco, procurando a nova cidade que crescia e se alastrava rapidamente. Aos poucos, perdia aquele aspecto misto de resto de quilombo e aldeia indígena. A grande casa de pouso, o armazém de fardos, os casebres numerosos, pareciam antes uma cidadezinha pobre que outra coisa. Já agora haviam feito uma prancha sobre o rio, de modo que os vapores não precisavam chegar até o barranco. Ali se reuniam os caboclos vagabundos, remoendo a preguiça, em mistura aos carreiros e tropeiros em trânsito. Sentados ou deitados no chão, jogavam sem descanso o buzo e o 21, entre risos e pragas.

Africanos, nortistas fugindo das secas, portugueses, amazonenses gastos pela selva, turcos, índios, caboclos rixentos.

E os casebres cresciam, cresciam, surgindo da noite para o dia, na beira do rio, nos barrancos, dentro do mato, em toda parte.

As construções concluídas, os novos prédios caiados, portas abertas, o armazém formigando de gente.

Os fardos de tecidos chegando, os tropeiros amarrando as bestas nas árvores do caminho.

Agora as foices cantavam no matagal e os martelos batiam nas vigas de outras casas em construção.

Negros comerciavam com peles de lontras.

Foi assim, numa hoste miserável, esmolambada, vinda do Ceará, que chegou o estranho visitante.

Ninguém prestou atenção nele.

Nas portas, os mulatos puxavam as sanfonas; a música langue enchia o ar de sonolência.

Só nesse momento, foi o imigrante reparado.

O seu passo era tardo, diferente, suas pálpebras inchadas, o olhar hostil e luminoso.

Desapareceu aquele resto de dia. Também a sua presença era tão insignificante, valia tão pouco entre os outros, que ninguém reparou nisso.

À noite, porém, surgiu de novo.

Revendo agora esse atormentado pedaço da minha vida, sinto-me admirado pela calma que caracterizava aquele homem. Nenhum gesto, nenhuma palavra que pudesse atrair a atenção sobre ele.

Passos na sombra, como um enviado da morte.

Entre tanta gente nova, o caboclo passou desapercebido. Quando a noite caiu, foi bater em casa de Anjo Gabriel da Anunciação.

— Quem é?

— Um forasteiro.

Talvez não bastasse. Mas no sertão, todas as portas estão abertas para um viajante.

O alfaiate abriu-a. Tinha os movimentos mais lentos, pois sentia os anos pesarem e a doença aumentar. O visitante entrou. A sombra crescia na parede, enorme e trêmula.

A luz era escassa. Apesar das viagens para a Bahia serem constantes, Anjo continuava não gastando velas.

Examinou o outro com serenidade. Não deixou escapar coisa alguma àquela investigação.

— Doente?

O visitante passou a mão devagar, devagar pela testa, como se procurasse afastar alguma coisa muito pesada que o torturasse.

Riu.

— Não... não tou doente.

— Parece... Mecê tá amarelo... assim...

Encolheu os ombros.

— Qual! Perciso de um canto pra dormir. Tou viajando de muito longe... e...

Seus olhos se encheram de lágrimas e, rapidamente, curvou-se num vômito inútil.

— Mas vossemecê tá doente! — bradou o alfaiate.

Fez um gesto. Volveu o rosto e ficou quieto um momento, os olhos semicerrados.

— Péra... isto passa!

Torcia as mãos, as órbitas inchadas.

— Deus do céu, vossemecê tem febre?

— Não, não tenho nada.

Sentou-se num tamborete, encostando-se à parede.

— Quer uma cuia dágua?

Desta vez não respondeu. Apenas crispou as mãos e arrancou os cabelos, vencido por uma dor que teimava em ocultar. Anjo estava aflito. Girava em torno ao hóspede, indeciso e trêmulo.

Afinal, o doente fez um esforço para falar:

— Óia, tenho um fogo na cabeça... Uma coisa esquisita, furando a gente nas costas... Foi desde Itabaiana, onde vi um

home morrê... Ele espiava sarapantado pra mim, porque todos fugia dele... Mas adispois...

Fitou com pavor as mãos estendidas, de dedos hirtos.

Os olhos rolavam nas órbitas, inquietos, alucinados.

Anjo Gabriel estava atônito.

Nesse momento, o homem escorregou vagarosamente do banco e ajoelhou-se.

O alfaiate afastou-se de um salto. Algo de imensurável o fitava de dentro daquele olhar febril. O vago brotava daquele homem, gritando naquelas pupilas que boiavam no fogo.

Ainda falou:

— Quando caminhava...

E calou-se.

Anjo também ajoelhou-se e ergueu a cabeça do caboclo.

— Mecê tá doente... percisa dormir... Dorme mesmo em cima, é mais quente... Que é que tem? Se arranja de quarqué jeito...

O doente gemia. Como uma criança, ardia nos braços de Anjo, que o ninava quase, penalizado.

Outro vômito curvou-o.

Então, pousando a cabeça molhada de suor sobre o chão, ergueu-se e trouxe uma cuia de leite.

— Óia, tome isso...

Tentou molhar-lhe os lábios secos; porém, num movimento brusco, o doente atirou longe o líquido.

— Cruzes!... Tou pra ver febre assim... parece sezão braba!

Arrastou-o para uma espécie de sótão, onde guardava rapadura e carnes secas.

Tinha medo que o homem morresse e assim separava-o dele até ao amanhecer.

Trouxe uma lamparina e cobriu-o com baetas velhas que possuía. Lembrou-se mais tarde que neste momento ele estava vermelho como fogo.

— Cruzes, credo — murmurou.

Durante muito tempo, Anjo Gabriel esteve pensando.

Aconchegado sobre a esteira, não conseguia conciliar o sono. Procurava um meio de se descartar do visitante no outro dia. Instintivamente, percebia que ele trouxera algo terrível.

Ouviu estalidos, gemidos abafados.

— Que foi? Mecê percisa de arguma coisa?

Sentiu as ratazanas fugindo doidamente. E o doente murmurou:

— Ratos...

Na manhã seguinte, ouvindo a respiração cansada que vinha de cima, foi vê-lo.

Recuou, a boca aberta, o espanto sombreando-lhe o rosto, sem um grito, sem um gesto.

O homem estava coberto de pústulas sangrentas que enchiam o ar de um cheiro insuportável.

18

Bexiga! Bexiga!

O grito crispou-se em centenas de bocas.

Onde estavam os homens que tinham viajado com o estranho visitante?

Onde estavam os homens que traziam a morte? Dentro das barcaças, contando mercadorias.

Nas construções, onde trabalhavam dezenas de pessoas.

Nos batuques clandestinos, onde corpos se roçavam com corpos.

Nos hotéis miseráveis, onde reinava a mais absoluta promiscuidade.

No mato, procurando cortiços de abelhas.

No barranco, misturados aos embarcadiços.

E encerrados, sobretudo, no medo. Medo de se denunciarem e serem atirados ao isolamento.

Lugar onde ninguém os poderia encontrar.

Eu nada podia fazer. Compreendia o perigo e estudava os meios de combatê-lo. Foi por esse tempo que veio do Norte o nosso velho conhecido Giovanni Luigi Ferrari.

A mala vinha com ele, mas a alegria ficara lá pelo Norte mesmo...

Encontrou a cidade em pânico. Rostos sinistros. Cochichos.

Nos lugares onde antes fremia o batuque, agora se apostava se era mesmo "varicela" ou "olho de boi". Apareciam casos.

Em S. Salvador da Bahia, surgiram empestados, mas a moléstia não grassara... Fora com o tempo...

Noutra cidade só morrera um homem.

Mas noutra — Deus do Céu! — nem os cães escaparam.

A velha Sinhazinha (Que Deus haja...) morrera assim. E o Tinoco, primo da Sabina? Ficara com a cara furadinha que nem ralo...

Vinham me dizer tudo isso. No momento de aflição, apelavam para mim, que consideravam um intruso. Sentiam necessidade de um apoio, agora que os momentos iam ser terríveis. Eu adivinhava, nos rostos pálidos, a emoção e o terror que corroíam como vermes. Via os dedos trêmulos que faziam quase um gesto, implorando uma caridade que não estava em minhas mãos fornecer. Sobretudo uma esperança absurda, trágica, pousava naquelas faces como uma sombra fugitiva.

Os dias foram rolando sobre a morte do varioloso em casa de Anjo Gabriel.

Era o momento de agir. Deste aparente sossego, eu devia tirar o máximo proveito possível. Tive uma idéia, que, no esgotamento em que me achava, considerei luminosa. Fui procurar Giovanni Luigi. Nele, estava a viga mestra para o edifício que eu ia começar a construir.

Sentado sobre a caixa de bonecos, o italiano espiava o movimento no barranco.

— Sr. Luigi, creio que o senhor pretende partir...

— Ma certo! Per Dio!

— Só espera vapor para sumir-se...

— Solamente, padrone!

— Mas só o teremos daqui a quinze dias.

O italiano arrepiou as sobrancelhas em sinal de que compreendia, lamentava, mas se resignava.

Segurei-o pelos braços. Minhas mãos tremiam e devia ser bem lamentável o meu aspecto, naquele instante.

Mas eu tinha medo de perdê-lo e sentia a sombra da varíola pesando sobre o rio e a cidade.

— Preciso do seu auxílio.

Espetou-me o olhar admirado. Procurava compreender-me de um só golpe e analisava as mínimas nuances de minha face.

— Perche?

— Divirta essa gente. Faça-os esquecer a bexiga. Traga de novo o riso, a despreocupação, para que eu possa agir, caso sobrevenha a epidemia.

— Durante quinze... quinze dias?

— Somente durante quinze dias. Depois parta. O rio está aí...

Balançou a cabeça, suavemente:

— Certo... Io capisco...

O italiano era bom. Concordou.

Quando saí dali, nem senti o frio que me roçava o rosto, frio da bruma que envolvia as coisas e que denunciava a proximidade do inverno.

"Briguelas" de graça! Despedida da companhia!

No ambiente impregnado de receio, a notícia veio reavivar um ou outro sorriso. E um ou outro sorriso contagiou a mul-

tidão inquieta. Ressurgiram os casos, a jaqueta vermelha desbotada de Bolastrino, a graça fina de Rosinha, a voz esquisita do italiano... Afinal, a epidemia não vinha. Bem podia ser um receio infundado. Também, não avaliavam eles a extensão do perigo. Tudo era se Deus quisesse...

As atenções se desviaram. Rosinha e o valente Don Carlos voltaram a dominar as palestras. Realmente, quem teria um papel saliente na nova temporada seria o diabo em pessoa, o terrível Bolastrino Qrequeté.

Hoje:
BOLASTRINO AVENTUREIRO
Toma parte toda a companhia

Se bexiga houvesse, devia ter sido lavada pelo rio.

Eu olhava o papel que anunciava a peça, escrito em grossos caracteres a carvão. Tinha uma esperança surda em que não se registraria nenhum outro caso. Nem sei por que pensava assim. Sabia que a varíola pode ficar incubada, surgir de repente... e matar. Mas confiava.

E com os mulatos e forasteiros, entrei para ver os briguelas

Rosinha e Briguela faziam sua entrada em cena:

— Dona Rosinha, s'il padrone sabe sono perdito!

A vozinha fina respondia:

— Ma, mio padre non sabe nada, querido Briguela.

— E a quem devo entregar la carta?

— A lui, somente a lui, a lui...

— Ma che locura!

— Avete paúra, signor Briguela?

— Dio Santo, Dona Rosinha... io sê de una cosa...

— Mistério?

Sim. Martin sabia os amores da filha com Don Carlos. Bolastrino fora o informante. E Bolastrino surgia, esquisito, aterrorizador, dentro da sua roupa vermelha, espantando a platéia e perseguindo os namorados.

Meio inclinado para a frente, batia os braços de pano, saltando daqui para ali, erguendo os braços, movendo as pernas desesperadamente, caindo por cima de um obstáculo qualquer.

Também dizia nomes feios e batia na moça. A emoção dos caboclos chegava ao auge e um rumor abafado pesava no ar saturado do cheiro de peixe.

O outro ato correu em ambiente sereno.

A idéia da varíola fora esquecida.

Terceiro ato: Bolastrino quase vencia.

— Vou acabar co la tua madre, cão maledito!

— Perdona!

— Perdona? Non levasti lettere per ir bandito?

— Levei... ma non levei, signor Bolastrino.

O castigo parecia iminente... mas Don Carlos surgia e raptava a infeliz Rosinha, depois de vencer o diabo em memorável combate.

Nenhum caso surgia.

A população voltara ao trabalho. Tudo parecia indicar que a morte em casa do alfaiate fora um incidente sem conseqüências. Um homem morrera de bexigas e o caso se estagnara aí por qualquer singular motivo. Já as barcaças aguardavam nos barrancos, as velas dobradas, que surgisse a manhã para buscarem o "surubi".

Então se afastavam rapidamente, sob o vôo plano das garças, velas rastejando sobre a água, a esteira de espumas seguindo o barco...

Estávamos no 11.º dia em que Giovanni Luigi representava com seus bonecos.

E 15.º da morte do varioloso.

Há onze dias, os caboclos tinham espetáculo gratuito. E 15 dias nos afastavam do acontecimento terrível.

"As intrigas de Bolastrino"...

Os homens chegavam afoitos, comentavam a representação. As mulheres, de xales trançados nos ombros, falavam nos interesses da vida e no destino de Rosinha. Todos tresandavam a cheiro de peixe, forte e enjoativo.

A atmosfera, carregada, estava sufocante. O cheiro do "morrão", ardendo no candeeiro, chegava em ondas sobre o fartum dos caboclos.

Começou o primeiro ato. As vozes já eram familiares. O acento carregado do italiano dava a cada palavra um sentido especial, malicioso. Súbito, sucedeu uma coisa incrível.

Bolastrino mudou de voz. Tentava falar no tom habitual de falsete e ressoava uma coisa estranha, inverossímil, quase um urro.

O boneco ficou imóvel alguns instantes. Depois, ante a platéia estupefata, tentou falar novamente. O mesmo urro, rolando da garganta do italiano, como uma massa de ferro no ar turvo.

Sempre aquilo, metálico, desafinado, trágico.

Que sucedera?

Deitado sobre a cena aberta, Giovanni Luigi suava e gemia para readquirir o diapasão natural. Aproximei-me para ver se distinguia o que se passava. O rumor das vozes crescia na saleta abafada.

Ainda hoje, passados tantos anos, me lembro do rosto horripilante, agitado, medonho, que deparei, os cabelos desmanchados sob a gorra tombada para trás. Parece que ele compreendeu subitamente o motivo daquilo. Levou as mãos à cabeça, ergueu-se cambaleante e tombou bem sobre o palco, defronte do público, num vômito irremediável.

— Bruta peste!

Os olhares refletiram um terror sobre-humano. Caras de choro, de angústia, de morte. Faces de linhas intensamente deformadas, pelo medo e pela indecisão.

Um só grito: a bexiga!

E a sala achou-se deserta, com duas candeias iluminando alguns bonecos e uma cabeça humana.

Giovanni Luigi, vencido pela febre, delirava junto aos fantoches.

O rosto inchado, afogueado pelo ardor que o devorava, os olhos vidrados.

Ninguém veio vê-lo. Eu sentia o perigo e só cuidava da população ameaçada. Giovanni Luigi, sem forças, tateava o ar, tentando se agarrar a alguma coisa.

Seus dedos só encontravam o diabo, o indefinível Bolastrino, que sorria sempre, com finura e perversidade. A palha que o enchia rangia sob a pressão dos dedos febris. As duas lamparinas exalavam um cheiro mais forte, de morrão que se apaga...

A cachoeira soava na noite que corria, mais intensa, mais lúgubre.

Três dias depois foram ver o italiano. Devia ter fugido durante a noite, pois nem a caixa encontraram. Mandei bater as estradas. Não queria abandoná-lo. Aguardei durante toda

uma noite, impacientemente. Como então a cidade pesou sobre mim! Muitas vezes, desorientado, fitei da minha porta os casebres miseráveis, acocorados na sombra como pobres negros ignorantes. Ao amanhecer trouxeram-me a caixa onde havia gravadas as iniciais G. L. F. e um bocado de Bolastrino Qrequeté. Do italiano nunca mais tive notícias. Talvez tenha conseguido escapar...

Ou talvez...

19

Surgiram logo vários casos de varíola.

A epidemia, incubada até o momento, se abateu sobre a cidade.

Tudo parecia turvo e sinistro, e os rostos assustados não surgiam mais nos barrancos e nas ruas. As garças voavam mais alto, na infinita desolação do dia.

Começou a retirada.

As barcaças recolheram âncoras e arripiaram velas para outros cantos do mundo. No barranco, volvera agora toda uma azáfama de mercadores, guardando mercadorias, de forasteiros contratando viagens.

Famílias inteiras preparavam trouxas prontas para partirem quando o vapor rumasse a Januária. Eu via aquilo, e o coração se me apertava.

Como que sentia o abandono pela cidade, assim que a percebiam necessitada de socorros. Revoltava-me.

Espiava a corrente do rio e as canoas que passavam velozes, rentes à água.

Amontoados nos barrancos, na praia, bandos e bandos aguardavam os vapores. Novos casos iam surgindo. Um sentia

vômitos, dores de cabeça e lá ia a família novamente para o casebre vazio, onde agora só o vento movia as portas, à toa.

Cozinhava-se ao ar livre, erguiam-se cruzes nos lugares altos, acendiam velas. A doença continuava a derrubar gente, e os gritos e as pragas ecoavam longamente.

Tudo aquilo tinha um invencível aspecto de ruína. Todo aquele desespero, todas as velas acesas, os doentes delirando, traziam, terrivelmente nítida, a lembrança da morte.

Vagava um ar de desconfiança. Os olhos tinham sempre um brilho esquisito nos cantos e os gestos eram mais rudes, brutais mesmo.

O vapor apontou no horizonte.

A gritaria sufocou os rumores da terra.

O vapor apontou, aproximou-se lentamente e passou de longe, sem se deter...

A notícia da epidemia correra há muito tempo.

Pirapora estava isolada.

Pela praia começou o desfile.

Os pés espadanavam a água e os homens ameaçavam inutilmente, erguendo, com os cajados, a poeira vermelha que subia à aldeola.

Um instinto mau fez bater meu coração. Senti-me alegre com o regresso da gente. Vi os homens que passavam e adivinhava o terror que ardia dentro deles.

Retirantes voltavam ao ponto de partida.

Muitos dos que haviam saído para o mato regressavam, alguns já contaminados, outros ilesos, confiando em Deus. Mas todos tinham o rosto chupado, amarelo, sombreado de medo e de fome.

Nem embarcação nem pessoa que fossem de Pirapora podiam entrar noutra cidade. Assim, as últimas barcaças que

haviam partido também regressavam tristonhamente. As velas caídas, os embarcadiços enfraquecidos, seguindo, com os olhos pesados, o vôo alto das garças.

Era um movimento sem ruído, um retorno sem alarme, como que temerosos de acordar alguma coisa que não desejavam. Envergonhados, espiando a aldeia muda, o sol batendo de cheio sobre as pedras nuas e a palha dos casebres.

Muitos nem desciam, e ficavam sentados, ao balanço do rio, o olhar perdido num ponto vago do horizonte. Os fogões improvisados na areia ardiam enegrecendo a lata que os cobria.

Vieram dias de intenso calor.

O trabalho paralisado. Os adobes empilhados, rachando ao sol, os trabalhadores conversando sobre a doença. As asas dos urubus feriam um ponto qualquer. As falas arrastadas morriam sem resposta. Súbito, um se declarava com dor de cabeça. Recolhia-se e delirava no abandono das palhoças.

Gritos sacudiam a estrada.

Em cada casa onde houvesse um morto, o berreiro denunciava o drama.

As crianças abandonadas comiam terra, e as moscas-varejeiras zumbiam sobre as fezes ressequidas. Naquele caos, tive a confirmação, enquanto a varíola se alastrava com desesperadora rapidez.

Era mesmo a "olho de boi". As pústulas, enormes, surgiam com um ponto preto, indelével. E o doente, se não morresse no período de quarenta dias, podia se considerar salvo.

Não posso esquecer, neste ponto, uma curiosa recordação. Os enterros eram feitos à moda do sertão. O morto, atirado dentro de uma colcha de chita. Amarradas as pontas, penduravam-na em um pau, que descansava nos ombros de

dois camaradas. Os parentes pagavam a cachaça. Seguiam junto aos amigos, que se revezavam bebendo e cantando.

Pelo caminho, faziam o elogio do defunto:

— Era uma peste...

— Ladrão como ele só.

— Vai pagar o que fez com o diabo...

— Sovina até ali!

— Alma de cachorro! Passava rasteira nos amigos...

— Somítico, bêbado, malvado... Nem um gole de cachaça pagava.

— Sujo, filho da mãe...

Atrás, a viúva e os filhos escutando. Não levantavam uma palavra de protesto. Era costume...

Os carregadores fúnebres, embriagados, balançavam o morto com tanta força como se fosse um jacá de queijos. Muitas vezes paravam para dançar. Descansavam o fardo e, destapando o vidro de aguardente, iniciavam o batuque.

Impassível, a viúva assistindo.

Depois retomavam a vara. A troca era feita com extraordinária rapidez. Caminhando e blasfemando contra o defunto, largavam o fardo nos ombros de outros, que prosseguiam a arenga.

Teria de lutar sozinho.

Pensando assim, reuni alguns operários e ataquei a construção de um lazareto, retirado de Pirapora.

A mortandade crescia. Já não se enterrava mais. Os corpos eram atirados no mato. Cada vez em maior número, os urubus desciam, sombrios, sobre a carniça. As asas pretas, sob o sol forte, pareciam azuis-safira.

O mau cheiro começou a empestar as estradas. Pouco a pouco, completamente ermas, foram dominadas pela erva

brava. Os cadáveres esquecidos, semi-roídos, eram retirados às pressas pelos homens de boa vontade e queimados ou enterrados.

Nas noites escuras, aquelas fogueiras ardiam com chamas azuladas. Mas nenhum batuque se ouvia em torno e só os ossos estalavam, espantando a ronda sinistra das feras.

A vida tinha cenas extraordinárias.

Uma mulher lavava roupa.

Súbito, se erguia, gritando e corria para casa, torturada pelas dores.

Ou ainda uma criança brincava. De repente, punha-se a chorar, atacada de vômitos.

Ou ainda um caboclo estava escondido no mato. A febre o atacava e ele morria ali mesmo, amanhecendo com a boca coberta de formigas.

Finalmente, o lazareto, malbarreado, malconstruído, ficou pronto.

A hora mais difícil havia chegado. Reuni todas as forças que possuía e, auxiliado por alguns operários, comecei a recolher os doentes. O povo reagiu. Agarrados aos parentes, alguns moribundos, julgavam o isolamento com horror.

As mulheres se atiravam aos meus pés e eu via a minha marcha tolhida.

Quando, a muito custo, conseguia arrancar alguém de casa, a família saía aos gritos para a rua, rasgando as roupas e implorando com tal intensidade que muitas vezes hesitei se devia abandonar tudo ou ficar surdo àqueles rogos que me desorientavam. Em todos os casebres se reproduziam as mesmas cenas lamentáveis. Não se incomodavam de morrer, mas amontoados, em família, uns sobre os outros. Contaminava-se, desse modo, a família toda. Morriam como bandos de carneiros,

sufocados dentro das palhoças miseráveis. Era um trabalho exaustivo a retirada dos cadáveres, aos montes, negros e sujos.

Encontrei caboclos que fugiam para o mato, arrastando doentes que desejavam esconder. Preferiam os riscos de serem devorados pelas onças. Muitas vezes fugiam atarantados, cambaleantes de febre. Havia os valentes, que se atiravam sobre a turma, mordendo e arranhando. Nenhum discurso os convencia. As lágrimas desciam grossas pelas faces e nunca, como naqueles dias, senti-me alvo de tantos ódios desencontrados.

Mas ninguém sabia como eu procedia. Onde a dor era mais forte, cerrava os olhos, e só desejava que a morte aniquilasse tudo ou que o rio varresse aquela aldeola trágica, onde o sofrimento vibrava com tanta força em todas as almas.

Não eram raros os que me arrepiavam com perguntas:

— Nhôzinho... é verdade... vou morrê?

Qualquer coisa prendia minha voz, turvava-me a vista. Queria responder e não podia. Então o bexigoso rolava no chão e chorava desesperadamente.

A muito custo, podia murmurar:

— Não... vai ficar bom... completamente...

Mas o rosto manchado de terra também estava sombreado de dúvida:

— Qual... agora nunca mais Nhôzinho... bem que eu sei...

E quando não lutavam, marchavam lentamente, fechando os olhos ao brilho agudo do sol. Muitos trabalhadores eram contaminados e morriam no próprio hospital que haviam construído.

Encontravam-se fugitivos do lazareto. Haviam se internado pelo mato e morrido de inanição.

Com a doença, os urubus aumentavam. As rodas, no alto, cresciam, silenciosas e inumeráveis. Sobre o rio, as garças fugiam

agora; só as asas negras balouçavam vagarosas e atentas, sobre os casebres ameaçados.

As noites eram terríveis e agitadas.

Onde havia um defunto, já não atroavam gritos, senão um choro manso ou um silêncio acabrunhador.

Percebia-se o morto através da porta aberta com o rosto aumentado e deformado pela chama da vela.

Não havia um padre para socorrer os moribundos. Gente morria nas barcaças, a cara emborcada no meio da farinha, empastada de pus e sangue.

Braços pendidos para fora, com o lodo do rio condensado na junta dos dedos.

Debaixo das árvores, dormiam tropeiros abatidos, o chapéu sobre o rosto afilado e escuro de barba.

Portas escancaradas, interiores em desordem, imundície, desespero...

Galinhas magras, selvagens, ciscando à toa. Algumas eram caçadas a pauladas.

As cercas arruinadas, cobertas de mato que brotava com ímpeto.

Água estagnada em latas e bacias abandonadas nas vielas. O calor ardendo sobre aquilo tudo, uma preguiça doentia correndo no sangue dos homens, a aldeola, para trás, adormecida no desespero e na inutilidade.

20

O lazareto era uma sala de chão batido, com duas portas abertas para o mato.

Quarenta doentes gemendo.

Uns enrolados em esteiras, amarrados de corda, outros sob cobertores.

Ar denso, saturado pelas respirações febris.

Havia duas espécies de atacados: os que falavam ou gritavam como animais, estorcendo-se no chão. Ou os que permaneciam imóveis, os olhos cerrados, atolados em profunda apatia.

Durante o dia, a palha de buriti que cobria o casebre esquentava e o calor tornava-se horrível.

Os doentes pediam água incessantemente e foi necessário abrir uma cacimba do lado de fora pois o rio ficava bem distante.

Depois deste período de minha vida, correram largos anos; mas nunca pude me esquecer daquelas faces, daqueles gestos, daqueles gritos.

Como que os vejo sempre que me transporto para o passado e, ainda agora, o mesmo arrepio e o mesmo horror me

dilaceram. O sofrimento era espantoso. Dentro daquele pequeno inferno, a dor era tão intensa, as queixas e os lamentos eram tão cruéis, que me obrigavam muitas vezes a refugiar-me junto à cacimba, procurando esquecer perto à calma daquela água, o turbilhão que se revolvia dentro de mim.

Os gemidos mais fracos eram abafados pelo rumor da cachoeira, mais próxima ainda. Tudo aquilo se confundia numa orquestra diabólica, e o lazareto, como uma caixa rumorosa, deixava escapar as pragas e os gritos pelas fendas das palhas. Ainda uma vez odiei intensamente o rio, aquele rumor angustioso, aquela cachoeira bárbara. Era como um riso acompanhando a nossa dor.

Deixei um guarda à porta. As famílias rondavam sempre pelo mato e, a qualquer descuido, roubavam os doentes. Não raro, os raptados já estavam tão sem forças, que caíam no caminho. E ali ficavam, até que um dos operários fosse enterrar o cadáver.

As lutas eram constantes, e mais de um guarda saiu ferido desses combates para não mais se erguer.

Uma noite no lazareto era suficiente para envelhecer um homem.

Como animais, logo que as sombras caíam, os doentes uivavam. Sentiam o aguilhão da dor ou do medo perfurando-lhes a cara. Depois, a consciência do irremediável surgia nítida, implacável. Como carneiros acuados, sentiam o peso da condenação. E só encontravam alívio, gritando.

Quando tinham forças, eram uivos longos, dolorosos, que se apagavam como se morressem aos poucos.

Os gritos chegavam até o povoado, e as pessoas que tinham parentes lá soluçavam ou rezavam. Quando aquilo aumentava, saíam doidos para a rua, pedindo aos vizinhos que os ajudassem a tirar os doentes ou a rezar.

Muitos morriam desse esforço. Apareciam emborcados, de dedos recurvados pela agonia.

Mas à tarde, chegavam sempre novos asilados. Ah! o olhar que eles tinham quando avistavam o casebre de palha! A expressão do mais intenso medo e o fulgor da mais desesperada agonia. Cravavam as pupilas nas árvores, num adeus que talvez, o mais certo, fosse para sempre. No primeiro dia não se conformavam. Choravam tanto que dois sulcos compridos desciam e marcavam as chagas. Aos poucos iam se conformando, procurando encher o tempo, gemendo baixinho, espiando com os olhos injetados o mato verde que as portas desvendavam.

Somente à noite, quando a febre aumentava o delírio, as cenas eram mais violentas.

Os "agitados" se atiravam bramindo sobre os outros e, por momentos, tudo era ruidosa confusão, até que um morria de cansaço ou punha-se a vomitar estertorando.

Diálogos murmurados pelos cantos. Vozes arrastadas, repletas de angústia e desalento, quase sempre feriam a noite alta:

— Tá durmindo, cumpanhêro?

— Não.

— Tou com sede. Vou morrendo nesse calô...

— Se a gente pudesse fugir... apegá com o guarda...

— É... Se pudesse...

— Por causa da muié. Já tou mior, sabe?

— Eu também.

— Talvez que inté já tenham fechado os óio...

— Inté quem?

— Os fios...

— Ah!

Ou então alguém rastejava:

— Tá ouvindo?
— Não... que é que é?
— Choro...
— Todo mundo chora...
— Não é isso... choro de criança!
— Será possível?
— Agaranto.
— Certeza?
— Óia... escuta de novo...
— Não é criança...
— ...?
— É muié.
— Tá no canto, não?
— Óia, parece que tá morrendo...
— Coitada!
— Quá o que... vai descansá.

O calor brotava do solo. Nem um murmúrio de brisa. Os gemidos recomeçavam. Ouviam-se os passos do guarda, os estalidos dos ramos no mato. Lá fora, a noite serena, repleta de estrelas. Todos perguntavam aflitos:

— Quando virá a chuva?

E o inverno não chegava.

21

Na casa das meretrizes, a morte rondava também.

—Tá mior?

A outra nem respondeu.

Por cima da casa os urubus revoavam e as mulheres escutavam o sinistro ruflar das asas.

Longos momentos de silêncio. A noite caiu e as asas desapareceram.

A companheira fitava o rosto da amiga. A meretriz já não tinha força nem para abrir os olhos.

— Ema!

— Teje quieta... Seu Elias trouxe o leite... Custou mas achou.

Passava o pano embebido no leite pela face da amiga.

As mãos pendiam inertes. Apenas os lábios se moviam, com dificuldade.

— Fala... tá mior?

— Nada.

Novo silêncio.

— Vou morrê.

A mulher estremeceu e passou as mãos pelo rosto. Por que descera naquele lugar maldito? A lamparina desprendia um fio de fumo negro.

— Morrê? Você tá mior... descansa...

— Não é perciso... mentir. Óia, só tenho pena dos meus brilhante. Se eu morrê hoje... óia, não chore... não deixe de se alembrar da vela... um toquinho debaixo da cabeça... Em Urubu ouvi dizer que era bom.

— Não, não... você não vai morrê... agaranto! Havemo de torná pra Bahia!

— Bobage, Ema... Vou morrê sim... que é que tem?

A mão tentou fazer um gesto e pendeu sem força.

— Me vingue daquele diabo... Diga que eu não pude... eu não pude...

O pavio tremia na candeia de folha.

Os grilos chiavam.

22

Ocaso.

A estrada quieta, batida de sol. Bois pacíficos ao longe, magros e tristes. Aniquilamento. Casas vazias, móveis quebrados, animais apodrecendo ao sol, inércia, morte.

Urubus nos galhos secos, graves, soturnos.

Silêncio... silêncio.

Um ou outro menino amarelo, amarrando pedaços de carne podre em tocos de lenha, para pegar urubu.

As portas arruinadas, tombadas para fora, a palha dos tetos furada e apodrecida, as cercas arrebentadas, os roçados invadidos pelo mato. Gatos famintos, longos, cheirando os portais vazios.

Morriam os derradeiros doentes. As sepulturas improvisadas, como bocas fartas, abriam-se pelas últimas vezes.

A epidemia desaparecia.

Começava a fome.

Os caboclos magros, os rostos indelevelmente marcados, comiam raízes e morriam envenenados, os estômagos inchados, roxos, a baba azulando ao sol.

O rio não dava mais nada. O peixe estava raro. Não havia farinha. Não havia comércio. Não havia nada.

Foram caindo as últimas reses, magras, doentes, para a população esfaimada.

Os vapores não paravam ainda e cidade alguma recebia gente de Pirapora. Ficavam prisioneiros da terra destroçada, espiando a água estéril e o mato impiedoso.

Nem se arriscavam a partir. As pernas vergavam à toa e os braços cansados procuravam constantemente um apoio. O barranco ficava cheio de gente todo o dia, com a vaga esperança de um vapor que devia chegar. E que não chegava.

Os dias iam passando e com os dias voltavam os velhos costumes.

Eu fechava os olhos a tudo aquilo, cansado de lutar. Tinha náuseas de combater homens amarelos, esfomeados, que teimavam em dormir nus sobre as barcaças e se imiscuírem com as mulheres.

Via os seios magros novamente roçando a flor da água. E as barrigas inchadas, horríveis, balançando sobre as pernas finas.

Finalmente, o céu escureceu e uma chuva intensa desabou durante alguns dias. E o rio se encheu, subiu, subiu e cobriu as casas da margem.

Árvores partidas, raízes viradas para o alto, vinham na correnteza, de mistura com animais mortos e até pedaços de embarcações, colhidas pelo temporal.

A cachoeira rolava com redobrado furor e a espuma subia tão alto como uma nuvem que descesse sobre o rio. Os homens mais corajosos ficavam todo o dia sob o sol, de batim em punho, esperando algum peixe perdido na correnteza.

Foi com este estado de coisas que João Randulfo se lembrou de vingar-se.

A água invadira sua choça, bem como de outros caboclos, obrigando-os a se transportarem para cima.

A mulata que se casara com Randulfo morrera na varíola.

Tudo aquilo serviu para incentivar-lhe o ódio contra mim.

Uma noite, os crioulos gemiam de fome no meio da estrada.

A sombra das árvores cobria a cidade nua. Mais adiante, o São Francisco, enorme, como um mar sem vagas, de uma serenidade assustadora.

Céu sem estrelas, frio arrepiando as folhas úmidas.

João Randulfo se aproximou:

— Boas noite, gente.

Não responderam. Então ele começou a falar. Sua voz, de entonações ásperas, diluía-se como fumo na sombra, onde apenas viviam os olhos inquietos dos caboclos.

— Mecês tão vendo. Adispois da doença a fome. Tavam pra i, mordendo raiz dura, com o rio subindo sem pará, as casa sumindo... Quem tinha culpa? O forasteiro. Antes, a gente era feliz, não tinha essas coisas de vestir, dançava quando queria. Não tou falando por ojerisa, não. A gente podia mesmo comê de tudo, nunca havera doença braba no povoado, todo os crioulos viviam seu quieto... Pra acabá, tinha-se de um tudo. O homem vinhera de longe, pensando que tava lidando com pateta. Dispois, vinhera um mundão de gente e a peste também. Bexiga vinhera de castigo. E o homem dera pancada nos crioulos e fizera um hospital do diabo no meio do mato.

Nem um ruído perturbava a sua voz. Como que ele falava para mortos, no silêncio de uma campina desolada, cujos bordos fossem o rio que se alongava para além.

— E o pessoá morria de fome. A comida não dava pra ninguém, tavam cortado do resto do mundo, até acabariam

pro canto, como cachorros. Os nortistas comia tudo e ainda queria mais. Só o tipo era culpado.

Qualquer coisa já se movia na sombra. Os olhos cintilavam mais fortes.

— Agora percisavam dá um jeito. Como podiam ficá assim? O home que salve a gente. Que arranje comida. Pensa que é só andá desempenado... Fica maginando só... Topa com cabra valente aqui. Quando fico desatinado não gosto de gente perrengue... Quem quisé vim, vem...

Os homens esfaimados se animavam. Encontravam um motivo para o sofrimento que os aniquilava. Randulfo chegara num momento decisivo. Se naquele instante não tivesse atraído as atenções sobre mim, forçosamente a noite teria terminado num conflito. O ódio contra minha pessoa era um desabafo, uma válvula de escapamento para sentimentos recalcados.

Aquilo germinava nas almas, como um fermento que em breve se derramaria pelos bordos das consciências, corrompendo tudo.

— Queremo memo o que se tinha antigamente. Para que é que a gente percisa de pouso de tropeiro, boneco mexendo e barco parado? Nunca percisamos disso. Só ganhamo a peste. Falta comida... falta tudo... Tamo morrendo envenenado de comê raiz. O rio tomou as casa da gente, agora vamo morrê de frio. As casa véia tão cobrindo gente de outra terra.

Gritos partiram do grupo de mulatos. Estavam de acordo com Randulfo, que rejubilava.

Era estranho aquele ruído dentro da sombra. Homens magros, nus e trêmulos, faziam absurdos gestos de ameaça. Ameaça que não era para mim, mas para a terra estéril e o rio de uma serenidade angustiante.

E a voz de Randulfo continuava:

— Entonce, por que não vamo percurá o home? Dizemo: a gente qué a paz que nos roubaro. A terra é da gente. Tudo é da gente. O rio, as casa, os morro. Ninguém tem direito de tomá coisa nenhuma. Fomos os premero e a terra era nossa, ruim e braba quando chegamo. A gente ficava escutando os urro das onça e o chocaio das cobra. Dispois que fizemo tudo e aprendemo a aproveitá o rio, trouxero outras gente e as doença. Quem qué me acompanhá?

E implorava com gestos, que o ouvissem, que se salvassem também. Restos destroçados, molambos de gente, estavam cansados e vencidos. Erguessem ao menos a voz pela vida, somente isto era o que pedia.

Como não atender? Pois se a linguagem daqueles trapos, daqueles rostos macerados e marcados de doença era uma linguagem trágica e cheia de amargura. Talvez Randulfo tivesse razão... Erguia-se sobre a turba inútil e envelhecida como uma bandeira apelando para a vida. E aquele apelo sacudia nas almas dos outros o mesmo anseio de sossego e fartura, a mesma nostalgia da liberdade.

Todos queriam. O mesmo calor circulava em todos os corpos, e a noite protegia as empreitadas tenebrosas. Aqui e ali cheiravam plantas selvagens. Aquilo vinha como um convite à carne e à revolta.

— É mesmo. Nem o mato nem o rio é do home de fora — diziam.

— Tamo querendo só o sossego. Venha tudo pra sê feito direito.

Iam unidos procurando apoio uns nos outros. Os pés nus não faziam ruído na estrada. Tudo estava calmo.

Naquele momento eu conversava com o alfaiate:

— Pois então? Não sei o que faremos. O povo está morrendo de fome e não consigo notícias de outros lugares. Nem Curvelo, nem Januária.

— Talvez que...

A turba apontou no escuro, gritando.

— Tá ouvindo?

— Vi também. Parece que vêm para aqui.

O mato recendia. Com as últimas chuvas, as flores de maracujá estavam abertas e perfumavam intensamente o ar. Mas parecia que era o rio cheirando assim, trazendo, das suas ilhotas perdidas na torrente, o suave perfume das flores.

— São mulatos.

No escuro, as figuras se confundiam, tornavam-se uma só massa rumorosa.

Pararam diante do casebre.

— Traz a vela ou a lamparina.

O alfaiate entrou e voltou com o castiçal:

— Pronto.

Ergui a vela, e a luz caiu de cheio sobre o rosto hostil de Randulfo. Não titubeou. Ficou na mesma posição, rasgado, imundo. Apertou-me o coração, diante daquele trágico-grotesco da cena que se desenrolava. A minha vontade era abraçar Randulfo e chorar pela miséria que apresentavam.

— Vimo pra pedi vossemecê de comê.

A turba atrás dele fazia um círculo. Faces cansadas, muitos marcados de varíola.

— Comer? Mas eu não tenho nada! Vejam a minha casa, está aberta... Entrem e espiem tudo.

A turba hesitava. Lá dentro, a saleta nua.

— Vossemecê trouxe a doença.

— Não fui eu quem a trouxe.

— Veio de cima.

— Ou do Sul. Ninguém sabe.

Randulfo faiscou-me um olhar repleto de ameaça. Não sei porque, lembrei-me da "cericória" inútil, brilhando nas mãos ásperas de Manuel Capitão.

— Nos salve agora.

— Teria de salvar primeiro a mim.

Então o mulato virou-se para a horda:

— Tão vendo? Ele tirou tudo e não pode dá nada na barganha. Vamo jogá o home na cheia, pras piranha.

Eu tremia. E a vela, entre meus dedos, vagava pelas faces sem vida.

— Idiota! — gritei, sem vontade, comprimindo uma dor que vinha do mais fundo de mim mesmo.

Ele cresceu, enquanto o vento batia as suas roupas esmolambadas.

— Idiota? Entonce a gente morre de fome, vossemecê num faz nada!

Um sopro agitou o grupo:

— Pras piranha... Tamo com fome...

Voltei-me, num grito, para Anjo Gabriel:

— Traga a garrucha, seu Anjo...

Randulfo atirou-se a mim:

— Não se avexe, coisa ruim...

Empurrei-o e o mulato tombou longe, tão fraco estava.

Um vulto magro e sujo saiu do escuro:

— Óia, botemo ele dentro duma canoa... É pecado matá um home assim.

— Tá certo — falaram alguns. — Na canoa...

Randulfo levantou-se e gaguejou:

— Na cheia, na cheia de pronto...

Mas o mesmo vulto adiantou:

— Na canoa, pois bem pode sê que as piranha ou caboclo dágua tome conta dele.

Randulfo, mais esperto, fitou-o com indisfarçável desprezo:

— Tu acredita nisso, mulato?

O outro fez um gesto de estupor:

— Pois entonce não arreparei os canoeiro da "Estrela Azul" mordido de caboclo dágua? Credo... mecê não brinque com essas coisas...

Talvez fosse isso que me salvasse. Nem sei bem... Toquei o homem com a mão:

— Olha, posso arriscar-me. A cheia é forte — mas quem sabe? Talvez eu vença e consiga chegar...

— Qué mas é fugi — cuspiu Randulfo.

— Sob palavra...

O crioulo rugiu:

— Nada disso... O home tá com medo... Vai fugi, agaranto!

— Onde vossemecê vai? — perguntou o homem que me defendera.

— A Januária.

— Não deixe, gente, não deixe esse prosa embarcar!

— Sozinho? — perguntou o outro, meio desconfiado.

— Com quem havera de sê? — perguntou o Randulfo com ironia.

— Não. Preciso de quatro remadores e um piloto.

— E se levasse gente nossa?

— Não deixe, minha gente, ele tem parte com o capeta — grunhiu o mulato.

— Feito — respondeu o outro, sem ligar para as injúrias de Randulfo.

Dei as costas.

Os mulatos foram sumindo, a noite engoliu a turba. Ficou no ar um vago cheiro daqueles molambos, daquela miséria. Sentia, ardendo em mim, lágrimas inúteis que não corriam, que me afogavam em desespero.

O perfume doce dos maracujás partia da cheia, que grimpava pelas casas.

23

Madrugada.

Água e céu vermelhos.

O mato, lentamente, acordando na fímbria da água parada.

As casas por cima dos barrancos, a palha dos tetos batida pelo vento, a terra roxa rolando para a cheia.

Galhos secos, indecisos nas margens, com as pontas rubras balançando. Barcaças arruinadas — Nossa Senhora da Vitória, Estrela do Norte, Esperança, Santa Maria — com o bojo cheio de água barrenta.

Tons mais fortes de vermelho.

As primeiras asas que cortam o céu esbraseado em vôo rápido. Flores que descerram as pétalas e espiam a água muda sobre a barreira desmoronada. Gritos de aves que acordam.

Galos longe, perto. Princípio de sol.

Claros abertos na penumbra das margens.

Galhos levados pela corrente, mato batido pela brisa. Uma garça morta desce estendida num tronco de árvore, a cabeça boiando na água clara do sol.

A serenidade esmagadora do rio transbordante. Serenidade hostil, imensa, palpável. Serenidade lenta, de tentáculos invisíveis que vão segurando tudo. Silêncio absoluto.

— Eia! Eia! Eia!

A "Sant'Ana da Lagoa" voa sobre a corrente. Pirapora vai ficando longe, com os penachos de fumo subindo. Inquietava-me uma estranha angústia. Sentia o lugarejo parado, dormindo, como uma criança doente. E não podia largar a vista daquele fumozinho que subia... que subia...

Quatro braços vigorosos vão e voltam em movimentos ritmados.

Diante do meu olhar pensativo, o São Francisco.

Habitualmente tão manso, tão amigo dos sertanejos.

Crescera assim de repente, invadira lares, destruíra barreiras.

— Eia... Eia...

Árvores submersas balançavam vagarosamente as folhas que surgiam sobre a água.

Tonalidades diferentes. Ora barrento, ora verde, ora puro.

Movimentos diferentes. Aqui rápido, ali indeciso, acolá completamente parado.

Ou um redemoinho. Dançando loucamente no vórtice, folhas e animais putrefatos.

Além, o teto de palha de uma cabana submersa, uma cadeira velha vogando, panos, abóboras apodrecidas.

Dois ou três urubus imóveis, como se fossem de massa.

Uma curva. A água tumultua rápida, fecha-se em círculos densos, canta num rumor precipitado.

Depois o rio se alarga muito e surgem as ilhotas, braços se separam, depois se estreitam, se estreitam tanto, que a cheia sobe mais para espiar as campinas desoladas que correm ao horizonte afastado...

Quando baixar, os homens pagarão a sua dívida, tremendo e morrendo de maleita. O rio que dá a vida cobra com a morte...

Guaicuí.

Depois, o rio novamente. Ondas, árvores partidas, animais mortos.

Água, água. A tristeza dessa água morta, sem destino, varrendo aldeolas desoladas, trazendo o desespero para pobres crioulos rudes e ingênuos, profundamente infelizes, quase sem consciência desse sofrimento...

Extrema Paracatu de Seis Dedos.

Bois balançando os rabos, mulheres que passam longe, crianças nuas batendo as mãos para o barco... E a mesma tristeza, vazia, imensa... A tristeza das coisas grandes e irremediáveis...

Barra do Paracatu.

E ainda o rio, vertiginoso agora, correndo sempre, correndo e rumorejando nas terras desertas.

O mesmo cenário desolador. Aves que arrepiam vôos, uma fumacinha que sai não se sabe de onde...

Água, água.

Súbito, São Romão aparece. Passara a noite, rolara a cheia, as vozes dos remeiros estavam roucas, como gargantas de velhos sinos partidos.

24

Já era noite, quando avistamos a cidade.

Ruínas, que outrora haviam sido a comarca de um grande território.

— Patrão, a gente não vai podê entrá...

— Mas é necessário... a todo transe.

Os remos vigorosos tornaram a ferir a água.

Rapidamente, a canoa se aproximou do porto desmantelado.

— Quem vem lá?

O vulto se ergueu sobre a água trêmula.

— Um viajante — respondi, reunindo toda a minha serenidade dispersa.

Houve uma rápida pausa de silêncio. Ouvi um barulho como terra desmoronando dentro dágua.

A desconfiança devia ter assaltado o vigia, porque perguntou:

— De onde?

A resposta palpitou rapidamente nos meus lábios:

— Da Extrema, no rio Urucuia...

A noite nos protegia. Por muito que o vigia balançasse a lanterna e alongasse o braço, nossos vultos estavam fora do seu olhar. Mesmo, os remeiros haviam descido os chapéus sobre os olhos e não poderiam ser reconhecidos.

Manobraram rapidamente e... saltei em terra.

— Esperem ao largo — mandei.

Sem um suspiro de cansaço, os remos cortaram a água e a canoa foi descansar no centro do rio.

— Quero falar ao vigário.

O homenzinho suspendeu a lanterna que o vento balançava. Examinava-me curiosamente. Satisfeito, resmungou:

— A gente tem de tá espiando... A bexiga braba anda por aí. Pode ir caminhando... é na rua à direita.

Distingui, diante de mim, o vulto de um casarão velho, com as janelas reforçadas por barras de ferro. A hera agarrava-se às pedras deslocadas e os morcegos voavam por todos os cantos. Era a velha cadeia, atestando um passado de opulência. O portão já não tinha fechos e rangia batido pelo vento. O mato impedia a passagem e grandes buracos serviam de tocas para animais de toda espécie.

Era vigário o padre Antônio Peixoto, filho da própria cidade de São Romão.

O prédio onde morava era dos melhores em conservação. Um crioulo levou-me até lá.

Padre Nico, como era conhecido, jantava o seu segundo jantar naquela tarde.

O café fumegava num bule de louça, onde havia cegonhas pintadas. As broas cheirosas, tostadas, estavam empilhadas numa bandeja de prata lavrada. O carajé, noutra vasilha, cheirava.

— Quem é o senhor? Onde trabalha?

Os olhinhos miúdos se destacavam na face corada. A sotaina batida, luzidia, refletia o brilho hesitante das velas do candelabro.

— Trabalho em Pirapora.

— Pirapora?

Pousou a xícara na mesa e arregalou os olhinhos; examinou-me atentamente, procurando vestígios de bexiga e, não encontrando nada, refletiram menos o medo que o dominava.

— Não se assuste — murmurei. — A epidemia está dominada. Lutei muito, fiquei velho, mas venci. Agora, a cheia invadiu a cidade.

— O senhor...

— Um momento. O senhor é um sacerdote, auxilie-me a salvar aquela gente. Não posso descer em lugar algum e os caboclos morrem de fome.

— Porém...

— Também morrem envenenados, outros comem folhas como animais, outros, ainda, morrem de inanição.

Enquanto falava, eu ia examinando atentamente os sinais do seu rosto. Via a hesitação desaparecer lentamente e a atenção iluminar os olhinhos vivos.

— Não podem ficar assim... Uma crioula matou o filho porque não tinha leite para amamentá-lo. Vi o pobrezinho morto e, o que é pior, vi essa mãe... imóvel, sem uma lágrima, sem um gesto.

O café recendia convidativamente. A xícara começada ficara abandonada. Os dedos finos do padre seguravam ainda um pedaço tostado de broa.

Sentia o perfume destas coisas subir-me à cabeça e, falando dos caboclos que tinham fome, narrava meu próprio sofrimento, diante da louça fina e os manjares saborosos que cobriam a mesa.

Depois vi, com extraordinária nitidez, a cruz que pendia da parede. A fumaça da xícara subia até lá.

— Há gente que nunca ouviu falar em Deus. O povo retorna aos costumes primitivos, andam nus como bichos e matam sem remorsos. A vida é um inferno e as crianças nascem para o vício, aprendendo desde cedo toda sorte de infâmias. São como pobres animaizinhos ignorantes. Estou cansado de lutar sozinho. Ajude-me!

O prelado parecia comovido.

— Mas como posso auxiliá-lo?

Acabou de pousar o pedaço de broa sobre a mesa. Afastou a xícara e pousou o queixo nas mãos.

— Só amanhã poderei alcançar Januária. Lá esperamos um vapor e hei de obrigá-lo a se deter em Pirapora... Tenho meios para isto, pois sou o representante da companhia naquela cidade. Trouxe até os documentos.

Parei um momento. Depois, sentindo que a emoção tornava minha voz pouco firme:

— Mas os meus homens estão exaustos. Não agüentariam mais uma hora remando. Onde iríamos passar esta noite? Ah! o senhor não compreende, não percebe que coisa dolorosa é se ter fome...

Então ele segurou-me o braço, cravando em mim os olhos crescidos pelo espanto:

— O senhor tem fome? E não me disse nada?

— Temos fome. Há muitas horas remamos, sem nada comer. Não podíamos ir mais longe do que esta cidade... Seria demais, não poderíamos...

Mostrou-me a mesa coberta de alimento:

— Mas... perdão. Coma à vontade, por quem é. Coma e descanse. Vou mandar buscar os seus homens. Amanhã, pela manhã, o senhor partirá.

Levantou-se e saiu. Atirei-me sobre os bolos, o carajé cheiroso e comi sem sentir gosto de coisa alguma. Só a pimenta ardia nos meus lábios e o quente do café queimava-me a boca.

O padre tornou a voltar. Pôs-se a falar com volubilidade:

— Correm notícias incríveis a respeito de Pirapora! Ouvi dizer que tinham morrido todos. A varíola não poupara ninguém... Verdade?

— Nem tanto.

Que adiantaria falar sobre os tormentos que tínhamos passado?

— Encontraram defuntos pela estrada. Eu nem quis vê-los. Que horrível coisa, a peste! Pois foi uma peste, não foi?

— Foi uma desgraça.

Sentia tremendo no meu rosto, lágrimas que não desciam, estrangulando-me.

Subitamente o padre pareceu se lembrar de alguma coisa:

— E o senhor não teve nada... nada mesmo?

— Não... não tive nada...

— Ah! que exemplo admirável! Que bela página religiosa!

Não compreendia. Fitava, atônito, o padre transfigurado.

— Pois o senhor vai ver... Ficou ileso no meio do mal... milagre! Que digo eu... milagre? Não, mais do que isto, maravilha! No próximo domingo vou citá-lo como um exemplo, no meu sermão. Farei uma coisa bonita, de estilo, recheado de latim... como os mestres, o senhor sabe? como os mestres...

E, ante o meu espanto, bateu carinhosamente no meu braço:

— Sempre foi o meu sonho, amigo... Ter um exemplo vivo da caridade divina, uma amostra talhada para mim, da benignidade de Deus...

Eu não sabia mais o que se passava comigo. Tinha vontade de chorar e de matar o padre.

— Muito latim... como os grandes mestres...

E assim, Deus fizera aquela tragédia, para exemplo, num sermão feito por aquele idiota. Todo eu ardia de indignação e repulsa.

O homem falava sempre, com volubilidade.

Mas a sensação furiosa de matá-lo só foi amainando quando ouvi as grossas falas e o pigarro satisfeito dos meus homens, no outro lado da casa...

25

Com diferenças quase invisíveis, os gaiolas que hoje viajam pelo São Francisco são os mesmos de ontem. O vapor acanhado e sujo, navegando lentamente, com grande barulho de caldeiras e cheiro enjoativo de graxa e sebo atordoando os passageiros.

A madeira da popa, gasta das lavagens de bordo, o papagaio tagarela no canto da porta, os camarotes sem conforto, com uma rótula espiando para a água triste do rio. Não é muito longo, nem muito largo. Tal qual uma gaiola grande, com o engradamento de madeira velha, que segue, rinchando e gemendo, sobre a correnteza cheia de curvas do Rio São Francisco, levando os pobres viajantes — pássaros sem recursos — que se atiram espontaneamente na prisão, com um suspiro de amargura, esperando que chegue depressa a cidadezinha que margeia o rio.

Eu esperava em Januária a vinda de um gaiola. Tinha sido bem-sucedido na minha expedição. Talvez porque tivesse amigos ali... O certo é que pude adquirir grande quantidade de gêneros, todos os que eu precisava para a população devastada de Pirapora.

Dois dias após, surgiu o "Mata Machado". Corri, desejando saber se o comandante era meu conhecido. Infelizmente não o era. Esbarrei com um tipo aborrecido, metido a sebo, olhando de alto para toda a gente. Não pude, assim, dizer a que ponto se destinavam as minhas mercadorias. Apesar de ser o representante da companhia em Pirapora, tinha receio, devido à fama que a cidade granjeara. Preferi guardar incógnito. Ficou combinado que ele as deixaria em Guaicuí, cinco léguas abaixo de Pirapora.

Mesmo assim, foi necessária uma discussão muito grande, pois ele temia a responsabilidade de se aproximar da cidade interditada.

Deste modo, como qualquer passageiro, embarquei vigiando as mercadorias que para mim significavam tanta coisa.

Todo mundo conhecia o Coronel Pantoja. Antigo oficial da polícia de Pernambuco, estava há muito reformado e negociava em gêneros e couros por todo o vale do São Francisco e afluentes.

Estabelecido em Petrolina, fronteiro a Juazeiro, sede da navegação. Homem baixo, calvo, tinha modos grosseiros e atitudes singulares. Dominava os comandantes de todos os vapores e, por isso, só ele tinha direito a embarcar carregamentos. Como tivesse agentes em todos os portos, outro comprador qualquer encontrava-se habitualmente em situação difícil. O Cel. Pantoja mandava e desfazia, embarcava e desembarcava, sem nunca encontrar tropeços à sua extraordinária atitude de senhor absoluto. Andava com orgulho, ouvindo com encanto o retinir da cadeia de ouro que lhe atravessava o colete, e, mastigando fumo, dava ordens em altas vozes. Como apreciava o afã servil das formigas que o serviam! Com olhar embaciado, seguia os movimentos dos embarca-

diços e — ai daquele que não tivesse carinhos de mulher para as suas intermináveis bagagens!

Seguíamos viagem sem incidentes. O Coronel Pantoja veio depois, ao encontrarmos um velho rebocador que arrastava mercadorias suas para porto dos Buritis, no Rio Paracatu.

Chamava-se o velho cargueiro "Saldanha Marinho". Quase não andava. Ao defrontarmos a cidade de São Francisco, o rebocador, semiderreado, lutava contra a escuridão. Nessa cidade passamos toda a noite.

Parece que o Cel. Pantoja tinha esperanças de que pela madrugada a cheia tivesse baixado. O certo é que, ao amanhecer, lamentava-se em altos brados dos prejuízos que o rio lhe causava.

O "Saldanha Marinho" rouquejava sem forças, sobre a água.

Ouvi, então, o seguinte diálogo, travado entre o Comandante do meu navio e o Cel. Pantoja:

— Comandante Guedes, mande o vapor parar e reboque a chata até a barra do Rio Paracatu.

— Mas Coronel, ainda estamos a doze léguas da barra!

— Justamente por isso, homem!

— Mas o senhor compreende... o vapor é de passageiros... horário obrigatório do dia 1.º!

— Nada disto, não temos passageiros... Mande atrelar a chata. E os lucros que eu dou à companhia? Homem, é preciso que seja também agradecido...

A água corria sob o casco com extraordinária rapidez. O "Mata Machado" gemeu um pouco e se deteve vagarosamente. Depois, muito lento, o "Saldanha Marinho" se aproximou. Então, alguma coisa mais forte falou em mim. Nem desejo de vingança, nem desespero.

Alguma coisa muito natural, muito justa. Lembrei-me do povoado quase desabitado, triste como um menino doente. Das mulheres que matavam os filhos por falta de leite. Dos homens que lutavam dias seguidos para arrancar um peixe do rio.

— Comandante, não mande atracar chata nenhuma!

E eu me lembrava até mesmo do meu sacrifício, fugindo numa frágil embarcação sobre a cheia e ouvia ainda as vozes exaustas dos remadores no longo estirão da noite.

E como ninguém parecesse me ouvir, bradei com toda a minha força:

— Não mande, não mande, Comandante!

O Comandante Guedes abriu os olhos estupefato.

O Cel. Pantoja rebentou numa risada.

— Quem é o senhor? — perguntou afinal o Comandante.

Não pestanejei:

— Se falo assim é porque posso. Não mande...

Minha voz era de quem não temia conseqüências. E como as poderia temer se agia em extremo desespero de causa?

O Comandante Guedes se acovardou. Qualquer voz mais forte o fazia estremecer de medo.

Ficou silencioso, indeciso... e não mandou atracar a chata.

O Coronel Pantoja explodiu:

— Como? Isto é um desrespeito à minha pessoa!

— Coronel — gemeu o comandante.

— Qual Coronel! Coooro...nel! o que vou fazer é dar queixa aos diretores da companhia... Pois então, eu, eu, que durante tantos anos dou lucros fabulosos, imensos, esmagadores aos senhores!... Não me espie com essa cara, sim senhor, é o que estou dizendo, Sr. Comandante, lucros imensos, sim senhor, fabulosos, inenarráveis!

— Mas...

— O senhor me injuriou! Ceder a um joão-ninguém!

Nos meus olhos palpitavam ainda as imagens dos homens perdidos de fome. E das mulheres magras, cantando para esquecer. Meti a mão no bolso. E mostrei ao Coronel a carta que me nomeava representante da companhia em Pirapora.

Estava desvendado o meu segredo. Agora, devia lutar até o fim.

Mas o outro murchou. Senhor absoluto do navio, ordenei que ele aproasse para Pirapora.

O Coronel Pantoja não protestou. Era um caráter maleável; cabisbaixo, passeava de um lado para outro.

O velho rebocador foi ficando para trás, cada vez mais para trás...

O fumo da chaminé se despedaçava diante da cidade.

Novamente meus olhos reviam Pirapora. Novamente eu aspirava aquele ar impregnado do cheiro de peixe e do perfume das flores de maracujá. As mesmas palhoças destroçadas, o mesmo vento batendo o capim crescido das cercas. A cheia subira tanto que cobrira inteiramente uma das ruas.

A margem encheu-se de gente. De cá, eu avaliava o que eles sentiam, vendo o navio que se aproximava. Gritavam e rasgavam as roupas para agitá-las diante do vapor, que penetrava no lugarejo sitiado, depois de cinco meses de suplício.

Tinha qualquer coisa de épica o ridículo gaiola arfando e gemendo sobre a água escura. Gente corria de todos os lados. Alguns iam penetrando no rio, que subia lentamente, cercando cinturas e tremendo ao impulso dos corpos que avançavam.

As mulheres dançavam, rodavam nos barrancos ou empurravam os homens, todos tão magros que pareciam prestes a rolarem pelo chão, ao primeiro empurrão mais forte.

Meus olhos estavam úmidos e, através das lágrimas, eu via o rio estranhamente colorido, com as compridas folhas de capim ondulando em toda a extensão da margem. E sem raízes, assim brotando da cheia, pareciam espadas pequeninas, flexíveis e luminosas.

Era a primeira vez que chorava na minha vida. Nem mesmo nos dias tormentosos da varíola, a minha emoção havia chegado a tal intensidade. Mas, vendo a alegria da gente miserável da terra, sentindo que eu conseguira salvar o povoado, uma alegria intensa, uma comoção sobre-humana vergava-me como eu nunca supusera ser capaz. Tinha pena daqueles crioulos magros e alquebrados, saltando doidamente diante de mim. Só quem soubera dos meses de varíola sentiria o mesmo.

O Comandante contemplava estupefato a miséria dos caboclos, em frangalhos sob o sol, sem casas, roubados lentamente pelo rio.

Talvez tivesse compreendido vagamente o que se passara naqueles cinco meses... Vi que olhou instintivamente para o meu rosto e devia ter reparado as rugas que o sulcavam e os cabelos que começavam a ficar brancos.

O Cel. Pantoja não tinha voz nem movimentos.

Ouvia o rumor e olhava os seios nus das caboclas.

Então o Comandante Guedes tocou-me no braço:

— É esta a gente?

Já os primeiros chegavam junto ao gaiola e sobre a água nós víamos os ossos apontando, as faces maceradas, o sofrimento estampado. Sorri:

— É... A gente é esta.

E quase tinha orgulho daquele monturo humano. Diante do vapor, dourada de sol, a horda esfarrapada parecia um grupo de heróis, de semideuses, vencendo o rio, chegando...

O vapor alcançou a rua inundada. Deteve-se justamente onde fora antigamente a casa de João Randulfo, agora tragada pelas águas.

Algumas folhas apodrecidas boiavam à tona.

26

Os gritos eram ensurdecedores. Mais urros do que gritos.

Mais de animais do que de homens.

O berro de um cativo, diante da liberdade. Homens nus agarravam-se às cordas, choravam e riam. As mulheres erguiam os filhos ao alto, para que não se molhassem. As crianças agitavam as perninhas finas, o sexo avultado e negro.

Colocada a prancha, fui o primeiro a descer.

A multidão silenciou. Com os olhos procurei Randulfo, entre os rostos que palpitavam e os trapos sacudidos ao vento. Desaparecera.

Percebi que os caboclos procuravam se cobrir, envergonhados. Puxavam as roupas sobre o corpo, inutilmente. As mulatas se agachavam, fitando-me receosamente.

Começavam a arrastar, para terra, os sacos e as caixas. Os gêneros iam se empilhando no capim. Muitas vezes acontecia um saco se abrir, a farinha se entornar e ficar boiando sobre a água. Os meninos bebiam aquilo. Ali mesmo, os caboclos caíram sobre os mantimentos, sorvendo grandes goles de água suja.

As fogueiras reacenderam-se com extraordinário vigor. O batuque ferveu naquela noite, como há muito tempo não se ouvia nenhum nas margens do São Francisco.

As sanfonas, esquecidas, voltaram a soar e a gemer fanhosamente.

As rodas eram mantidas com ardor. Mataram um grande capado.

E, principalmente, porque o Comandante Guedes e o Coronel Pantoja haviam sido convidados para assistir aos festejos.

Com o correr da noite, aquilo transformou-se em delírio.

As alças escorregavam pelos ombros úmidos. Surgia o arredondado dos seios, pegajoso de suor. Os dentes brancos e largos riam no escuro. A carne dos espetos estalava e a gordura se abria em brechas fundas. O ar tornara-se denso, saturado de gordura. Os dedos riscavam frisos nos corpos pardos, como rastros de lesma. A morrinha dos sovacos começava a empestar o ar. E as pernas nuas transitavam junto ao fogo, lisas e avermelhadas. A cachaça corria pelos cantos dos lábios. E vinha descendo, num fio, pela garganta e pelos seios nus.

O cheiro da carne assando dominava subitamente. Havia um rebuliço maior. As línguas davam estalos satisfeitos. As mãos imundas descascavam limões e espremiam sobre o capado, tostado e gordo, o caldo azedo.

O melado fervia nas latas e as grandes colheres de pau mexiam sem cessar a rapadura.

Provavam pelo bico e tornavam a enfiar dentro as colheres sujas. Alguém protestava. A fome apertava e a confusão, junto ao cheiro das comidas, excitava mais o apetite.

Traziam da praia largas folhas de abóboras para servir de pratos. Os homens avançavam sobre tudo, rindo e beliscando as mulheres.

As melancias, amontoadas nos cantos, desapareciam. As talhadas vermelhas, perfumadas, andavam de mão em mão. Alguns sentavam-se no chão e comiam a polpa, abocanhando, gulosos e alegres. Precisava-se de mais lenha.

Os homens tiravam os facões da cintura e invadiam o mato, numa ânsia de encontrarem os melhores gravetos; as árvores feridas estalavam. E a carne chiava, pingando gordura, ao virar demorado dos espetos.

O efeito da cachaça não tardava a surgir.

Negras rasgadas mostravam sem pejo os seios e as coxas. Aquele amontoamento de corpos, úmidos de suor, brilhantes de gordura, demorava-se com prazer num incitamento mórbido à sensualidade. Já os olhos brilhavam mais que as carnes oleosas. E os seios murchos balançavam ao contato áspero e febril das mãos brutais.

Afinal arrancaram as bandas dos espetos. Os facões cortavam a carne macia, as cuias cheias de farinha transitavam entre os canecos de cachaça. A algazarra serenou um pouco. As bocas sujas mastigavam apenas, enquanto os olhares, lascivos e felizes, brilhavam ainda em promessas ardentes.

O barulho crescia, a vida sacudindo de novo o vilarejo adormecido nos largos meses de lutas.

As vozes roucas esgoelavam cantigas. Os pés esparramados saltavam, os braços se confundiam, homens tombavam embriagados, as mulheres riam e se entregavam, satisfeitas de sentirem reacesos os desejos dos companheiros.

Nunca os risos soaram tão fortes sob a noite estrelada. A cachaça rodopiava sem cessar e os beijos chupados estalavam no escuro e os gemidos e suspiros brotavam de cada canto do mato.

As folhas esbraseadas saracoteavam e tombavam lentamente no rio.

Os visitantes foram envolvidos pelo furacão.

O fartum dos mulatos, as folhas voando, o cheiro da carne, o calor da noite, sobretudo o rio que esqueciam, atirou-os no delírio dos caboclos. Sentiram mais forte a força da terra, o instinto bravio da dança e a fogosidade mórbida da carne.

Caíram no batuque, sugigados pelo requebrar luxurioso das mulheres e amarfanhavam-se no prazer exaltado daqueles contatos, daquela carne de miséria ardendo em fogos amortecidos por vários meses de fome.

As sanfonas rouquenhas não tinham descanso e as palmas não esmoreciam... e, no vago da noite, as canafístulas agitavam-se sobre as águas que desciam com incrível rapidez.

27

Pancadas violentas abalaram a porta. Gritavam desesperadamente pelo meu nome. Ergui-me. Pensei numa cilada. No sertão, a gente tem de estar sempre a imaginar o pior. O batuque devia ter acabado, pois de fora só vinha o silêncio.

Porém, mais fortes as batidas soaram e toda a casa estremecia. Enfiei apressadamente os chinelos e escancarei a porta.

Era o Cel. Pantoja. Estava em ceroulas. O terror estampado nas faces.

A voz suave, tão suave, que mal se ouvia.

— Que foi?

— O rio...

No escuro, distingui os mulatos imóveis, agachados. Todos aqueles olhos brilhavam na sombra como pupilas de gato.

— Que tem o rio?

— O rio recuou...

— Baixou?

— Baixou... estamos perdidos!

Corremos à margem. A turba nos seguia e não fazia nenhum ruído com os pés descalços na areia do caminho. Como em todas as ocasiões difíceis, depositavam em mim as espe-

ranças. E corriam, dentro da madrugada que chegava, indistintos, a pele molhada de suor, os cabelos brancos de cinzas.

Na sombra, como um gigante ferido de morte, estava o navio abandonado. Derreado na lama grossa da rua, o gradil de primeira classe preso às canafístulas.

Todo ele falava numa angústia silenciosa, daquele adernamento inconcebível, longe do rio que se afastara seguramente duzentos metros.

A madrugada rompia integral. Mais nítidos, em torno de mim, os mulatos marcados de varíola.

O vapor atolado na lama, sem vida, sem voz.

Tantas jornadas inúteis sobre a água rumorosa, tantos temporais vencidos, para findar na miséria de um lodaçal abjeto. Na obscuridade, a alma das coisas inanimadas revoltava-se dentro do vapor, que crescia mudo, tão grande como um navio do mar.

Todos compreendiam a grandeza trágica daquele destino: cada coração batia em ritmo diferente.

O dia avançava clareando o rio ensangüentado de terra.

— Onde está a gente de bordo? — perguntei.

— Dormindo... — responderam.

O Coronel Pantoja, encolhido, tinha o terror estampado na face. Não ousava fazer um movimento. Curvado, assemelhava-se aos negros amontoados, humildes e covardes. Fitava o vapor como um ídolo maligno e o rio como um caminho salvador. Chamou um canoeiro.

— Olá... Leva-me até Paracatu... Pagarei bem.

Retirou do vapor algumas das suas inumeráveis malas e canastras.

— Depois mandem o resto... favor, mandem o resto.

Ia jogando as coisas de cima e as roupas voavam, algumas se enganchando nos galhos das canafístulas.

Meteu-se na canoa e, sem ao menos falar comigo, partiu olhando, com a mesma expressão de medo, o navio que avultava ainda mais, na claridade que aumentava.

— Boa viagem, Coronel Pantoja...

Os remos se perdem ao longe...

Estava indeciso e entretanto precisava de toda a minha vontade para desembaraçar a estúpida situação. Mandei procurar o Comandante, o foguista, alguém de bordo. Foram encontrá-los em casas de crioulas, onde haviam passado a noite e onde ainda dormiam, atolados na embriaguez.

Imprestáveis...

Nem perceberam o que lhes disseram a respeito do navio.

Disseram-me que o Comandante chafurdara-se outra vez nos largos peitos da negra roncando com estrépito.

A luta, mais uma vez, seria travada somente por mim. E eu fitava o velho vapor inclinado e a água que corria.

As idéias começaram a me surgir, nebulosas, longínquas, diante da lama que se crestava aos poucos, sob o sol forte da manhã.

28

Enviei emissários às fazendas mais próximas, solicitando trabalhadores.

Não podia contar só com os meus homens. Depois, desejava fazer tudo no espaço de tempo mínimo e só conseguiria se visse muitos braços se agitando em torno ao gigante adernado.

Horas depois, foi chegando gente esbaforida:

— De onde é você?

— Da fazenda de seu Manoé Joaquim...

— E você?

— De seu Hipólito...

— I eu de sô Florenço de Moura...

Ao todo, uns cem vaqueiros, robustos e de boa vontade, diferentes dos caboclos amarelos e enfezados de Pirapora.

Senti-me fortalecido com o auxílio que tinha. Sentei-me num tronco arruinado e me pus a estudar um meio de salvar o vapor.

Estava num beco sem saída. Em torno, a impassibilidade do mato, como grilhões cercando o formigamento da aldeia.

Mas, lentamente, uma luz se foi fazendo no meu cérebro. Ainda indecisa, como a chama vacilante de uma lanterna, nas mãos de um homem caminhando em trevas. Agarrei-me com força àquela possibilidade. Lutava para coordenar os fatos e media a força da gente que esperava espalhada no barranco.

— Eia!

Os homens se aproximaram.

Então mandei que penetrassem no mato e cortassem madeiras. Tudo serviria, de preferência os troncos fortes do jatobá, mais longos, mais largos.

E em poucos minutos eu ouvia o ruído dos machados decepando, as copas tremendo, um ruído angustioso de árvores serradas, árvores tombando, enquanto os pássaros aninhados nas ramagens fugiam povoando o céu de asas inquietas.

As folhas secas revoluteavam e um pó fino subia, entre os brotos cortados das parasitas.

Foi neste momento, quando o trabalho prosseguia com afã, que surgiu o Comandante Guedes. Nunca vi rosto tão transformado. A embriaguez, desaparecida, deixara traços fundos, aumentados agora pelo espanto e pelo medo que o devorava. Tremia como se fosse batido de frio, e os lábios brancos murmuravam palavras trêmulas:

— Meus Deus, o senhor me desgraçou!... Tenho mulher e filhos!

— O senhor esteve embriagado, enquanto eu procurava salvar o vapor.

Então avançou para mim, os olhos fuzilando de ódio:

— Mas isto não tá certo! Que absurdo! Que absurdo!

— Agirei como quiser — respondi. — Por que o senhor não estava aqui no princípio? Mandei procurá-lo...

As lágrimas surgiam indomáveis no canto de seus olhos:

— Ah! Mas irei trabalhar agora...

— Nunca!

— Tenho de salvar o meu navio!

— Eu arrostarei com a responsabilidade, já disse. Fui eu quem trouxe o navio e só a mim compete salvá-lo.

Pareceu instantaneamente acalmar-se. Circunvagou o olhar úmido em torno de si e depois, como se o impulsionasse uma vontade interior mais forte, exclamou:

— Não e não! Está tudo errado.

E como eu o fitasse imóvel, gritou para os homens que arrastavam troncos:

— Eh! Parem todos!

Os trabalhadores se detiveram, surpresos. Os troncos rolaram na lama e as fisionomias guardaram uma atitude de expectativa.

— Eu...

— O senhor não vai fazer nada — gritei.

— Eu...

— Bento! — berrei.

O caboclo se apresentou, suado e vermelho do esforço.

— Leve este homem e prenda-o no pouso.

O Comandante recuou, faces pálidas, movimentos nervosos.

— Não... isto não...

Bento segurou-o e levantou-o como uma pena. O homem pôs-se a gritar e a gemer. O caboclo marchou sem hesitar. Dentro em pouco, seus gritos se perdiam ao longe.

E, com a noite, a turma prosseguiu infatigável.

Os troncos, aplainados, iam sendo untados de sebo, para servirem de vigamento em amparo do vapor.

As fogueiras crepitavam assando mantas de carne e peixes de todos os tamanhos. Recordava-me dos meus primeiros dias no povoado, quando as casas ainda não estavam cons-

truídas e os imigrantes dormiam ao ar livre, emborcados nas redes de tucum. O mesmo movimento, a mesma algazarra, a mesma sonoridade, palpitava na serenidade da noite. De novo as lendas surgiam, caboclo dágua com as suas tropelias dentro do rio, as canoas viradas, os remeiros afogados nos redemoinhos imprevistos.

Escutei os conselhos de um negro, que julgava a cabeça de arinhanha infalível contra o sortilégio do demônio fluvial. Pensativo, ouvia a sua voz dolente, narrando o caso, acompanhado pelo barulho dos machados ferindo a madeira verde.

A velha raça, ignorante e supersticiosa, acordava aos ecos da narrativa ingênua, repleta de sentimento da vida e do lugar.

Os outros escutavam, comovidos, a lenda daquele rio que era uma entidade palpável em suas vidas, fornecendo, para suas almas, a alegria e o sofrimento, assim como fornecia água e alimento.

Rio que, para eles, era, como o ar, a própria razão da vida e do ser.

Se um dia as águas puras secassem, ver-se-iam atirados na morte, trancados no deserto infindável da natureza bruta. Perto, enjoativo e forte, respirava o rio em largas baforadas de perfume, partido das flores amarelas de esponja que cobriam a margem.

No dia seguinte iniciaram outro trabalho. Metade da turma começou a cavar um rego da cachoeira até o lugar onde estava o vapor. A outra colocava as vigas sob o casco, apoiadas em grandes cavaletes falsos.

O dia todo bateram enxadas contra a terra, ritmados, incansáveis.

O tempo sombrio, sem nuvens, tempo cinzento de inverno que não se decide.

Outros dias passaram. Outras noites correram.

Iniciamos o trabalho no barranco. Novo canal extenso foi rasgado do navio à praia. A terra surgia aberta num corte fundo, que descia da cachoeira até ao rio novamente, numa curva que tinha o vapor adernado por centro. Nessa faina o tempo corria.

Já no 13.º dia de trabalho, começamos a construção de um dique, em torno ao vapor, agora montado em cavaletes.

Toda areia e terra retiradas dos canais eram colocadas em torno ao navio, misturadas com folhas de canafístula.

Os homens trabalhavam sem cessar, semelhantes a formigas que carreassem para um largo inverno.

Cerrados que prendiam o passadiço de 1.ª classe, os obstáculos mais elementares estavam vencidos.

As paredes do dique, feitas de folhas, areia e terra, eram enormes e poderiam resistir alguns instantes.

E estes seriam suficientes para o golpe decisivo.

A água da cachoeira começou a correr pelo canal.

Eu seguia, com o coração aos saltos, a torrente que vencia a jornada rapidamente, engolindo tudo de passagem. Meus olhos corriam sem descanso para a muralha... resistiria?

A água entrou de um jato, rodeou o navio, bateu na parede... Ruiu alguma terra. Depois o dique foi se enchendo lentamente. Os primeiros rangidos soaram. O gigante acordava. Nunca poderia esperar sucesso tão completo.

Mandei, num grito, que retirassem os cavaletes. Os homens se enterravam na lama, lutavam com a água, mas venciam. O navio flutuou.

Precipitei-me. Penetrei no tombadilho, enquanto a água corria do meu corpo em cataratas.

— Depressa! Às máquinas! — bradei aos que me seguiam.

O vapor tremeu, sentindo de novo a vida palpitar nos seus pulmões de ferro.

Novamente dispunha-se a lutar ou vencer. O momento decisivo chegara.

A multidão comprimida, ansiosa, espiava, da margem, a luta suprema.

O dique, completamente cheio, ameaçava ceder.

— Toda força às máquinas! — gritei.

O ritmo do ferro tornou-se mais rápido, mais forte, mais agudo.

O silêncio em torno era tão grande que dir-se-ia uma luta serena entre o gigante e o rio. A água redemoinhou em torno. E, num relance, rompendo com estrondo a barreira que o cercava, o vapor precipitou-se com as águas do dique sobre o rio.

A velocidade, o impulso fora tão grande, que varou a corrente e foi se encontrar quase do outro lado da margem.

Um só grito vibrou no ar enevoado, partido dos homens que olhavam da margem.

As máquinas chiavam.

Regulada a pressão, o vapor voltou ao barranco.

O dique se esgotara rapidamente. As folhas de canafístula estavam emplastadas na lama. Devido ao choque na muralha de areia, o gaiola possuía algumas avarias.

Mas navegava bem.

Foram buscar o Comandante, que chorava de alegria.

Nos quinze dias que durara o serviço, ele havia perdido todo o viço, estava magro como um trapo. Depois de limpo e consertado o navio, Bento foi conduzido no "Mata Machado" até Juazeiro.

Levava um relatório meu, cobrando 1:500$ para os trabalhadores.

Agora eu via a terra rasgada, os restos do acampamento, papéis esparsos, latas, areia revolvida. As jaós cantavam entre as folhas.

Ao longe, a fumaça do vapor cortava o céu de chumbo num leve traço negro.

Depois tudo desapareceu e só o rio corria, escuro como o céu, sereno, de uma fumaça profunda, indomável.

Começavam a aparecer, com a vazante, os zabelês, os mutuns, os jacus e os fradinhos.

Caça farta, vida intensa.

29

Os hábitos antigos uniram-se como anéis partidos de um elo que se ligasse.

A conversa no barranco, as sanfonas pelo anoitecer, as anedotas caipiras voltaram com a intensidade das coisas esquecidas que retornam inesperadamente à vida.

Foi assim que, numa noite chuvosa, Elias turco viu seu botequim bastante concorrido.

Tudo como antigamente.

O balcão grosseiro coberto com chita vermelha, os canecos de folha brilhando no canto da prateleira. Dos lados, os lampiões de ferro velho, com os desenhos cheios de teias de aranha, o do lado esquerdo, junto a uma estampa desfigurada de São Sebastião de Pirapora.

Os garrafões de cachaça por cima das tábuas toscas, alguns em cestas de palha trançada por caboclos.

As paredes enegrecidas de fumo, desenhos por toda parte, números, uma cruz traçada a carvão. E no pé amarelecido de ferrugem do lampião direito, uma data — 15/8/1895.

— Seu Elias, deita jeribita aqui.

Os canecos que tremem à luz filtrada através do papel, as mãos grosseiras que se fecham sobre as grandes asas de lata, os braços peludos que se erguem longamente.

Caras de todos os jeitos. Algumas talhadas fundo, outras com lanhos recentes, todas sinistras. Chapéus cobertos de couro de anta, cintos de couro de lontra pontuados de tachas graúdas.

— Como tão passando mecês?

Pés descalços que surgem no limiar.

— Chove como baga!

— Alembra-se daquela outra enchente?

Olhares que se cruzam. Depois, alguns vultos se reúnem no balcão e arrastam uma candeia para o centro.

— Óia Elias, alumeia isso aqui que tá escuro como barriga da mãe...

Lá fora a chuva que tomba em bátegas violentas, os trovões que passam assustadores, os relâmpagos que invadem a sala num clarão lívido.

— Pois foi assim, minha gente. O Disidero, aquele mesmo que meteu na cachimônia sê sordado, tinha aprumado de Sernambepi, tocando pro Pau Oco. Tava com sede, o diabo. Vira-mexe, topou com o cumpadre Mané dos Chifre, e entraro no boteco do Quinjin Lavradô. Amarraro os cavalo lá fora no pouso. Parecia que o mundo ia desabá nessa noite destemperada. Noite que nem essa...

As faces transtornadas que palpitam. Nada como uma história do sertão, para aquietar e prender... Os olhos que se abrem, que se abrem desmedidamente junto ao lampião, que avermelha tudo, que torna tudo impreciso, trêmulo, absurdo... Os lábios que se contraem em esgares, os punhos que se fecham sem motivo. Os canecos que giram silenciosos, o

pigarrear de um caboclo rouco, clarões que fuzilam sob a luz do morrão que arde.

— Bebero, bebero, a noite inteirinha. De repente, Mané dos Chifre bate no pé de Disidero: Óia home, sonhei que tinha arreparado duas faca na correnteza... Era uma coisa braba como o São Francisco... iam rodando com a ponta pra cima e nós tava espiando encoidinho da marge. Então o Disidero pensou e, como era batuta pra essas fala de bruxedo, arrematou: pois já apercebo o que foi. Nossos cavalo morrero. Foi o que mecê viu. Foram espiá. A noite de breu não dava pra enxergá um dedo diante do nariz. A água tinha subido e cobrido tudo. Dos cavalo nem sonho... No oturdia toparo com os bichinho comido de piranha...

Silêncio. O fogo do lampião cresce e diminui.

O vento ringe lá fora. As faces quase se tocam.

E a chuva tomba incessantemente, sacudindo o papel grudado das janelas.

30

Dias cinzentos, compridos, nublados.

Natureza sem vida, espedaçada na névoa que cobre como um crepe as coisas da terra.

Restos de dias chuvosos, que ainda palpitam de frio... Horas vazias, rolando como o rio, para o oceano desconhecido do tempo. Serenidade acabrunhadora, pesando como chumbo.

Durante muito tempo a vida se arrastou nesse marasmo. Depois de tantas lutas, eu me sentia envelhecer e criar raízes naquele lugarejo.

Debruçado sobre a água, espiava o movimento dos pescadores.

Naquele momento, eles agitavam a rede no ar e deixavam-na tombar no burburinho da água.

Qualquer coisa indecifrável, fluido ou matéria, sacudiu-me; qualquer coisa impenetrável, indescritível, que não era som, nem cor, nem dor.

Um sentimento brusco de medo, de dúvida, de pressentimento. Sim, mais certo de pressentimento. Aquilo passou pela minha alma como as garras de um gato.

Curvei a cabeça e caminhei.

Qualquer coisa sucedia naquele instante.

Um mês depois recebia esta carta:

"...há muitos dias que ela estava pior. Não reclamava nada e se entregava ao silêncio, pedindo que não a incomodassem. Nós víamos, porém, a marcha da febre, vivíamos sobressaltados.

Pediu para tirar um retrato; não quis dizer qual era o motivo, mas adivinhamos que pensava na morte. Esta idéia se agitava há muito tempo na sua cabeça e sempre que falávamos em dias melhores e alegres, sorria, dizendo que bem sabia destes para o futuro. Ficava o dia todo sentada na cadeira de balanço ou deitada na rede. Quando melhor um pouco, falava neste rio. Ah! como se comovia às recordações que lhe chegavam!

Falava nos batuques, nas mortes, no tronco — mas só o rio tinha o dom de fazê-la sorrir. Lembrava-se das suas barcaças, do regresso das velas, e percebíamos uma ponta de saudade nisto tudo.

Eram estes os seus melhores momentos.

As noites eram tormentosas; a febre torturava-a. Ficávamos todos acordados, rezando ou chorando. Mesmo eu tinha esperanças de que não morresse tão depressa... Acostumada a tratá-la, não percebia os sintomas da vida que foge. Três dias antes do desenlace, apresentou mesmo sensíveis melhoras. Notei que suas recordações de Pirapora eram mais nítidas, como se tudo aquilo estivesse agora mais perto da sua pessoa. Só no princípio do último dia, nos convencemos de que o fim se aproximava. Falou muito pouco e morreu vagarosamente, sem grande sofrimento".

O papel tremeu em minhas mãos.

Maleita! Ainda a maleita!

Cambaleei, vencido pela emoção que me afogava numa onda de desespero.

Sem ver, sentia as palavras gritando em mim: "Elisa morreu". Rapidamente, voltou-me à cabeça o dia da nossa chegada. Elisa, curvada sobre o homem, sentia a força da doença ceifando a vida.

As lágrimas azulavam meus olhos; assim, naquele instante tudo tremia, e a própria natureza sofria silenciosa a febre que consome lentamente.

Um crioulo passou correndo perto de mim. Vi as chancras que voavam a pouca altura do solo, como duas grandes borboletas feridas.

O ódio subiu em mim involuntariamente.

Confundi no sentimento que chegava tudo que me cercava; as casas com o reboco estalando ao sol, o rio numa sonolência eterna e o mato intensamente verde.

Aquilo se agitava dentro de mim e precisava sair fosse de que modo fosse, espumando nos lábios ou na evasão de um rápido instinto destruidor.

Nesse momento o crioulo voltava. Porém não corria mais.

O sertão, agora, subjugava-o. Estava ali, diante de mim, em toda sua grandeza trágica, a força oculta que vinga o rio maculado e a mata devastada pelo homem.

Mal se sustinha sobre as pernas trôpegas. O olhar alucinado pousava em mim, num pedido mudo de socorro.

As faces escuras se tornavam amarelas e instintivamente os dedos arqueados iam procurando um ponto de apoio. Depois cambaleou e tombou devagar sobre a terra, arfando e se estorcendo sob o sol impiedoso.

Corri. Esqueci-me naquele momento de Elisa. Para mim só existia a maleita. A doença infernal. O homem quis sorrir.

Comoveu-me aquele esforço de animal manso. O riso morreu no queixo que tremia. E ele tentava dizer, surdo, convicto, firme:

— Pa... paa... passa...

Mas eu segurava-o doidamente, fazendo um esforço inútil para matar aquele tremor, que subia, passava para mim e estremecia a terra inteira num espasmo doloroso de vitória.

Agora que já não existia mais a única criatura que me prendia ao passado, entreguei-me de corpo e alma à terra que era minha, à terra que eu arrancara ao torpor da barbaria.

Mais do que nunca, eu era átomo da sua vida.

Vencida a fome e a epidemia, a gente do lugar tornou-se mais supersticiosa. Muitos murmuravam que fora a negligência nas coisas de Deus que atraíra a doença terrível.

Cidade sem Deus, crescendo pela força do sangue de todo o sertão nortista, fora, até bem pouco tempo, a cidade do pecado, das mulheres nuas e danças lúbricas. Sodoma sertaneja, sem consciência de culpa.

Coube ao alfaiate Anjo Gabriel, com a idade pesando-lhe cada vez mais sobre os ombros, os membros entorpecidos pela doença, a iniciativa de angariar donativos para a construção de uma capelinha.

Porém a maior parte dos mulatos fugia; sabiam que um padre no lugar viria tolher ainda mais a liberdade que ia desaparecendo.

A capela começada se deteve. O dinheiro faltou. As pedras foram amarelecendo ao tempo, o capim brotou das fendas, a caliça escureceu, petrificando-se com as chuvas.

Os cães e gatos fizeram moradia nas traves arruinadas. A capela ficou esquecida, como um fantasma no silêncio da noite.

Reuni os meus últimos recursos. Pedi mesmo um adiantamento à companhia, desejando concluir a igreja. Meti mãos à obra.

Os homens se movimentaram e eu me alegrava com esse movimento, aspirando o pulsar da vida em torno de mim.

Traziam água do rio e cortavam madeira do mato. Assim, ainda era o mato e o rio que forneciam matéria-prima para a feitura da casa do Senhor.

Falou-se muito nesta capela; os imigrantes recordavam os templos de suas terras, as Nossas Senhoras rodeadas de flores de papel e cobertas de gaze ou pano prateado.

Então a voz do padre enchia o espaço acanhado e os rudes caboclos, de cabeça baixa, ouviram falar no pecado que arruína para sempre e na palavra divina que cura todos os males...

Uma tarde, chegaram, num vapor do Norte, três grandes caixas destinadas a mim.

Eram os paramentos da igreja.

Imagens, jarros, velas, até um sino...

O padroeiro, São Sebastião de Pirapora, vinha crivado de flechas, chagas roxas no joelho, no peito, no flanco esquerdo.

A auréola de ouro tremia nos seus cabelos e no olhar de gesso havia um tom manso de animal cansado, de pobre animal martirizado.

Penduramos o sino entre dois esteios.

Todo mundo quis acompanhar os objetos, e parecia uma procissão inaugural a fila silenciosa na claridade do caminho.

As mulatas haviam bordado panos para os altares e os círios foram colocados nos castiçais de prata comprados na Capital.

Tudo estava pronto. Só faltava o padre.

Em Alegres, hoje João Pinheiro, o Padre Lucas Simão não andava satisfeito. O lugar era pobre, os fiéis demasiadamente ignorantes. Tinham medo da chuva e, quando morria alguém de doença ignorada, diziam que fora o raio enviado do céu.

Por este e outros motivos "particulares", o Padre Lucas Simão desejava mudar-se.

E foi com verdadeira alegria que recebeu em sua casa um tropeiro com a proposta. Mandou que esperasse.

O sol estava quente e o tempo limpo. As galinhas cacarejavam no terreiro e os bois pastavam além da sebe da estrada. Os "ora-pro-nóbis" arroxeavam as curvas poeirentas.

O tropeiro tranqüilamente, mascava um pedaço de fumo, pensando, pensando.

O padre trouxe a carta.

"...com ordens do Sr. Bispo partiria, tendo contrato firmado por dois anos, casa para morar e a insignificante quantia de 1:200$000 anuais..."

Pirapora merecia mais aquele sacrifício: o povo rude, ainda gostava muito da cachaça e da sanfona.

E Deus entrou no povoado, em companhia do Padre Lucas Simão, numa vaga tarde de maio.

O sino repicou pela primeira vez. Os caboclos, os embarcadiços, os forasteiros, vinham espiar "seu vigário". As mulheres riam, muito gordas, consertando as saias, com os filhos concebidos em pecado, agarrados às roupas de chita. Os homens tiravam os largos chapéus rebuçados de couro de veado, o olhar indistinto seguindo o vulto negro que avançava no caminho.

O sino tangia, tangia.

Todos estavam alegres. Como que se recolhiam à proteção daquela sombra, e não temiam mais que o Senhor mandasse a morte para destruí-los.

Realizou-se a primeira missa.

A manhã corria límpida, o vento eriçando a água do rio e as folhas das árvores.

Dentro da capela, com os bancos cheirando ainda a madeira verde, os círios longos foram acesos.

Os homens descalços, a calça enrolada nos tornozelos, o fumo no canto da orelha, cabisbaixos, humildes.

As mulheres, separadas por um gradil, amontoadas na parte mais ampla, cobertas de véus.

Aquela gente recendia ainda ao forte cheiro do peixe. Lembrei-me de Luigi Ferrari, o italiano, os bonecos...

O padre falava:

— E Jesus, martirizado pela longa soalheira, sentou-se à borda do poço. A mulher lhe deu de beber e o Mestre disse: Felizes daqueles que me deram de beber. Porque no céu, Meu Pai lhes aplacará a sede ardente, com a água eterna, a que desaltera para sempre, a água-viva que lava as manchas de todos os pecados.

E os homens, ouvindo isto, pensavam na água eterna do rio, fecundando a terra e as almas, desalterando a sede e a fome dos homens rudes, água-viva para sempre, divina e luminosa.

Para eles, a água de Deus era como aquela, à beira de um barranco, rápida, majestosa, desejada...

Depois falou de outras coisas.

Pelo canto do olho os homens inquietos espiavam a alegria do sol e escutavam o rumor satisfeito da cachoeira. As cigarras trilavam fora, e o apito apagado dos barcos soava de vez em quando.

E todos repetiram:

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

Ajoelhado, eu percebia que atingira a meta desejada.

Distraído, meu pensamento voava para os dias longínquos quando o tronco ainda era uma ameaça para os batuques renitentes.

Media o espaço e o tempo.

Estava velho, abatido.

Invadiu-me um suave orgulho. Pareceu-me que os círios clareavam como pequeninos sóis e a voz do padre, muito longe, entoava um hino de triunfo à terra renascida... A tranqüilidade desceu sobre mim e o único desejo que tive naquele instante foi o de tombar e beijar a terra roxa e nua, abraçar-me a ela, ser a própria terra. Sobre mim desceu a sombra de Elisa, doce e benfazeja como nas horas largas de tormenta...

Durante esse tempo empreendi outra realizações.

Consegui uma agência do correio a título gratuito, e lá serviu, durante doze anos, o pedreiro Antônio Urbino.

Até uma escola levantei naquele ermo. E assim, Antônio Urbino foi também mestre-escola, ensinando as primeiras letras aos pequenos caboclos que, no tempo da varíola, armavam pedaços de lenha com carne podre para caçar urubus...

31

Desde que Pirapora passou a grau mais elevado, o Cel. Tibúrcio Pedreira passou a se interessar pela vida da nova cidade.

Morava então em Guaicuí, termo de Bocaiúva, comarca de Montes Claros.

Era o chefão político e resolveu ganhar os eleitores de Pirapora.

Nunca pude saber como as maquinações foram feitas; o certo é que uma noite o alfaiate Anjo Gabriel surgiu na minha casa:

Costurava um casaco como de costume, mas seus dedos andavam mais depressa, desde que o número das encomendas crescera.

— Então?

— Pois vossemecê não sabe da nova?

— Não...

— O Randulfo tá organizando a política daqui...

Sorri. Nem liguei para aquilo.

— A mando de quem?

— De seu Coroné Tiburço Pedreira.

— Pois que é que ele tem com Pirapora?

— Disse que a cidade não é de vossemecê.

— É assim?

No dia seguinte anunciei que fundara o meu partido político.

Randulfo desde então tomou atitudes extraordinárias.

Pelos botecos arrastava uma grande valentia. Falava na sua importância como cabo eleitoral e batia nas mesas jurando "que havera de me mostrá".

Parecia que esperava qualquer coisa. Os dias iam caminhando e o caboclo cada vez mais inquieto.

Todas as tardes Anjo Gabriel me trazia notícias do "movimento eleitoral".

Eu sorria, sorria cheio de esperança. Como podia deixar de tê-las, após tantos sacrifícios feitos pelo pobre povoado?

Entretanto as chuvas haviam passado.

A primavera voltara.

Pelos caminhos as folhas readquiriam cores novas e os brotos apontavam nos troncos carcomidos.

O chiar dos carros de bois era constante e as modinhas dos carreiros enchiam o ar.

As mantas de carne voltaram a ser estendidas nas cercas e as mulheres vieram lavar panos nas águas do rio. Por toda parte as esponjas amarelas envenenavam o ar de perfume, desde a beira do rio até o mato escuro que avançava sobre os caminhos claros.

Os comboieiros já se afoitavam sem temor pelas trilhas abandonadas e as serras readquiriam a tonalidade suave dos velhos tempos.

As barcaças largavam sob o chilrear dos pássaros.

A vida voltava com mais intensidade.

Um sopro novo reavivava o povoado.

Pareciam bem distantes os dias de varíola, da cheia.

A linguagem silenciosa das coisas falava apenas no anseio de vida que se cristalizava em tudo.

E as rodas grosseiras varavam os caminhos poeirentos, as varas estalavam, as mulheres transportavam água, os pescadores passavam o dia pescando, os vapores entravam e saíam, o sino tocava, o fumo desprendia-se dos casebres, os machados abalavam as árvores e, sobretudo, os carreiros cantavam, cantigas velhas que a primavera trouxera de retorno à vida.

Entretanto algo se passara em mim.

Algo que se partira subitamente e que nem toda a força do tempo, todo o subjetivo palpitar das coisas conseguia fazer-me encontrar de novo o fio que se perdera.

Tinha havido um momento em minha vida que eu percebia o coração do lugarejo pulsando ao mesmo compasso do meu. Marchávamos unidos e como que o rio deslizava dentro de mim, banhando-me numa tranqüilidade que me retinha à terra.

Agora, pelo contrário, o que se rompera, afastava Pirapora da minha existência e eu via que aquela agitação, aquela vibração que partia das próprias folhas ao rolar da água, era um impulso que me aniquilava, esmagando-me sob o peso de um respirar intenso, mais forte do que previra.

A cidade ia por outro caminho, mais largo, mais claro, com forças que já não eram minhas...

E eu ia ficando para trás, estrangeiro na minha própria terra...

Era o resultado das lutas e dos choques; a terra progredia vertiginosamente. Invadiu-me a consciência de que havia terminado a minha obra.

Uma tarde, Randulfo passou como um relâmpago diante da minha porta.

Ia montado a cavalo e eu fiquei olhando os estribos que luziam.

Pouco depois o alfaiate chegou.

— Vossemecê sabe da grande novidade?

Não sei que estranha percepção me fez ver algo diferente no modo de falar de Anjo Gabriel.

— Não, não sei de nada.

— O "nosso" Randulfo foi feito Delegado da vila.

A calma da noite ia penetrando a terra.

— É?

Fiquei silencioso. Coordenava as minhas idéias, esfaceladas.

— O Cel. Tiburço Pedreira aporta amanhã... Propaganda de inleição.

Novo silêncio.

— E traz o papel do governo... nomeando o Randulfo.

Neste momento o mulato passava novamente, seguido por quatro ou cinco jagunços a cavalo. Em todas as faces eu li o mesmo olhar de ódio.

— Ah!

Anjo Gabriel, temendo se comprometer na minha companhia, fugiu apressadamente.

De longe ainda gritou:

— Cuidado!

A noite abafava. Vaga-lumes em dança silenciosa.

Entrei. Acendi o morrão e estendi-me na rede.

Estava tudo tão calmo que dir-se-ia uma cidade morta.

32

Naquela noite, não consegui encontrar o sossego. Sabia como eram estas coisas no sertão; o primeiro descuido poderia levar-me à morte. Um passo dentro da noite, um rumor dentro de casa, poderia atrair a atenção assassina do inimigo.

Para isto é feita a sombra no interior. Os pés-de-pau, simples baluartes para tocaias e as curvas das estradas, trincheiras especialmente preparadas para a eliminação daqueles que são considerados demais. A lei é a do sangue e a da violência. Todas as outras considerações são mortas, diante da força que assassina.

Já não era para mim, tempo de entrar em cogitações; talvez fosse apenas o de procurar meios para salvar-me.

— Abra, abra coroné!

Com os gritos que vinham de fora, encontrei-me instantaneamente de pé. Quase que achava aquele fato natural, esperado, tal a disposição do meu espírito. Porém, nem por um instante minha mão tremeu. Despendurei a garrucha e, girando a taramela da janela, perguntei:

— Quem está aí?

— Abra... nhôzinho, um amigo, se avexe!

Sorri. Um amigo... O grito dos grilos rolava até mim. Hesitei. Mas como sentisse nas minhas mãos o frio da arma, puxei a tranca.

O vulto cresceu na sombra, atirou-se a mim:

— Querem matá mecê... Ouvi tudo... mecê deve fugi... tavam de concorde que... de tocaia...

O bom perfume da terra nos envolvia. Só quem conhece o sertão compreende a calma de uma noite pura, um rio silencioso. Tudo tão parado que era difícil pensar em morte, vingança e fugas precipitadas.

— Eles quem? — e a minha vontade era não fazer coisa alguma, não fugir, ficar...

— O mulato... os capanga...

O homem suava e a emoção tremia na sua voz. Ante detalhes tão significativos, espantava-me com a minha própria calma, a minha quase indiferença.

— Talvez que à noitinha... Mecê morreria... é um bandão de gente!

— Não... E apesar de tudo, ficarei.

O homem recuou, meneando a cabeça. Fitou o cano da garrucha, e sorriu:

— Não fique... mecê não fique... seria um desperdício pra essa gente... uma bobage...

Talvez tivesse razão... Mas ele, que se arriscava assim para avisar-me, não representava uma minoria por quem valia a pena sacrificar-me? Era ainda um resto de esperança, uma espécie de consolo desejado.

— O senhor é daqui?

Estávamos no escuro. E ele devia ter compreendido tudo que se agitava no meu espírito, a minha mágoa, a minha esperança, o desejo de ficar...

Moveu a cabeça tão lentamente que custei a perceber o que ele queria dizer.

— Não... não sou desta terra... Vim da Bahia...

— Então... por que veio? — Minha voz devia ser quase ríspida. Durante alguns momentos, ficamos ouvindo o vento bater na janela cerrada. Naquele instante era capaz de distinguir o mínimo ruído que partisse da terra.

Então, a voz do outro tornou-se velada, quase sombria:

— Não pergunte... Mecê não sabe... era vida de um home... tive pena... mecê é valente...

Como não ceder? A amargura invadiu-me numa onda pacificadora.

Dentro de mim, alguma coisa falava: “Um caboclo de fora... e há tantos anos!”

E essa mesma voz interior morreu sufocada na escuridão pesada que descia sobre mim. Tive a nítida percepção do isolamento, do desencanto na solidão do espaço.

— Realmente... seria um absurdo sacrificar-me ainda...

Entrei em casa e tomei o chapéu. Quando tornei a sair o amigo tinha desaparecido.

— Os bons amigos não duram muito — tornou-me a dizer a voz.

Caminhei para a casa de Anjo Gabriel. A noite tornara-se mais fria, e o vento, roçando as folhas perdidas na sombra, arrepiava-me a pele.

Falei tudo. Parecia-me estar no dia da minha chegada, analisando o alfaiate como então analisara.

Ao terminar, Anjo guardou o mesmo silêncio que durante a narrativa.

— Então?

Molhou os dedos na saliva e enrolando a linha, disse simplesmente:

— Que qué vossemecê que diga? Fuja...

Devia responder alguma coisa? Devia não responder nada? Foi o próprio alfaiate quem concluiu:

— Vossemecê tá malvisto aqui...

Então, sem esperar mais, levantei-me e saí.

Ante a casa do padre tornei a parar. Sentia-me obrigado a procurar o conselho de alguém.

A razão mandava-me partir... e entretanto não me resignava a sair assim.

— Sr. vigário, escute...

Ele ressonava, encolhido na rede. Enroscou-se como um caramujo e ficou de olhos fixos em mim, calado e ausente. Quando terminei, rematou baixinho, olhando para os lados:

— Fuja... pra que morrer?

Então saí sem dizer palavra, pois não podia falar coisa alguma que não fosse um extravasamento de furor...

Vi os vultos dos embarcadiços na praia e o riso das mulheres encheu-me os ouvidos.

A felicidade pairava como um sopro tênue.

Fui procurar Bento.

— Vossemecê parte mesmo? — perguntou-me consternado.

— Vou-me embora. Já não tenho o que fazer aqui, Bento. Você não vem comigo?

Baixou a cabeça, confuso. Esfregou o pé no chão, nervoso.

— É que Maria...

— Então adeus...

— Não se avexe, nhôzinho... Também vou.

Estacou e concluiu rapidamente:

— Só que eu queria levar Maria...

— E a sua mulher?

— Morreu...

Fomos caminhando e várias vezes tivemos de retornar à rota certa, pois embebidos nos nossos pensamentos, esquecíamos a direção que levávamos.

Avistamos a casa; era a habitação de uma sertaneja nordestina que Maria conhecera na jornada.

— Maria tá aí? — perguntou Bento, meio encabulado.

A mulata fitou o caboclo com ar sério. Depois, muito simplesmente, falou:

— Pois não sabia? Deu pra vida dessas aí... Virou rapariga depois das febre...

— Ah! sim...

Ficou escarafunchando o chão com o pé. Mais tarde, falou-me que tinha um nó na garganta; queria dizer alguma coisa e não podia. Pelo meu lado achava aquilo certo. Uma rapariga como aquela, não ficaria virgem muito tempo, misturada àqueles homens bárbaros.

— Tá bom, obrigado.

— Não tem de quê. Óia, cuidado com a cachorra... É a "Pelada", se ela latir, não se importe... Não morde não.

Fomos saindo. Caminhávamos à toa, sem conseguirmos formar um itinerário. Ouvimos os latidos da cadela, mas aquilo ficou longe como um sonho.

A estrada, quieta, dormia. Nossos passos, batendo as pedras, acordavam um eco triste, longo, cansado.

Vi as luzes que brilhavam como se fosse na borda do rio.

— Quantas hora?

— Umas dez...

— Mecê parte quando?

— Amanhã de manhãzinha.

— Tá bom... Então a gente conversa adispois.

— Por quê?

— Vou matutá no caso...

Compreendi. O caboclo precisava meditar sobre o sucedido. Natural...

— Bem, amanhã pela madrugada passo em sua casa.

— Bás noite, nhôzinho.

Doeu-me a tranqüilidade do capataz. Fui seguindo sozinho. Calculei a mesquinhez humana medida por aquela humilde parcela de infortúnio.

Um barqueiro cruzou comigo e disse:

— Então, coroné? O peixe vai sê bom... Não qué espiá as rede?

E como eu não respondesse nada, concluiu, afastando-se:

— Arrepare vossemecê como é noite de lua...

De fato, era noite de lua. Aquilo se derramava sobre as coisas como fumaça imóvel. As árvores tranqüilas estavam coroadas de luz e o rio parecia solidificado em grande parte numa lâmina de aço.